



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

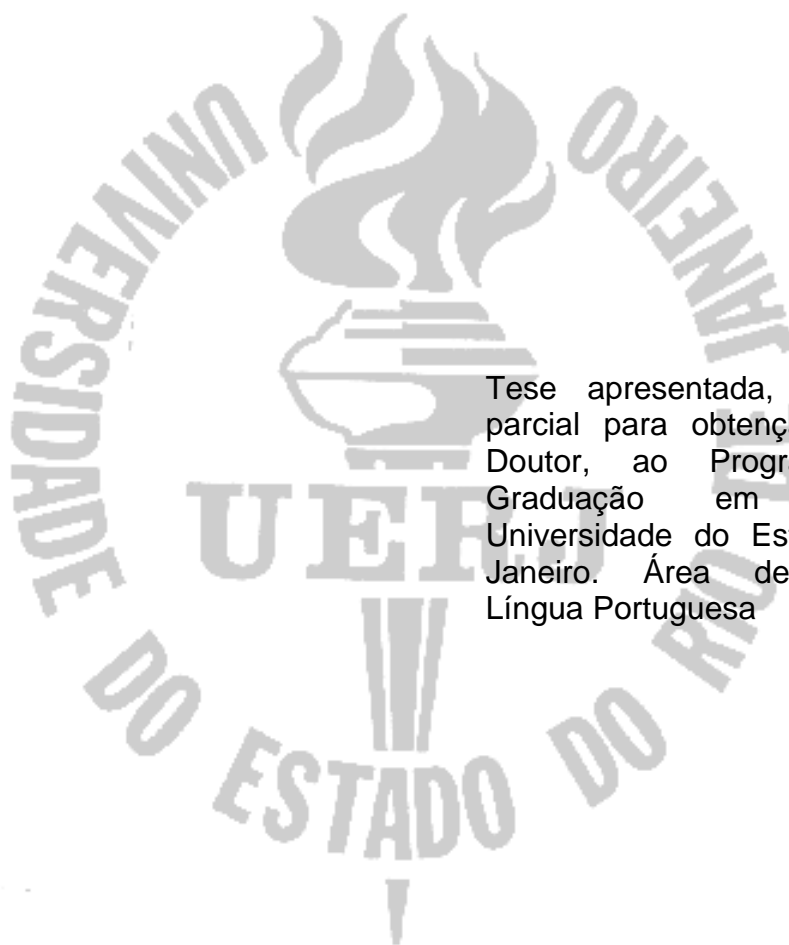
Carmen Pimentel

BLOG: da Internet à sala de aula

Rio de Janeiro
2010

Carmen Pimentel

BLOG: da Internet à sala de aula



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Gonçalves Pereira

Rio de Janeiro

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

P644 Pimentel, Carmen.
Blog: da internet à sala de aula / Carmen Pimentel. – 2010.
174 f.

Orientadora: Maria Teresa Gonçalves Pereira.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Blogs – Brasil – Teses. 2. Adolescentes – Diários – Teses. 3.
Língua portuguesa – Ensino auxiliado por computador – Teses. I.
Pereira, Maria Teresa Gonçalves. II. Universidade do Estado do Rio
de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 007:37(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese

Assinatura

Data

Carmen Pimentel

BLOG: da Internet à sala de aula

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa

Aprovada em 5 de maio de 2010

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Gonçalves Pereira (Orientadora)
Instituto de Letras da UERJ

Prof. Dr. Alberto José da Costa Tornaghi
Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESA

Prof. Dr. André Crim Valente
Instituto de Letras da UERJ

Prof^a. Dr^a. Denise Salim Santos
Faculdade de Comunicação Social da FACHA

Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu
Instituto de Letras da UERJ

Rio de Janeiro

2010

Para Marcella, Eduardo, Gisele e Beto,
por estarem sempre a meu lado.

Para Beatriz,
pela alegria renovada.

AGRADECIMENTOS

À Professora Maria Teresa, minha orientadora, primeiramente por ter abraçado a ideia do tema. Em seguida, pela dedicação, pelo cuidado, pelo carinho e, principalmente, pela firmeza nos momentos felizes e nos difíceis desta jornada.

Aos Professores André Crim Valente e Maria Teresa Tedesco, pelas valiosas observações para o desenvolvimento da pesquisa, por ocasião do Exame de Qualificação. Mantiveram-me no foco.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, por apontarem novas perspectivas em relação ao aprendizado e ao ensino da Língua Portuguesa.

À Luciana e ao Luiz, por serem sempre solícitos e dispostos a resolver qualquer problema.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Aos colegas do Doutorado, pela companhia constante, pelas trocas, pelas discussões preciosas em sala de aula, pelas novas amizades. Em especial, a Marcos Ponciano e Marcelo Beauclair, pelas contribuições incondicionais, e Fátima Fabrício, pela leitura atenta, minuciosa e carinhosa.

Aos meus alunos que, de uma forma ou de outra, fazem parte de todo o meu processo de aprendizagem.

À minha irmã Claudia, pela teoria compartilhada e pelas conversas madrugadas a dentro, esclarecendo dúvidas e confirmando certezas, fortalecendo a alma e empurrando o corpo em busca da conclusão deste trabalho.

À minha família. Sem ela, nada disso seria possível.



A literatura é o resultado de um diálogo de alguém consigo mesmo.
Mas [o blog] tem um aspecto muito positivo. Pôs a escrever pessoas que provavelmente nem nisso tinham pensado. Não é pequena coisa.

José Saramago

RESUMO

PIMENTEL, Carmen. *Blog: da Internet à sala de aula*. 2010, 174 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Os diários de escrita íntima constituem tipo de texto do domínio confessional. Apresentam narrativas pessoais com características específicas ao gênero, como datação, marcas de subjetividade, escrita informal e coloquialidade. Durante muitos anos, eram escritos em cadernos e guardados “a sete chaves” por seus autores para que não fossem lidos por outras pessoas. Por volta dos anos 80, surgiram as agendas de adolescentes. Aproveitando o modelo pré-definido industrialmente, as agendas eram preenchidas dia a dia, como um diário, mas com a novidade do acréscimo de elementos semióticos, como fotos, papéis de bala, recortes de revistas, entre outros. Além disso, traziam como diferencial a presença de um leitor participativo: os textos eram compartilhados com amigos, e bilhetes e comentários eram escritos nas páginas das agendas. Com o advento da Internet, o diário e a agenda se fundem no *blog* que aproveita os recursos do suporte virtual para tornar o gênero interativo, hipertextual e multimídia, acentuando o processo de leitura e de escrita nos jovens produtores de *blogs*. Paralelamente, a escrita se torna grande ferramenta de comunicação no ambiente virtual, adquirindo características peculiares em função da rapidez na comunicação e da economia de digitação. A partir da teoria de Bakhtin sobre gêneros do discurso e do conceito de gêneros digitais de Marcuschi, a pesquisa apresenta como objeto perceber e elencar categorias pertinentes aos gêneros diário e *blog* para analisá-las e compará-las, na intenção de mapear um possível percurso dos diários aos *blogs* de adolescentes, discutindo o contraste público-privado na escrita íntima, bem como suas principais marcas linguísticas, percebendo vantagens e desvantagens de sua utilização como ferramenta auxiliar no processo de aprendizagem da escrita e da leitura de Língua Portuguesa. A pesquisa foi motivada pela discussão de que a escrita digital pode prejudicar o desenvolvimento da produção textual de jovens em formação, o que não se confirmou, visto que a estrutura sintática da língua se mantém, e que a variação acontece apenas no nível vocabular, não interferindo na comunicação. Os resultados apontam para a utilização de *blogs* na educação como complementação do material pedagógico e como incentivo à leitura, à escrita, à construção da argumentação e do posicionamento crítico, aproximando a escola da vida cotidiana dos estudantes.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Gêneros digitais. Diário. *Blog*. Público e privado. Comunidades virtuais. Escrita eletrônica. Internet e ensino. Ensino da língua portuguesa.

ABSTRACT

Intimate writing diaries represent a text of a confessional nature. They show personal narratives with specific characteristics of the genre, with dates, subjective marks, informal writing and colloquialism. For years they were written in notebooks and locked up and hidden by the authors so no one else would read them. Around the 80's, the adolescent planners came out. Using an industrially predefined model, the planners were filled out every day as a diary, but included new semiotic elements, such as photos, candy wraps, magazine clips, among others. They also differed in the presence of a participative reader: the texts were shared with friends, and notes and comments were written in the planner pages. With the arrival of the Internet, the diary and planner merged into the blog, which uses virtual resources to become an interactive, hypertext, and multimedia genre, emphasizing the reading and writing process for young blog producers. At the same time, writing is the major communication tool in the virtual environment, acquiring peculiar characteristics due to a faster communication and less typing. According to Bakthin's theory on the discourse genres and Marcuschi's digital genre concept, the purpose of this study is to perceive and bring out categories inherent to the diary and blog genres to analyze and compare them with the purpose of mapping a potential route for planners and blogs of teenagers, discussing the public-private contrast in intimate writing as well as their main linguistic features, noticing the advantages and disadvantages of their use as an auxiliary tool in the learning process of writing and reading in the Portuguese language. The study was motivated by the debate that digital writing can harm the development of text production of young adults, which was not observed, since the syntax structure is maintained and the variation occurs in the vocabulary, which doesn't interfere with communication. The results point at the use of blogs in education as a supplement to the learning material and as an incentive to reading, writing, building critical argumentation and standpoint, bringing the students closer to the daily school of life.

Keywords: Text genres. Digital genres. Diary. *Blog*. Public and private. Virtual communities. Electronic writing. Internet and learning. Teaching portuguese.

RÉSUMÉ

Les journaux d'écriture constituent un type de texte du domaine confessionnel. Ils présentent des narrations personnelles avec des caractéristiques spécifiques au genre, comme précision de date, la subjectivité, l'écriture informelle et quotidienne. Pendant des années, ils étaient écrits dans des cahiers et bien cachés par ses auteurs pour qu'ils ne soient lus par les autres. Environ les années 1980, les agendas des adolescents ont apparus. En utilisant le modèle prédéfini industriellement, les agendas étaient remplis jour après jour, comme un journal d'écriture, mais en présentant des éléments sémiotiques comme nouveauté, par exemple, des photos, des papiers de bonbons, des découpes de magazines, parmi d'autres. En outre, ils avaient comme différence la présence d'un lecteur qui peut participer: les textes étaient partagés avec des amis et des billets et commentaires étaient écrits dans les pages des agendas. À partir de l'émergence de l'Internet, le journal d'écriture et l'agenda se sont fondus sur le *blog* qui profite des ressources du support virtuel pour transformer ce genre en interactif, hypertextuel et multimédia, en augmentant le processus de lecture et d'écriture des jeunes producteurs de *blogs*. Au même temps, l'écriture s'est tournée vers un grand outil de communication dans l'environnement virtuel, en gagnant des caractéristiques particulières, une fois qu'on a une communication rapide et une économie de temps au moment de taper. D'après la théorie de Bakhtin sur les genres du discours et du concept de genres digitaux de Marcuschi, cette recherche présente comme objectif comprendre et relever des catégories propres aux genres journal d'écriture et *blog* afin de les analyser et les comparer, en tenant pour objectif définir un parcours possible des journaux d'écriture aux *blogs* des adolescents, en examinant le contraste public-privé dans l'écriture intime, aussi que ses principales marques linguistiques, en se rendant compte des avantages et des désavantages de son utilisation comme outil auxiliaire dans le processus d'apprentissage de l'écriture et de la lecture de la Langue Portugaise. La recherche a été motivée par la discussion sur le fait de que l'écriture digitale peut compromettre le développement de la production textuelle des jeunes en formation, ce qui n'a pas été corroboré, une fois que l'écriture de la syntaxe de la langue rend la même et que la variation se passe seulement au niveau de vocabulaire, sans interférence dans la communication. Les résultats montrent l'utilisation des *blogs* dans l'éducation comme complément du matériel pédagogique et comme un moyen d'inciter la lecture, l'écriture, la construction des arguments et d'une position critique, en approchant l'école de la vie quotidienne des élèves.

Mots-clé: Genres textuels. Genres digitales. Journal d'écriture. *Blog*. Public et privé. Communautés virtuelles. Écriture électronique. Internet et enseignement. Enseignement de la langue portugaise.

SUMARIO

INTRODUÇÃO	11
1. DO DIÁRIO AO <i>BLOG</i>: UM PERCURSO DA ESCRITA ÍNTIMA	20
1.1. Definições e nomenclaturas: o uso do termo gênero	22
1.2. O gênero diário	30
1.2.1. <u>A escrita sobre si mesmo: a funcionalidade do gênero</u>	34
1.2.2. <u>As categorias do gênero diário (de papel)</u>	35
1.2.3. <u>A transposição do papel para o meio digital</u>	42
1.3. Gênero digital: o <i>blog</i>	46
1.3.1. <u>As categorias do gênero <i>blog</i></u>	49
1.3.2. <u>Categorias associadas ao meio digital: interatividade, hipertextualidade, multimídia, arquivamento</u>	58
1.3.3. <u>Um novo personagem: o leitor/autor</u>	66
2. COMUNIDADES VIRTUAIS: UM ENCONTRO NO CIBERESPAÇO	70
2.1. O público e o privado	71
2.2. Comunidades virtuais	74
2.3. Comunidades linguísticas em torno dos <i>blogs</i> de adolescentes	77
3. LINGUAGEM DA INTERNET: COMO ESCREVEM OS ADOLESCENTES	86
3.1. O <i>corpus</i>	87
3.2. Marcas de oralidade	89
3.3. Neologismos	97
3.4. Outros fenômenos	103
3.5. Variação e preconceito linguístico	108
4. TEXTURA E TEXTUALIDADE NOS <i>BLOGS</i> DE ADOLESCENTES	110
4.1. Os aspectos da textualidade na escrita dos <i>blogs</i>	111
4.2. Textualidade no meio digital	115
4.3. Escrita digital e textualidade	122
5. INTERNET E ENSINO: O <i>BLOG</i> COMO FERRAMENTA	124
5.1. Computadores na escola	125
5.2. O computador e o aprimoramento da língua escrita	128
5.3. O <i>blog</i> como ferramenta de ensino	140

6.CONCLUSÕES	150
REFERÊNCIAS	156
LISTA DOS BLOGS	163
GLOSSÁRIO	166
APÊNDICE A - Questionário	170
APÊNDICE B - Pelo mundo	172

INTRODUÇÃO

*Um homem que escreve não está jamais só.
Paul Valéry*

Muitos professores, educadores e pais se questionam a respeito da juventude que lê e escreve muito pouco, pois “vivem na Internet”. Observando a Internet, percebe-se que é estruturada basicamente com texto escrito. E, quem escreve tantos textos assim? São páginas pessoais, *blogs*, *chats*, *orkut*, *e-mails*¹, enfim, um apanhado de material escrito produzido por pessoas de todas as idades e, portanto, por jovens também.

A partir de tal observação, surgiu o questionamento: jovens não produzem mais textos hoje em dia como antigamente? Jovens leem pouco? Qualquer tempo gasto navegando na Internet inclui muita leitura e, possivelmente, muita escrita. Como a

¹ Ao final da tese, há um glossário com os termos relativos à temática, portanto nem todos serão explicitados no corpo do trabalho.

Internet, então, contribui para expandir hábitos de leitura e escrita nos jovens? Que leitura e que escrita são essas?

Sou professora há 20 anos e já lecionei em diversos segmentos do ensino: da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental, do Ensino Médio ao Superior. Desenvolver o gosto pela leitura e a habilidade da escrita sempre foi o foco da minha prática docente. Cursei Normal, graduei-me em Letras e fiz diversos cursos de atualização e especialização em Língua Portuguesa. Nos anos 90, apaixonei-me pela Informática.

Em meados daquela década, os computadores entraram na escola e provocaram uma revolução na Educação. Mais um desafio se instaurava em minha vida: aproveitar a ferramenta para inovar na prática de sala de aula. Parti em busca de informação e cursos que me inserissem na novidade e encontrei um mestrado em Informática que também tratava de Informática Educativa. A pesquisa versou sobre a utilização de um *software* de simulação para aulas de Física aplicado à construção de textos em aulas de redação². Auxiliada por alunos de 7ª série, os que acreditaram e se interessaram pela experiência, desenvolvi um trabalho divertido e criativo, articulando Informática com Língua Portuguesa. Era o início de uma nova jornada na atividade docente.

A partir desse momento, busquei promover nas aulas a integração das atividades de Língua, Redação e Literatura com a Informática. O resultado foram trabalhos desenvolvidos pelos próprios alunos, como a criação de jogos interativos, *cdroms*, *slides* de PowerPoint, tutoriais, entre tantos outros produtos, tornando o ensino da Língua mais atraente e significativo para eles. Quando a Internet passou a fazer parte desse leque de possibilidades, além de *homepages*, os *blogs* também ocuparam espaço nas aulas, ao lado do quadro-negro e de livros de literatura.

Hoje em dia, a Internet toma grande parte da vida de estudantes de todas (ou quase todas) as séries do ensino particular ou público, e aliar-se a ela é desafio para o professor. O interesse em esmiuçar uma das ferramentas oferecidas por esse

² Título da dissertação de Mestrado em Informática, pela UFRJ, concluído em 2000: *O Exercício do Raciocínio Sistemático na Prática Escolar – um exemplo em Língua Portuguesa*

mundo virtual – o *blog* – surgiu da curiosidade e da necessidade de estar mais perto do universo dos jovens que encontro em sala de aula e que utilizam a Internet como meio de comunicação e de divulgação da Língua Portuguesa.

A motivação final para seguir um doutorado, conjugando Língua Portuguesa e *blogs*, veio de uma mesa redonda formada pelo Professor Evanildo Bechara e pelo poeta Ledo Ivo, realizada na Universidade Estácio de Sá, em 2004, intitulada “De Gutemberg à Internet”, em que Bechara defendia o modo criativo como os jovens utilizavam a língua no meio digital. Atualmente, além de navegar por *blogs* e outras redes de relacionamentos em busca de explicações para o uso da língua em sua forma “digital”, tornei-me uma blogueira também! Utilizo *blogs* tanto como recurso pedagógico como registro de fatos que considero interessantes compartilhar com meu grupo de leitores.

Como professora, continuo na sala de aula tradicional, ministrando aulas de Língua Portuguesa e Literatura, sem deixar, no entanto, de acrescentar à minha prática o uso das ferramentas digitais para incrementar o processo de aprendizagem de meus alunos. Paralelamente, tornei-me tutora de cursos a distância pela Fundação Getúlio Vargas (FGVOnline), experiência que ainda pretendo relatar um dia.

O computador entrou em nossas vidas como maneira auxiliar no desenvolvimento da autonomia e da criatividade, no trabalho cooperativo, na interdisciplinaridade, na troca de informações e, principalmente, na comunicação. À medida que as redes de computadores crescem e que o volume de informações aumenta, desenvolvem-se novas ferramentas para facilitar o acesso e a localização dos dados disponíveis. Ao uso desses recursos chamamos “navegar na Internet”. O ambiente de rede configura-se como um meio de promover a cooperação, descobertas e transformações mediante a integração de pessoas conectadas à rede, favorecendo a construção de uma prática social com condições de ativar os mecanismos cognitivos e promover o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, resultando na construção de um método de organização e análise de dados.

Com as novas tecnologias da informação, muitas pessoas, cada vez mais, utilizam a Internet para se comunicar, para cooperar, para trabalhar, permitindo a definição e

redefinição permanente dos conteúdos em questão, favorecendo uma visão crítica. Por meio de *e-mails*, *blogs*, *Orkut*, *chats* e, recentemente, do *Twitter* pode-se contatar qualquer parte do mundo para trocar correspondência, conversar, pesquisar, estudar, informar-se.

O que mais chama a atenção, entretanto, é o intenso uso da escrita nos meios eletrônicos. Uma escrita com características específicas, próprias, uma escrita contemporânea, jovem. Mourão (2003)³ afirma que “a literatura gerada por computador é uma literatura do fluxo, do instantâneo, do móvel, do universal, do interativo. A informática põe em causa sobretudo a componente material do signo (...) confere ao texto informático características que não apresenta em nenhum outro suporte”. Das diversas formas de escrita que existem na Internet, a do *blog* merece especial atenção por ser, hoje em dia, bastante utilizado por milhares de jovens e adultos do mundo inteiro.

Essa grande conexão mundial através da Internet forma o ciberespaço. Para Lévy (2000), ciberespaço é um meio de comunicação que surge da interconexão de computadores espalhados por todo o mundo, envolvendo seres humanos e informações, primeiramente por meio do texto escrito. Já existem programas que permitem a comunicação pela fala e pela imagem; no entanto, a escrita ainda prevalece, pois a Internet é um meio em que todos os usuários são capazes de ler e publicar documentos.

Sherman (2001) aponta duas ondas (ou dois momentos distintos) relativas à escrita na Internet: durante a primeira onda, era necessário ter conhecimento específico de programação para que se conseguisse publicar algum texto no ciberespaço. Esse foi o momento das páginas pessoais em que seus autores escreviam sobre vários assuntos, mas preferencialmente sobre si mesmos. A segunda onda começou com o surgimento dos *blogs* – páginas de comentários com estrutura diferente daquelas. Desenvolveram-se ferramentas para facilitar o processo de produção e publicação dos *blogs*, gerando uma febre de usuários.

³ Disponível no site <http://www.triplov.com/creatio/mourao.htm>, recolhido em 28/7/2005.

Postar diários pessoais na rede é uma prática que teve início nos anos 90, com a primeira onda. Com algum conhecimento de programação, escrevia-se sobre seus dias, sentimentos, principais atividades e publicava-se na Internet. Pessoas comuns construíam um site pessoal e nele depositavam diariamente suas aventuras particulares. Naquela época, contava-se nos dedos a quantidade de *sites* desse tipo. Com o advento do *blog*, a partir da criação de uma nova ferramenta em 1999, milhares de diaristas⁴ de diferentes partes do mundo passaram a se valer da Internet para se expressar.

O *blog* é um recurso predominantemente textual que revolucionou as práticas de escrita e de leitura entre os jovens. Além disso, oferece possibilidades de relacionamento entre escritores e leitores, criando um ambiente interativo – uma comunidade virtual. Existem vários tipos de *blogs*: dos artísticos aos jornalísticos, dos literários aos educacionais. Interessa-nos, entretanto, os que remontam aos diários íntimos, os *blogs* pessoais.

Os *blogs* são utilizados como confessionário, local de catarse, promoção de si próprio e até como autoconhecimento. Milhares de escritores de diários íntimos encontram nos *blogs* a justificativa para a exposição de suas intimidades e de seus sentimentos, partilhando experiências. A facilidade de publicação trouxe agilidade e velocidade à produção dos diários íntimos.

Isso é basicamente o que os diferencia dos diários tradicionais: a publicação. O que antes era trancado “a sete chaves” e escrito à mão no papel, hoje se faz público, disponibilizado na Internet, e aceita comentários e intervenções. Tal tecnologia, portanto, é capaz de trazer alterações relevantes ao mundo do texto e da comunicação, bem como da autoria.

Pensar sobre o que muda na escrita dos jovens e o relacionamento que se estabelece entre eles por causa dos *blogs* é o interesse principal da tese. Para isso, será traçado um percurso do diário tradicional de papel ao diário virtual da Internet –

⁴ O termo “diarista” é amplamente utilizado por estudiosos do gênero diário e será também adotado aqui. Refere-se ao autor ou escrevente de diários.

o *blog* –, identificando as características que se mantêm e as que se alteram, além de investigar as que surgem com o novo suporte para a prática diarística.

Algumas categorias do diário tradicional discutidas na tese são fruto de minha observação e curiosidade, já que não existe bibliografia específica sobre o assunto. Outras são interações de ideias com autores que se dedicaram aos estudos dos diários e dos *blogs*. Escolher diários íntimos virtuais como objeto de investigação foi decisão tomada a partir do desejo de entender o motivo da exposição da intimidade na Internet, além do interesse pela escrita jovem e contemporânea praticada pelos escritores de *blogs*.

Para fazer um levantamento de características desse gênero de escrita, é preciso verificar primeiro o que o *blog* herda do diário de papel. Paiva (2004), em seu trabalho sobre outro gênero textual – o *e-mail* – afirma que um dos principais aspectos herdados dos textos escritos (em papel) é a assincronia. No *blog*, isso também acontece. Os textos são publicados em determinado momento para serem lidos em momento diferente. Outro aspecto diz respeito à informalidade – os diários de papel são escritos como uma conversa em que o autor “fala” com o diário, projetando-se nele. Nos *blogs*, dá-se a mesma situação, só que os interlocutores não são o diário, mas pessoas que navegam pela Internet. A oralidade é marca presente nos textos dos *blogs*, já que se estabelece um diálogo entre autor e leitor. O que acontece de fato é que os *blogs* herdam características de seu similar de papel, mas ganham outras em função do meio em que se inserem – a Internet. É justamente nessa diferença que se concentra a pesquisa.

Investiga-se, também, o surgimento de um novo elemento na relação leitura/escrita – o leitor/autor –, analisando o comportamento dos jovens que utilizam tal meio de comunicação no que diz respeito à sociabilidade, motivação e argumentação, e a formação de comunidades virtuais em torno dos *blogs*. As comunidades virtuais reúnem pessoas de diferentes lugares e culturas para discutirem assuntos de interesse comum.

Para Marcuschi (2004:22), “uma comunidade é uma coleção de membros com relacionamentos interpessoais de confiança e reciprocidade, partilha de valores e

práticas sociais com produção, distribuição e uso de bens coletivos num sistema de relações duradouras”. Se transferirmos essa definição para o ambiente dos *blogs*, teremos como membros os usuários (autor e leitores), a produção é o próprio texto escrito coletivamente, e, como os *blogs* estão na Internet desde o final dos anos 90, já poderíamos considerá-los duradouros.

A tese também analisa o uso da língua. No *blog*, como o que se escreve fica disponível para qualquer leitor, existe a preocupação com a legibilidade. A escrita ganha um novo espaço, mas com algumas variantes pertinentes ao meio – abreviações, símbolos e maneiras de usar a língua de forma econômica devido à fluidez do meio. Mattoso Câmara Jr. (1980:27) diz que “a língua é, de maneira geral, coletiva; mas cada um de nós tem certas peculiaridades linguísticas, ou pelo menos preferências, e há assim, de certo modo, múltiplas línguas individuais, ou idioletos (...). O estilo é em princípio, individual, (...) mas os traços estilísticos coincidem, em grande parte, nos indivíduos de uma sociedade linguística”. Então, nesse meio eletrônico, surge uma sociedade linguística com suas peculiaridades. Os *blogs* utilizam uma escrita menos monitorada e, portanto, mais livre nos aspectos morfológicos e lexicais. Há aqui uma relação contundente entre a oralidade e a escrita. Como a língua é utilizada numa relação mais íntima com a fala, a preocupação com a correção diminui. Em muitos casos, encontraremos textos com vocabulário mais relaxado e estruturas gramaticais inadequadas à norma culta.

A pesquisa pretende, assim, comprovar a existência de um novo gênero de escrita – o *blog* – a partir do levantamento de características pertinentes a esse tipo de texto, partindo da análise do gênero diário (de papel). Além de levantar categorias específicas do meio digital, faz-se necessário observar o uso da Língua Portuguesa na produção escrita nesse meio eletrônico, focando o estudo nos aspectos da norma padrão e da língua formal em confronto com a língua coloquial, identificando marcas de oralidade e termos específicos para verificar a provável formação de um dialeto para o meio.

Analisa-se, também, o uso de *blogs* como ferramenta pedagógica, auxiliar nas aulas de diferentes disciplinas, levando-se em conta seu caráter interativo e veiculador da língua escrita. Devido às suas características – atualização frequente; facilidade de

utilização; publicação de textos sem limite de tamanho; armazenamento de várias versões; interatividade (para cada texto publicado há espaço para comentários de outras pessoas); disponibilidade para todos (livro aberto), entre outras – os *blogs* são utilizados no contexto educacional, permitindo a troca entre grupos, a organização de conteúdos, o exercício da argumentação, a participação de vários alunos sem restrições (timidez, limite de tempo, número de alunos), a elaboração de projetos com acréscimo de diferentes mídias, entre outras possibilidades.

Quanto à escolha de *blogs* como *corpus* da pesquisa, deveu-se à grande utilização desse meio digital por um significativo número de pessoas, adolescentes e adultos, usando a língua escrita para expressar-se. Como o universo de *blogs* é imenso, e a temática muito variada, delimito a pesquisa aos *blogs* com características de diário íntimo, portanto, aos de escrita sobre si mesmo. Nessa categoria, entretanto, o número de *blogs* também é grande, determinando um novo recorte de acordo com a faixa etária. Procurei os *blogs* produzidos por jovens entre 10 e 16 anos, aproximadamente, já que muitos não apresentam identificação precisa.

A partir disso, estabeleceu-se uma quantidade de *blogs* a serem analisados. Como um dos objetivos da tese é verificar a variação linguística utilizada pelos jovens na produção de seus textos nesse meio digital, procurei os que mais apresentavam tal tipo de escrita, excluindo *a priori* os que não traziam marcas específicas da escrita digital. Finalmente fez-se uma seleção aleatória de 50 *blogs* dentro de tal universo delimitado.

A tese analisa a Língua Portuguesa no corpo desses *blogs* em um levantamento de itens gramaticais pertinentes ao meio digital. De acordo com o embasamento teórico designado para a análise da língua, observa-se o uso coloquial e/ou formal nos textos – que marcas apresentam, uso de vocabulário específico (gírias, neologismos, abreviações), construção frasal, entre outros.

Uma outra investigação consiste no acompanhamento de alguns *blogs* por um determinado período de tempo para verificar a participação dos interlocutores (autores e leitores) e constatar a formação de um novo elemento – o leitor/autor, como ele se apresenta, qual a sua participação, que interferências causa no texto do

autor, entre outros procedimentos. Esse aspecto também fará parte da caracterização do *blog* como gênero textual, já que o novo elemento não se relaciona ao gênero diário de papel.

Por fim, pretende-se argumentar sobre uma possível finalidade pedagógica dos *blogs*. Alguns *blogs* educacionais que já existem são analisados em sua estrutura e em seu funcionamento, a fim de avaliar sua eficácia e elaborar uma proposta de trabalho para professores, utilizando-os como ferramenta complementar em sala de aula, contribuindo para o enriquecimento do trabalho de professores da Língua Portuguesa, tanto no aspecto gramatical como na produção escrita.

Cabe ressaltar, ainda, que, pela vida muito curta, dinâmica, rápida, assim como tudo ligado à informática, alguns dos *blogs* citados podem não estar mais no ar ou não serem mais atualizados; pois, muitas vezes, os blogueiros decidem mudar a temática de seus *posts* e passam a criar um novo *blog* para o novo assunto. O anterior permanece, porém, sem atualizar-se, gerando o lixo da Internet.

1. DO DIÁRIO AO *BLOG*: UM PERCURSO DA ESCRITA ÍNTIMA

*Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém,
e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda.*
Anne Frank

A Internet promoveu uma revolução social, levando as pessoas a se adaptarem aos novos usos do computador: bancos *on-line*, compras pela Internet, consultas em quiosques de *shoppings*, enfim, uma variedade de situações do dia a dia passou a incorporar a grande rede virtual na execução das mais simples tarefas.

Após uma rápida retrospectiva no setor da comunicação, observa-se que as mudanças vêm ocorrendo há muito porque

- o fax substituiu o telex;
- muitas corporações adotaram o correio eletrônico no lugar do fax;

- o comércio e as transações financeiras se inserem cada vez mais na Internet;
- o telefone e a Internet estão-se unificando, como consequência da digitalização das linhas telefônicas;
- com a ampla difusão da telefonia celular, também digital, os computadores, inclusive os portáteis, passaram a ter uma conexão Internet sem fio, facilitando a comunicação.

Além disso, a Internet também causou uma revolução linguística. A forma linear de leitura, em busca do todo, foi substituída pela leitura do hipertexto⁵, que promove uma ruptura na ideia de completude, aproximando-se do pensamento humano. Ler um hipertexto é como usar uma enciclopédia com referências a outros assuntos, remetendo o leitor a outras seções em busca de mais informações. O espaço virtual da Internet é considerado um grande hipertexto, e saber lê-lo ou, na linguagem dos internautas, *navegar por ele*, é um aprendizado amplo e variado.

A Internet traz consigo, ainda, a velocidade de transmissão de informações, apontando para mais uma revolução – a da comunicação. Para Lévy (1993; 2000), a Internet se constitui numa rede de comunicação de todos com todos, representando uma teia cognitiva em que os nós (ou *links*) podem apresentar caráter lógico ou representar relações semânticas e, por isso, assemelha-se ao pensamento humano.

Ao lado da velocidade de transmissão das informações, outro item da revolução linguística se apresenta: a escrita digital. A necessidade de escrever mais rápido, usando recursos que simulam uma conversa em tempo real, levou os internautas a desenvolver uma variante da língua repleta de reduções, abreviações e símbolos, sempre com o intuito de agilizar a digitação de palavras, frases, textos.

Em decorrência dessa revolução linguística e do uso cada vez mais frequente de computadores e Internet, surgem gêneros de escrita pertinentes ao meio digital. Em outras palavras, gêneros textuais já convencionados pela sociedade são

⁵ Para Xavier (2002:110), hipertexto é um modo de enunciação digital que engloba texto, imagem e som. Para Lévy (2000:56), hipertexto é um texto estruturado em rede; uma enciclopédia é um hipertexto. Os textos da Internet são hipertextos, pois são constituídos por nós e *links* que permitem uma leitura não-linear.

transportados para o novo meio de comunicação – a Internet – sofrendo adaptações relativas ao espaço virtual.

1.1. Definições e nomenclaturas: o uso do termo gênero

De acordo com as diferentes situações de uso, os enunciados se organizam e se agrupam em tipos, conforme a finalidade da comunicação. Para Bakhtin (1997:302), quando um indivíduo utiliza a língua para se comunicar, sempre o faz por meio de um tipo de texto, conscientemente ou não. Nesse sentido, a língua se realiza por enunciados, orais ou escritos, previamente dominados pelo indivíduo. Caso não fosse assim, a comunicação se tornaria praticamente inviável. Segundo o autor,

aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

Os enunciados são utilizados – de maneira organizada e agrupada – em toda atividade humana. Essas atividades caracterizam-se por objetivos específicos e por condições especiais de uso, tornando os enunciados emitidos pelos indivíduos relativamente estáveis, comumente associados a elas. Os enunciados, mesmo variando em extensão, conteúdo e estrutura, conservam características comuns, denominados por Bakhtin de gêneros de discurso. Em dado momento, o termo gênero se relacionou aos estudos literários, surgindo a expressão gênero textual. A partir dessa compreensão, passou-se a analisar e classificar os variados tipos de enunciados, para que melhor se compreendesse o processo de comunicação entre os indivíduos.

A primeira classificação que se pode fazer dos textos encontrados com mais frequência no dia a dia é bastante reducionista e abrangente, provavelmente herdada da cultura greco-latina. Formam-se dois únicos grupos: o dos textos literários e o dos textos não-literários. No primeiro grupo, estariam os textos ligados à literatura e, portanto, ficcionais, como conto, crônica, poesia, novela etc. No segundo, os informativos: notícias, avisos, propaganda, verbetes enciclopédicos etc.

Outra classificação agrupa os textos em três grupos, segundo a funcionalidade:

- ✓ Textos práticos – relacionados às ações do cotidiano, apresentam estrutura simples, como cartazes, placas, bilhetes, manchetes, notícias, propagandas, relatos;
- ✓ Textos científicos – objetivam proporcionar o acesso ao conhecimento das diferentes áreas do saber. Utilizam uma linguagem mais formal. São os verbetes de dicionário e enciclopédia, os tratados científicos, matérias jornalísticas e até as anotações escolares;
- ✓ Textos literários – preocupam-se mais com a linguagem e não com a informação. Geralmente têm caráter ficcional, voltando-se ao imaginário. São as narrativas, os contos, as lendas, fábulas, poemas, enfim, todo o universo da literatura.

Kaufman e Rodriguez (1995:11), para quem “a necessidade de estabelecer tipologias claras e concisas obedece, fundamentalmente, à intenção de facilitar a produção e a interpretação de todos os textos que circulam em um determinado ambiente social”, sugerem uma classificação mais abrangente.

O quadro 1 mostra que tal classificação privilegia os textos que aparecem com mais frequência na realidade social e no universo escolar:

Textos literários	conto; novela; obra teatral; poema
Textos jornalísticos	notícia; artigo de opinião; reportagem; entrevista
Textos de informação científica	definição; nota de enciclopédia; relato de experimento científico; monografia; biografia
Textos instrucionais	receita; instrutivo
Textos epistolares	carta; solicitação
Textos humorísticos	história em quadrinhos
Textos publicitários	aviso; folheto; cartaz

Quadro 1: Classificação dos textos segundo Kaufman e Rodriguez (1995:13)

As autoras ainda propõem outra classificação que leva em conta as funções da linguagem (apoiadas em Jakobson, anos 60) e os tipos de trama dos textos (elencados por Werlich, na década de 70).

De acordo com elas, as principais funções da linguagem são a **informativa**, que conduz o leitor, da forma mais direta possível, a identificar e/ou caracterizar as diferentes pessoas, acontecimentos e fatos que constituem o assunto do texto; a **literária**, que tem como objetivo a intencionalidade estética, utilizando os recursos da língua para dar prazer e produzir mensagem artística, obra de arte; a **apelativa**, que objetiva modificar comportamentos, e, por fim, a **expressiva**, que manifesta a subjetividade do emissor, seus estados de ânimo, seus afetos, suas emoções.

As tramas dos textos dizem respeito aos diversos modos de estruturar os recursos da língua para veicular as funções da linguagem. São elas: a **narração**, que apresenta fatos ou ações em uma sequência temporal e causal; a **argumentação**, que enumera, comenta, explica ou confronta ideias, conhecimentos, opiniões, crenças ou valores; a **descrição**, que especifica e caracteriza pessoas, objetos, lugares, e a **conversação**, em que aparece a interação linguística que se estabelece entre os diferentes participantes de uma situação comunicativa.

Tal classificação, entretanto, não abrange todo o universo de textos encontrados na sociedade, pois os critérios utilizados ora são de proveniência sociolinguística, ora funcional; em outros momentos, abordam apenas as características formais e estruturais. Segundo Oliveira (2004), um texto precisa ser avaliado a partir de, pelo menos, dois critérios: um **linguístico**, referente à estrutura do texto; outro **situacional**, associado à situação comunicativa em que se insere. Além desses dois, o autor também chama a atenção para a produção do texto pertencer a determinado contexto cultural.

Orlandi (1983) trata a questão da tipologia textual articulada a uma tipologia do discurso, pois é a correlação entre elementos da organização textual com suas condições de produção que determinarão o tipo de texto em jogo. Koch e Fávero (1987:5) compactuam dessa ideia: “uma tipologia do discurso baseia-se em critérios ligados às condições de produção dos discursos e às diversas formações discursivas em que podem estar inseridos.”

As tipologias textuais relacionadas aos discursos produzidos assim se organizariam, de acordo com as autoras, no quadro 2:

Referência	Discurso
Institucional	político, jurídico, religioso etc.
Ideológica	de direita, de esquerda, racista, feminista,
Aos domínios do saber	filosófico, médico, científico, poético, jornalístico etc.
A antiga retórica	deliberativo, epidítico, judiciário
A relação da linguagem com suas condições de produção de sentido – interação e polissemia	autoritário, polêmico, lúdico

Quadro 2: Tipologias textuais segundo Koch e Favero, 1987:5

A classificação leva em conta esquemas conceitual-cognitivos; características formais e convencionais; meios linguísticos utilizados pelos interlocutores. A partir disso, as autoras (*ibid*, p.7) elencam três dimensões interdependentes como base para o estabelecimento de critérios para uma tipologia textual:

- a) dimensão pragmática, que diz respeito aos macroatos de fala que o texto realiza e aos diversos modos de atualização em situações comunicativas;
- b) dimensão esquemática global, ou seja, os modelos cognitivos ou esquemas formais, culturalmente adquiridos;
- c) dimensão linguística de superfície, isto é, as marcas (sintático/semânticas) encontradas no texto que facilitam ao alocutário o esforço de compreensão, permitindo-lhes formular, a partir delas, hipóteses sobre o tipo de textos.

Num ato de comunicação, portanto, estariam envolvidas as três dimensões responsáveis pela compreensão e troca de informações entre os interlocutores, constituindo uma espécie de contrato comunicacional. Os interlocutores dominariam, de certa forma, o tipo de texto utilizado no momento da interlocução.

Na visão de Marcuschi (2003a:23), tipos e gêneros constituem duas noções diferentes, conforme o quadro 3:

Tipos Textuais	Gêneros Textuais
1. constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas;	1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas;
2. sequências linguísticas ou sequências de enunciados no interior dos gêneros, não sendo textos empíricos;	2. textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;

3. nomeação abrangendo um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3. nomeação abrangendo um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição;	4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, aula expositiva, romance, reunião de condomínio, lista de compras, conversa espontânea, cardápio, receita culinária, inquérito policial etc.

Quadro 3: Tipos e gêneros textuais segundo Marcuschi, 2003a:23

Geralmente, usa-se a expressão “tipo de texto” erroneamente para designar um gênero textual. Marcuschi (*ibid*, p.25) comprova essa observação ao afirmar que “quando alguém diz, por exemplo, *a carta pessoal é um tipo de texto informal*, ele não emprega o termo ‘tipo de texto’ de maneira correta [...]”, pois se trata de um gênero textual. Outro aspecto destacado pelo autor é que “em todos os gêneros também se está realizando tipos textuais, podendo ocorrer que o mesmo gênero realize dois ou mais tipos. Assim, um texto é em geral tipologicamente variado (heterogêneo)”.

Os tipos textuais são definidos por seus traços linguísticos predominantes: aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas. Por isso, um tipo textual é dado por um conjunto de traços que formam uma sequência e não um texto. De acordo ainda com Marcuschi (*ibid*, p.27), “quando se nomeia um certo texto como ‘narrativo’, ‘descritivo’ ou ‘argumentativo’, não se nomeia o gênero, mas o predomínio de um tipo de sequência de base.”

Marcuschi ainda aponta outra noção na análise de textos associada à situação comunicativa: o domínio discursivo. Segundo o autor (*ibid*, p.23-24),

usamos a expressão *domínio discursivo* para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses *domínios* não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em *discurso jurídico*, *discurso jornalístico*, *discurso religioso* etc., já que as atividades não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas.

A partir de nomenclatura tão diversa, Travaglia (2003:102) propõe uma organização que difere três elementos tipológicos básicos: tipo, gênero e espécie. O primeiro – tipo – instaura um modo de interação, de interlocução. É “a perspectiva do produtor do texto em relação ao objeto do dizer quanto ao fazer/acontecer ou conhecer/saber e quanto à inserção destes no tempo e/ou no espaço”. A classificação coincide, à primeira vista, com o que Kaufman e Rodriguez (1995) chamaram de trama: descrição, argumentação, narração e texto conversacional; enquanto Travaglia (2003), de descrição, dissertação, narração e injunção.

A relação de interlocução produtor/leitor do texto que se estabelece no elemento *tipo* determina o grau de convencimento (texto argumentativo), de antecipação (texto preditivo), de atitude comunicativa de comprometimento ou não (texto do mundo comentado ou texto do mundo narrado, respectivamente) e, ainda, a busca de um mundo interior ou exterior – os gêneros lírico (voltar-se para si mesmo), épico (admirar o acontecido) e dramático (exposição e/ou análise das relações entre os seres) da Teoria Literária.

O segundo elemento tipológico – *gênero* – caracteriza-se por exercer uma função social específica. O gênero epistolar ou correspondência exerce a função social de permitir a troca de informações; a notícia ou reportagem, de divulgar fatos ocorridos em determinada região; o gênero didático, de ensinar.

Espécie é o terceiro elemento elencado por Travaglia (2003:106): “se define e se caracteriza por aspectos formais de estrutura (inclusive superestrutura) e da superfície linguística e/ou por aspectos de conteúdo”. No caso do gênero romance, encontram-se as seguintes variações de espécies: romance histórico, psicológico, fantástico, regionalista, policial, entre outros. No gênero correspondência, a carta, o telegrama, bilhete, ofício etc.

Como, entretanto, o termo gênero já está muito difundido entre professores e educadores, para este trabalho, será utilizada a terminologia adotada por Oliveira (2007), que coloca os textos descritivo, narrativo, argumentativo, expositivo, enunciativo e injuntivo dentro do grupo “modos de organização do texto”. Tal

classificação está relacionada às marcas linguísticas do texto, portanto é uma classificação intratextual.

O segundo grupo, de acordo com Oliveira, é denominado “domínios discursivos” e classifica os textos em jornalístico, literário, publicitário etc., da mesma forma que Marcuschi, numa visão extratextual. Cada domínio discursivo se subdivide em “gêneros”. Assim, o que para Travaglia é espécie, para Oliveira e Marcuschi é gênero. De todas as nomenclaturas já discutidas anteriormente, esta parece a mais adequada e a de mais fácil entendimento.

O quadro 4 mostra a proposta de Oliveira comparativamente a outros autores, no que tange aos modos de organização do texto:

	<i>Werlich</i> (1975) ⁶	<i>Fávero;</i> <i>Koch</i> (1987)	<i>Adam</i> (1987)	<i>Charaudeau</i> (1992)	<i>Marcuschi</i> (2002)	<i>Oliveira</i> (2004)
1.Descritivo	+	+	+	+	+	+
2.Narrativo	+	+	+	+	+	+
3.Argumentativo	+	+	+	+	+	+
4.Expositivo	+	+	+		+	+
5.Injuntivo	+	+	+		+	+
6.Preditivo		+				
7.Poético			+			
8.Conversacional			+			
9.Enunciativo				+		+

Quadro 4: Categorias dos modos de organização textual segundo Oliveira, 2007:85

Oliveira chama a atenção para o fato de que as propostas dos diferentes autores não somam mais que nove categorias, referindo-se às escolhas do produtor do texto quanto ao léxico, aos objetivos do texto e à sua estrutura, gerando o que Charaudeau e Mainguenu (2004:130) definem por *contrato de comunicação*. O contrato é estabelecido entre quem produz o texto e quem o interpreta. Associado ao contrato de comunicação está o gênero textual, o conjunto resultante de temática, estrutura, sintaxe, vocabulário, etc, escolhidos para a produção do texto.

⁶ A referência ao ano é somente para localizar o autor e sua proposta no tempo.

Na constituição do gênero, Bakhtin (1997:279) ressalta três elementos envolvidos no processo: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Os elementos são resultantes das escolhas do autor na hora da construção do texto. Dessa forma, a partir das categorias de Oliveira e dos elementos de Bakhtin, os textos em análise na tese (diário e *blog*) podem ser classificados da seguinte maneira:

Modo de organização textual	Domínio discursivo	Gêneros	Sub-gêneros
Narrativo	Confessional	Diário	Diário íntimo; Diário feminino; Diário de classe; Diário de bordo; Diário de guerra; Diário de viagem; Diário de adolescente; Diário de escritor; Diário de anotações; etc.
		<i>Blog</i>	<i>Blog</i> pessoal ou íntimo; <i>Blog</i> jornalístico; <i>Blog</i> literário etc.
		Confissão	
		Memórias	
		Autobiografia etc.	

Quadro 5: Classificação do diário e do *blog*

O diário e o *blog* são vistos como gêneros textuais do domínio discursivo confessional, já que trazem marcas de diário pessoal, enquadrado no modo narrativo por serem relatos do cotidiano. Cada um dos gêneros de narrativa confessional encerra características distintas, formando os sub-gêneros. Como exemplo, um diário oficial representa um registro sistemático de fatos, sem qualquer interpretação. Já um diário de anotações, segundo Alves (1997:225), “consiste numa tentativa compreensiva e sistemática, enquanto se escreve, de clarificar ideias e experiências, para depois, como documento, se regressar a ele e aprender pela interpretação do que ficou escrito”. O *blog* pessoal, por sua vez, serve como meio para o registro diário de vivências de seu autor, usando a Internet como suporte.

Dessa forma, para cada um dos gêneros listados no quadro 5 é possível fazer uma outra subdivisão (os sub-gêneros) a partir dos elementos elencados por Bakhtin. Assim, para o gênero *blog*, teríamos alguns sub-gêneros diferentes de acordo com o tema, o estilo do autor e a composição do texto, a saber, *blog* pessoal, *blog* jornalístico, *blog* literário, entre outros.

1.2. O gênero diário

O instinto autobiográfico é tão antigo quanto o ato de escrever, já que se constitui a partir de um dos atos de fala básicos que é a narração. Contar histórias é tão antigo quanto a existência do homem. De acordo com Villanueva (1991:95-113), narrando acontecimentos, o homem explica seu passado e seu presente; aventura-se pelo futuro; justifica seus atos; é verdadeiro ou mentiroso; responsável ou não, sempre com força ilocutiva e intencionalidade perlocutiva, isto é, exercendo sobre o outro, pela palavra, um determinado efeito persuasivo.

Rosa Meire de Oliveira (2002:18) diz que os diários eram, em sua origem, manifestações públicas e comunitárias. Objetivavam narrar acontecimentos relativos a um grupo social ou feitos históricos de personagens marcantes de determinada comunidade. Os diários passaram a ter caráter mais íntimo com os protestantes ingleses, que faziam anotações sobre suas condutas e trocavam uns com os outros para analisarem a possibilidade de salvação dos pecados:

O caráter privado do diarismo, embora tenha prevalecido nos últimos 100 anos, aparece pela primeira vez no século X, no Japão, com os *pillow books* das mulheres da corte de Heian. O diário oferece, ainda, uma natureza semipública, quando, no século XVII, na Inglaterra, proliferam os diários espirituais, uma categoria de pré-diários que mais tarde vai contribuir para o aparecimento do diário íntimo como “o livro do eu”. Neste momento de efervescência do uso dos diários, eles serviam como objeto de expiação de faltas e culpas.

Conforme ressalta Lejeune (1971), a literatura centrada no sujeito já aparece nas cantigas de amor e de amigo da lírica portuguesa medieval, do século XII. O discurso íntimo, na tradição da literatura ocidental, manifesta-se, no entanto, bem mais tarde que o ato narrativo. Somente quando a sociedade burguesa se

estabelece no século XVIII, a noção de indivíduo toma corpo quando o homem se convence de sua existência⁷.

O marco dos diários íntimos é atribuído ao escritor inglês Samuel Pepys (1633-1703), que durante dez anos escreveu suas memórias em escrita taquígrafa. Em seus diários, publicados somente em 1825, depois de descobertos e decifrados, Pepys narra sua vida como homem importante da corte inglesa, refletindo a respeito da sociedade e sobre si mesmo.

No final do século XVIII e início do XIX, com a publicação dos diários de outros autores ingleses, os diários íntimos ganham força e popularidade. Com as descobertas de Freud sobre o consciente e o inconsciente, os diários íntimos tornam-se instrumentos de reflexão sobre si mesmo. Além disso, em sua maioria, são produções de escrita feminina.

Foi somente no final do século XIX que se pôde realmente falar no diário como o "livro do eu". Mudanças científicas e culturais movimentaram o mundo civilizado e favoreceram o hábito de uma maior investigação e reflexão interiores. Entre os fatores estão as descobertas de Freud sobre o consciente e a natureza do inconsciente, associadas ao desenvolvimento do Romantismo, como elemento cultural. A partir desse momento, diários tornaram-se o local onde o hábito de inquirir e refletir sobre si mesmo terminava se realizando. Coincidentemente, é também a partir dessa conjunção que diários começam a ser associados à escrita de mulheres. (OLIVEIRA, 2002:48)

Partindo-se da definição de Lejeune (1973, nota 9) para autobiografia – relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, com ênfase na vida individual e, em particular, na história de sua personalidade –, constata-se que o gênero diário íntimo se enquadra perfeitamente nessa definição. O relato retrospectivo, dia a dia, de sua existência, enfatiza a história e a personalidade do diarista que, na realização do projeto autobiográfico, recompõe a vida através do tempo.

O diário íntimo diferencia-se, entretanto, da autobiografia em relação à perspectiva de retrospectão, pois a distância temporal e espacial entre o eu vivido e seu registro é menor naquele. Como o diário é uma escrita privada, não comporta o pacto pré-estabelecido entre autor e leitor, como na autobiografia, deixando o gênero sem

⁷ No capítulo 2, será analisado o contexto social, histórico e cultural em que se dá a passagem do público para o privado e sua implicação sobre a produção de diários.

obedecer a qualquer modelo, pois ao narrar o que fez, o diarista está na verdade em busca de dizer quem ele é por meio da linguagem.

De acordo com Maciel (2004:85), a narrativa no modelo diário

inclui-se entre as formas autobiográficas por ser uma escrita voltada para um "eu" que se revela e difere das demais formas confessionais por ser escrita à medida que os fatos vão acontecendo, ou melhor, por relatar os fatos também retrospectivamente, mas num espectro de tempo muito menor. Os diários são também um retorno ao passado, mas a um passado recém acabado, sem um objetivo preciso de buscar nada além do que a vontade determina.

O diário é um relato fracionado, que procura contar um passado recente (na verdade, com lapso de tempo aproximado de um dia) num registro em que um "eu", com vida própria e extratextual, comprovada ou não, anota periodicamente e com auxílio de datas, um conteúdo muito variável, "mas que singulariza e revela, por escolhas particulares, um eu-narrador sempre muito próximo dos fatos" (*ibid*, p.86)

O diário, de modo geral, cria a ilusão da espontaneidade e do imediatismo tanto pelas fragmentações e elipses, quanto pelo pacto entre autor e leitor. Deve-se considerar o diário como um registro de experiências pessoais e observações passadas, identificado como um documento pessoal, em que o sujeito que escreve inclui interpretações, opiniões, sentimentos e pensamentos, sob uma forma espontânea de escrita, com a intenção de falar para si mesmo. O diário é, portanto, um retrato de quem o escreve, já que o diarista registra, praticamente no momento em que vive, uma experiência, captando as disposições do espírito e os pensamentos mais íntimos.

Para Remédios (1996:2), a literatura confessional atrai o leitor justamente por essa característica de retratar o autor, aproximando os dois:

Diários íntimos, autobiografias, relatos pessoais, confissões, tomam-se produto de consumo corrente, marcados pela crença no indivíduo, pela atitude confessional e pelo objetivo de preservar um capital de vivências e recordações de fatos históricos. Por que se lê um diário íntimo ou uma autobiografia? Quais as razões que movem o leitor? a curiosidade? a identificação de problemas com o autor? a procura de uma consolação? a admiração por um herói, por um artista, por uma pessoa qualquer? A literatura confessional é aquela que mais se aproxima do leitor, porque fala de um eu, de uma pessoa viva que ali se encontra e que diante do leitor desnuda sua vida, estabelecendo-se, então, uma perfeita união entre autor e leitor.

Tanto a escrita quanto a leitura de um diário estão diretamente ligadas à necessidade que ambos – autor e leitor – têm de conhecer a si mesmos, da busca interior. Há uma projeção natural do leitor naquele personagem-autor do diário, e vice-versa. A presença de um leitor, mesmo que imaginário, leva o autor, movido pela curiosidade, a desnudar sua vida.

Vê-se o diário como uma forma de discurso da liberdade, sem leis nem limites que prendam o autor a regras fixas da estética textual. Para Didier (1976:7-33), o diário pertence ao modo descontínuo, porque a memória não desempenha nele o papel orgânico, organizador. Por outro lado, parece desejar o contínuo, já que mantém constante o temperamento e o eu. A datação, indispensável ao diário, afirma-se como um signo de inserção no tempo e um meio de escapar ao esquecimento e às inexatidões da memória. Paradoxalmente, há uma descontinuidade de fragmentos textuais aliada à continuidade, à progressão dos dias. Por tais aspectos, o diário prevê uma mudança de concepção do texto literário: a obra não é mais um objeto tentando alcançar a perfeição, mas um organismo vivo, sempre em vias de mudanças estruturais.

Ainda que se destine ao próprio diarista (já que é manifestação íntima e privada), a escrita de diários mantém a característica de ato comunicacional, pois apresenta um diálogo entre o primeiro destinatário – o próprio diarista, o “eu sujeito” – e o “eu objeto”, representado pelo diário propriamente dito, o que explica a presença de elementos de comunicação como saudação, vocativo e despedida.

Nesse sentido, considera-se o diário como uma busca interior do eu espelhado em um outro materializado no papel e no registro do próprio eu. O diarista convida o leitor (no caso de haver um) à cumplicidade e à empatia, visto que o caráter confessional instiga curiosidade, e a estrutura do diário projeta no possível leitor o outro, espelho de si.

O diário, durante muito tempo, não foi considerado um texto literário por causa de seu caráter confessional e não ficcional, sendo, por isso, classificado como gênero menor, sem utilidade social. A escrita reflete a vivência de um eu que se confessa, sem preocupação com a busca da perfeição literária. As palavras revelam um outro

que, no fundo, é o eu-narrador, centralizado no sujeito narcísico com uma função, muitas vezes, catártica – uma possibilidade de o diário representar uma espécie de alter-ego do diarista.

1.2.1. A escrita sobre si mesmo: a funcionalidade do gênero

Na atualidade dinâmica e volátil em que nos inserimos, a literatura confessional torna-se uma necessidade, tanto por narrar a própria experiência do autor, quanto por buscar, por meio da leitura, uma identificação com um outro "eu" que se revela por esses escritos. Tais formas autobiográficas, entretanto, apresentam desvios, intencionais ou não, pois o que alguém escreve sobre si toma ares de ficção por causa do distanciamento temporal e do caráter de memória que o texto adquire.

Existem casos de diários íntimos escondidos ou destruídos pelo diarista, ou por outros ao final de sua vida, para que não fossem lidos. Ainda assim, os diaristas, mesmo que não conscientemente, idealizaram um leitor (real ou imaginário) numa postura semelhante a do escritor de uma autobiografia. Segundo Barcelos (2007:52), “uma encenação voluntária da subjetividade é uma inscrição, nesse jogo textual, de um sujeito que não é exatamente aquele esboçado pela reflexão do diarista, mas aquele construído coletivamente, pela rede de alteridades.”

O diário é o registro de uma voz sem imposições ou forças exteriores que o façam calar. É resultado de um impulso interior e de liberdade de pensamento com tom confessional, marcado tanto pela euforia da narração de eventos vitoriosos como pelo desânimo dos insucessos. No diário, o autor escreve para si e sobre si, sobre suas aventuras e desventuras, sem a censura externa. Ao escrever para si mesmo, o diarista liberta-se da necessidade de justificativas explícitas, pois conhece a situação que expõe e focaliza o instante presente por ele vivido. Mesmo com um provável leitor em mente, escreve sem a preocupação de ser lido, pois tem clara a necessidade de se autoconhecer através do diário.

Nessa escrita para e sobre si, o diarista contempla a alteridade como referência para a identidade, sem necessidade de justificativas. Para Remédios (1996:7), ele “permanece o ser em sua unicidade na escrita, na autenticidade da enunciação

verdadeira que abriga toda a diversidade do eu, quando se confessa cheio de emoção escondida sob a máscara da indiferença”. O diarista, portanto, submete-se ao processo de temporalidade e de acolhida da alteridade, incorporando dúvida e ambiguidade em sua proposta de revelar-se aos leitores (reais ou virtuais), mostrando uma consciência da dificuldade de relação com o outro e uma necessidade cada vez maior de encontrar-se na solidão de seu interior. Sem um projeto arquitetado, centrando-se em sua própria pessoa, escreve a cada dia, limitando-se a seguir o curso de sua existência.

Schittine (2004:75) esclarece que a solidão do diarista se fundamenta na necessidade de guardar segredos: “os motivos para se guardar um segredo são os mais variados possíveis: o tabu, a vontade própria ou ainda uma conveniente falta de memória para os assuntos que são mais dolorosos de lembrar”. O diário funcionaria, então, como um receptáculo de memórias, evitando que os segredos se percam, representando a imagem que o diarista faz de si mesmo.

A escrita diarística e fragmentária, com características autobiográficas, apresenta, assim, uma função catártica na representação da emoção trazida pela memória revelada no ato da escrita, desvelando um autor-testemunha de sua própria história. O registro cotidiano de tempos felizes ou difíceis faz do diário íntimo um refúgio para o encontro consigo mesmo, no momento em que disseca o eu individual, mostrando que nele coabitam diferentes eus.

Em seu diário, Anne Frank⁸ diz que tem “uma necessidade ainda maior de tirar todo tipo de coisas de dentro de meu peito”. E assim é. Seus escritos intercalam passagens íntimas de sua vida, seus pensamentos, angústias e momentos de felicidade, retratando essa característica do diário de escrever para e sobre si.

1.2.2. As categorias do gênero diário (de papel)

Lejeune (1971) propõe uma série de elementos que, organizados em categorias diferentes, auxiliam na conceituação do gênero autobiográfico: a forma de linguagem

⁸ FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Edição integral. Tradução de Ivanir Alves Calado. 2ed. RJ: Record, 1996. p.16.

(narração em prosa); o tema (a história de uma personalidade; a vida individual); a situação do autor (pessoa real na posição de narrador do discurso); a posição do narrador (o narrador se coloca na posição da personagem principal na retrospectiva do relato). O autor também coloca em dúvida a autenticidade da narrativa, pois o caráter confessional pode-se influenciar mais ou menos pelo pudor do narrador.

No caso do diário, entretanto, o narrador é a pessoa real que conta suas vivências no momento imediatamente após o acontecimento, muitas vezes movido pela emoção da situação. O distanciamento entre fato e escrita é ínfimo em relação à escrita do diário comparado à autobiografia.

Uma autobiografia não se limita a recordar eventos diários. Ela é recheada de outras informações, contendo material mais amplo, não se prendendo apenas a relatos do dia. Muitas vezes as autobiografias apresentam comentários e observações feitas por outras pessoas do convívio social do biografado. O autor, para dar veracidade aos fatos narrados, inclui dados históricos ou depoimentos de familiares e amigos.

No diário, isso não ocorre. O diarista conta o que sucedeu com ele no mesmo dia em que escreve suas recordações. Como não existe o compromisso com um leitor, a censura do pudor não acontece com a mesma intensidade que na autobiografia.

Para analisar o gênero diário, levam-se em conta não somente as categorias elencadas por Lejeune, mas também as seguintes, consideradas por mim pertinentes ao gênero:

Forma – datação, vocativo, despedida

A característica mais comum diz respeito à presença do cotidiano, pois só há escrita em forma de diário quando o texto acompanha o compasso do calendário. As datas que costumam aparecer nas anotações de um diário, além da tentativa de organização de uma possível existência, são uma ordenação dos fatos dentro da narrativa, criando um elo entre acontecimentos muitas vezes aparentemente desconectados.

Diversos diários trazem, em sua constituição, um vocativo. É uma forma de aproximar o *eu-escritor* do *eu-leitor*, tornando essa escrita mais íntima e individualizada. Nos diários tradicionais, o diarista costuma dar um nome ao seu diário, confirmando a ideia de intimidade.

Outra característica de forma é a despedida. Para encerrar a narração de um dia, o autor se despede como em uma carta. Nem o vocativo nem a despedida, no entanto, são marcas tão frequentes quanto a datação. Encontram-se diários sem tais características, mas não sem o dia do registro.

Para ilustrar esses aspectos, reproduzo trechos dos livros *O diário de Anne Frank*⁹ e de *O diário de Zlata*¹⁰. Em ambos, as autoras utilizam os recursos de datação, vocativo e despedida:

Sexta-feira, 10 de setembro de 1943

Querida Kitty,

Toda vez que escrevo para você, aconteceu alguma coisa especial, geralmente mais desagradável do que agradável. Mas desta vez está acontecendo uma coisa maravilhosa. (...)

Você deveria tê-lo visto quando se despediu de nós. Agiu de modo normal, como se estivesse saindo para realizar uma tarefa na rua.

Sua Anne (grifos do original)

Terça-feira, 26 de maio de 1992

Dear Mimmy,

Penso sem parar em Mirna. No dia 13 de maio foi seu aniversário. Como eu teria gostado de ver Mirna outra vez! (...) Um dia a gente se encontra outra vez.

Zlata, que ama você.

Percebe-se que as duas autoras adotaram vocativos carinhosos para representar a cumplicidade que existe entre diário e diarista, reforçada pela despedida com declaração de posse (*Sua Anne*) e de amor (*Zlata, que ama você*).

Tema – escrita sobre si

Via de regra, os diários íntimos falam sobre a vida pessoal do autor. Os assuntos são externados de maneira hermética e subjetiva. Como, teoricamente, o diário tradicional não prevê um leitor externo, a escrita sobre si transparece em forma de diálogo interior. O autor conversa consigo mesmo, mas projetando no diário um outro, um leitor imaginário, num processo de reconstituição do próprio eu.

⁹ Op.Cit. p.132-3.

¹⁰ FILIPOVIC, Zlata. *O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*. Tradução de Antonio de Macedo Soares e Heloisa Jahn. SP: Companhia das Letras, 1994. p. 61.

Segundo Schittine (2004:76), “o diário funciona como um ‘guarda-memória’ que evita que os segredos, guardados há tanto tempo, percam o sentido primordial que os gerou”. Assim, o diário é um reflexo das inquietações do autor e de sua época – a representação do que ele faz e pensa sobre si mesmo, de seu eu interior.

O texto também apresenta características jornalísticas, já que pretende relatar fatos do cotidiano, com formato de autobiografia. Uma mistura de estilos e temas tecem o texto do diário íntimo nesse aspecto, por isso o diário foi considerado, durante muito tempo, um gênero menor, perdido entre a ficção e o documento.

Alguns diários de escrita íntima, entretanto, apresentam características literárias ao se valerem de escrita subjetiva, utilizando meias palavras, metáforas e silêncios. A escrita torna-se complexa e elaborada, aproximando-se de um romance – gênero secundário.

Linguagem – uso de 1ª pessoa, vocabulário informal, coloquialismos, prosa narrativa

Uma vez que, em geral, escreve para si próprio, o diarista assume um compromisso com ele mesmo, já que se submete a uma forma de registro. O texto muitas vezes se apresenta volumoso, prolixo e confessional. A escrita sobre si é mais solta, mais pessoal. Escreve-se o que se pensa, sem compromisso maior com a formalidade da escrita.

A linguagem no diário se aproxima da oralidade. Como o autor conversa com ele mesmo, pode-se valer de uma escrita mais informal, com marcas de coloquialidade. A vontade de comentar os fatos do cotidiano com visão própria, e com a vantagem de não existir um leitor crítico, permite essa liberdade na escrita.

Outro aspecto a se ressaltar diz respeito à caligrafia. Um diário tradicional é escrito à mão. A letra é marca pessoal e transmite emoção. Pode-se perceber se o autor do diário estava feliz ou triste, inseguro ou determinado, observando o traçado da letra. Os erros, as rasuras, os garranchos eventuais ficam registrados, fazendo parte do texto como um subtexto, como se observa na figura 1:

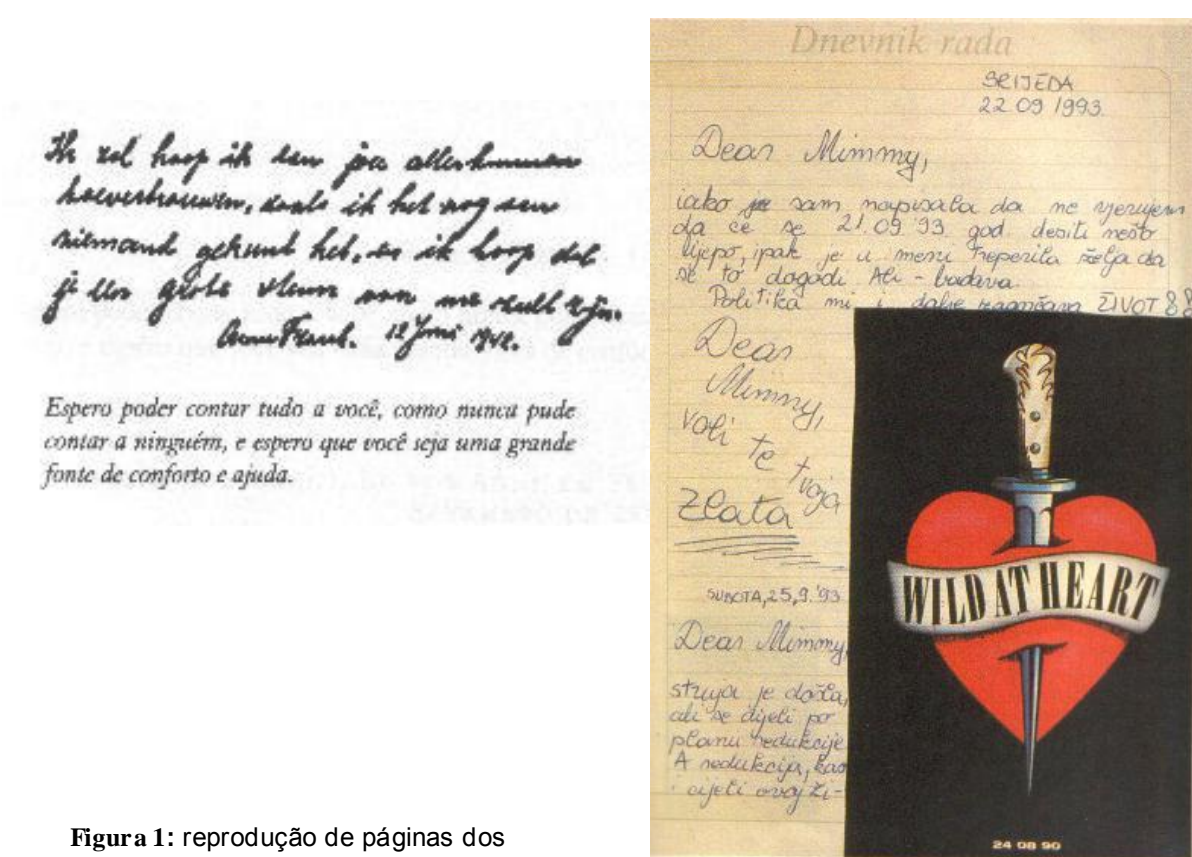


Figura 1: reprodução de páginas dos diários de Anne Frank e de Zlata

Também, como característica de linguagem, o uso da primeira pessoa do discurso revela um autor-narrador comprometido com o que relata. Em se tratando de um texto de memória, o diário funciona como um espaço para que o autor se funda com o narrador, tornando o texto ficcional e documental ao mesmo tempo.

Bakhtin (1997:323) afirma que, nos estilos íntimos, há a fusão plena entre locutor e o destinatário:

Os gêneros e os estilos íntimos repousam numa máxima proximidade interior entre o locutor e o destinatário da fala (no limite, numa espécie de fusão entre eles). O discurso íntimo é impregnado de uma confiança profunda no destinatário, na sua simpatia, na sensibilidade e na boa vontade de sua compreensão responsiva. Nesse clima de profunda confiança, o locutor desvela suas profundezas interiores. É isso que determina a expressividade particular e a franqueza interior desses estilos.

Nesse sentido, o uso da primeira pessoa do singular marca um tom confessional ao texto do diário íntimo, já que “eu” é a palavra que cada um de nós usa para falar de si mesmo, demonstrando autoconsciência. Na fusão de personagens

(locutor e destinatário), o eu e o tu passam a representar o mesmo papel, característica marcante do diário íntimo. O uso de primeira pessoa é evidência de personalização e subjetividade, juntamente com a assinatura na despedida.

A prosa narrativa aparece com seus elementos bem marcados: personagens, ambientação, aspectos temporais, narrador em primeira pessoa, sequência de ações. Os fatos são relatados como quem conta uma história não-ficcional.

Tempo – assincronia

Registrar o cotidiano assume grande importância na prática diarista, pois representa a necessidade de o autor colocar um ritmo em sua história. A datação de cada registro funciona como um marco para o resgate da memória, quando o texto é lido pelo próprio escrevente ou por pessoa autorizada.

Essa datação não representa o momento exato em que a ação relatada ocorreu, daí o caráter assíncrono. Geralmente o diarista faz o registro ao final do dia, buscando os acontecimentos em sua memória. A distância entre o ocorrido e o registro não se configura, entretanto, em retrospectiva autobiográfica. Oliveira (2002:17) diz que “em relação ao tempo, o diário se diferencia pelo fato de não cultivar a forma narrativa sob retrospectiva, como fazem a memória, a biografia e a autobiografia. Ele se atém ao momento presente, registrando, no dia a dia, fatos e eventos”.

A marcação diária da data está, portanto, relacionada à necessidade de organização temporal da representação do cotidiano vivido pelo autor.

Interlocutor – o próprio diário, leitor imaginário / possível

Oliveira (*ibid*, p.55) observa que a escrita de diários íntimos foi uma tônica das mulheres durante muito tempo. Enquanto os homens escreviam diários para narrar fatos políticos ou acontecimentos científicos, as mulheres eram “como historiadoras da família e da comunidade, recordando todos os fatos da vida”. A autora cita Gannett (1992, apud *ibid*, p.56), o qual descreve os interlocutores dessas mulheres escreventes de diários íntimos:

Com um universo de audiência restrito, mulheres tendiam a escrever para outras amigas íntimas, a família, os filhos ou para elas próprias, através dos diários. Elas escreveram para elas mesmas ou para o diário parte do que elas podiam ou não podiam dividir com outros em seus círculos doméstico ou social.

Imaginavam interlocutores para seus desabafos ou apontamentos, materializando-os no diário. Muitas vezes os diários eram compartilhados entre amigas ou parentes; outras, arquivados para evitar a divulgação de suas confissões.

No caso, o interlocutor real é o próprio diário. Encontram-se vários diários com o vocativo logo abaixo da data, dirigindo-se a ele, inclusive por meio de um nome¹¹. A conversa com o diário acontece como se este fosse um amigo leal, sempre presente a “ouvir” suas confissões.

Pode-se também dizer que quem escreve um diário imagina um possível leitor: um leitor não autorizado, mas provável. No caso, justifica-se a conversa que o diarista mantém com seu diário, na presença desse interlocutor imaginário.

Suporte – livro, caderno, papel

Todo gênero textual apresenta um suporte em que se dá seu registro. Um pedaço de papel, uma parede, um *outdoor*, ou a Internet, o suporte contribui para a categorização do gênero. Marcuschi (2003b:2-7) define suporte de um gênero textual como um dos pilares de sua constituição:

Ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado. Mas isto não significa que o suporte determine o gênero e sim que o gênero exige um suporte especial. (...) Suporte textual tem a ver centralmente com a ideia de um portador do texto, mas não no sentido de um meio de transporte ou veículo, nem como um suporte estático e sim como um *locus* no qual o texto se fixa e que tem repercussão sobre o gênero que suporta. De importância neste caso é a questão de saber qual é o grau de dinamismo do suporte. Admitimos que ele não é passivo e tem relevância no próprio gênero como tal, já que um texto em um ou outro lugar recebe influência desse lugar em que se situa.

O suporte de um diário pode ser um livro, um caderno ou até mesmo um planejamento no qual alguém anota suas recordações de eventos cotidianos.

¹¹ Como citado anteriormente, em *O Diário de Anne Frank*, a autora utiliza o vocativo “Querida Kitty” em referência a uma amiga imaginária que se concretiza no diário; ou em *O Diário de Zlata*, a autora inspirada por Anne Frank, também chama seu diário por um nome próprio: “Dear Mimmy”.

Muitos diários apresentam cadeados, garantindo seu caráter secreto e distinguindo-os de cadernos comuns. É comum identificar de imediato esses cadernos com trancas como o suporte para um diário.

As categorias descritas anteriormente e pertinentes ao gênero diário tradicional vão servir de referência para a descrição das categorias do gênero *blog*, apresentadas mais adiante.

1.2.3. A transposição do papel para o meio digital

Como se deu a passagem do diário de papel para o suporte do meio digital é uma questão que permite algumas reflexões. Os diários de papel costumavam formar-se basicamente pelo texto escrito. Seu antecessor, o diário de bordo, apresentava, quando muito, alguns desenhos ou mapas das regiões visitadas. Com o tempo e a modernidade, fotografias e outros recursos não-verbais incorporaram-se aos diários para enriquecer os relatos.

O *Diário de Anne Frank* apresenta um único desenho, feito pela autora, em toda a sua composição: o mapa do anexo em que ela vivia escondida com sua família. Em *O Diário de Zlata*, livro mais atual e escrito em condições diferentes do primeiro (a autora não vivia escondida), encontramos diversas fotos, recortes de imagens de revistas, desenhos, que enriquecem o texto escrito.

Na década de 1980, muitos jovens passaram a “fazer agenda”. Utilizavam agendas como um diário, aproveitando-se da data já impressa em cada página. O que as tornavam diferentes dos diários, entretanto, era o conteúdo, o “recheio”. O texto escrito, característica marcante dos diários tradicionais, foi em grande parte substituído por imagens, fotografias, papéis de bombom, ingressos de cinema ou teatro e pequenos objetos repletos de recordação, acompanhados de frases curtas, como legendas. Conforme mostra a figura 2, sua autora colocou papéis de doces e confeitos, um desenho que ganhou de uma prima, além da passagem de ônibus interestadual utilizada naquele dia.



Figura 2: agenda com elementos ilustrativos ¹²

¹² Agenda cedida por Marcella, minha filha, para esta pesquisa. Marcella “fez” agendas durante sete anos aproximadamente: dos 10 aos 17 anos de idade (1989 a 1996).

Além disso, outro fator importante marcou a diferença entre o diário tradicional e a agenda: a presença de interlocutores. Nas agendas, era permitido escrever frases elogiosas, comentários e lembretes para seu dono. O círculo de amigos e de parentes participava de sua construção. Apesar de manter características próximas às do diário íntimo, a agenda era, em contrapartida, publicizada. A figura 3 é uma página da agenda de Marcella que revela bilhetes deixados por duas amigas:

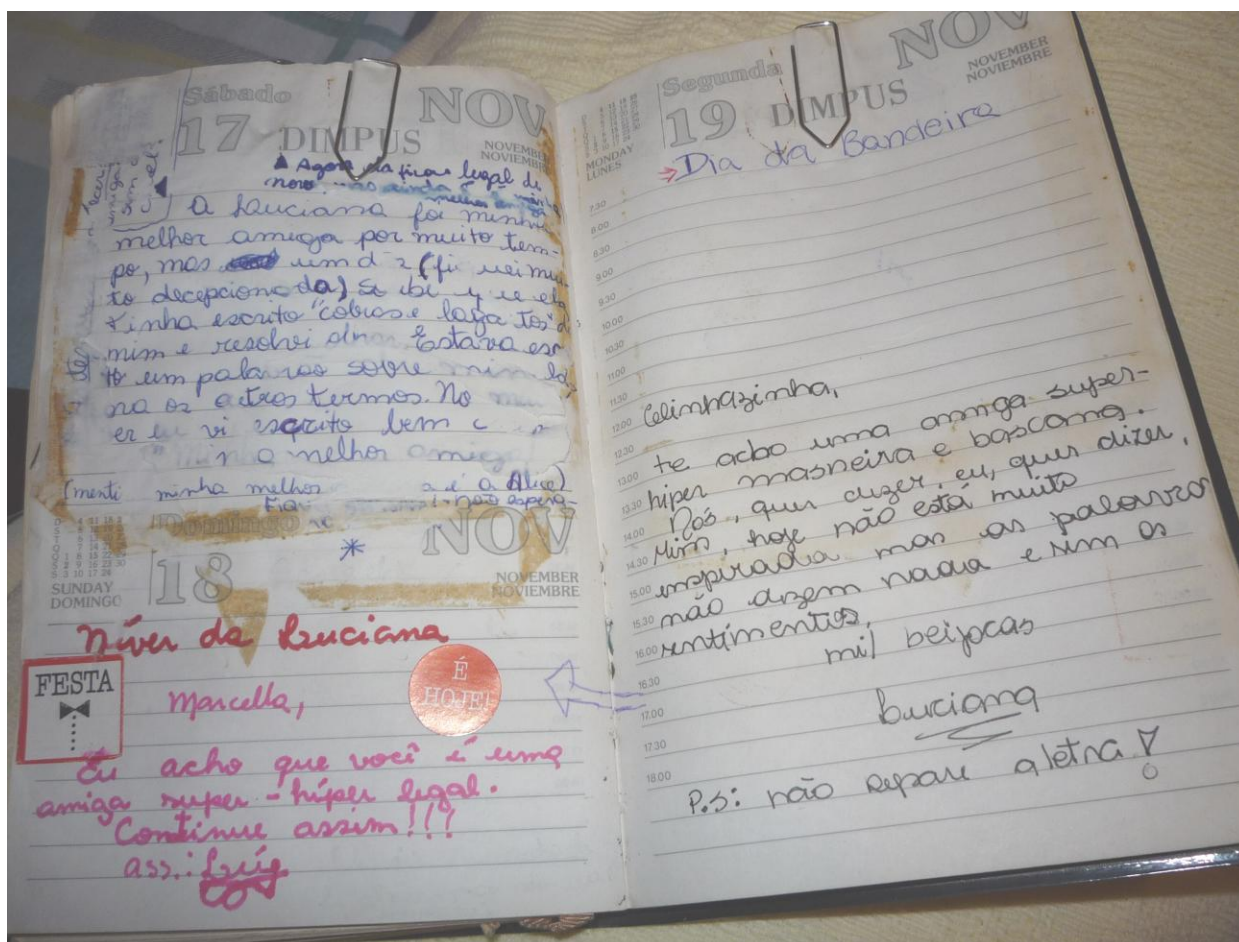


Figura 3: agenda com bilhetes de amigas

A agenda perde a popularidade com a chegada dos computadores e da Internet. Em 1994, o diário íntimo ganha o espaço virtual. Sites pessoais surgem nos Estados Unidos e se espalham por todo o mundo. Segundo Oliveira (2002:122), os americanos Justin Allyn Hall¹³ e Carolyn Burke¹⁴ seriam as primeiras pessoas a manterem um diário *on-line*:

¹³ Justin's Links (<http://www.links.net>). Justin escreve em sua página pessoal desde Janeiro de 1994, quando tinha 19 anos. Hoje, com 33, Justin ainda mantém um site em que publica diversas informações a seu respeito.

O fenômeno da primeira onda teve início há sete anos quando pessoas comuns começaram a realizar um ritual que foi ficando cada vez mais frequente: construir um site pessoal e nele, diariamente, depositar o diário ou jornal íntimo *on-line*. Em 1994 quando começaram a surgir, as *homepages* de diaristas podiam ser contadas na rede. Atualmente isso não é mais possível.

As *homepages* pessoais contavam um pequeno número provavelmente por dois motivos: era necessário conhecimento de programação para colocar uma página no ar; a ideia de publicizar a própria intimidade ainda não tinha muitos adeptos, o que não impediu que a rede fosse invadida por páginas pessoais.

Com o crescente número de *sites* pessoais, em 1999, desenvolveram-se ferramentas para facilitar a publicação dessas páginas na Internet. De acordo com Oliveira (*ibid*, p.137),

o principal diferencial da nova ferramenta é que ela trouxe velocidade na criação, postagem e atualização dos ciberdiários, democratizando o acesso de não-especialistas em linguagens como *html*, *ftp*, dentre outras, à construção e manutenção das páginas pessoais. Com isso, qualquer pessoa que domine noções básicas de inglês pode ter um *weblog* ou *blog*, como passaram a ser chamados os diários criados com este modelo de ferramenta que se assemelha a um editor de textos.

Os *blogs* tomaram conta do ciberespaço. Fáceis de usar, gratuitos, sem censura, os *blogs* podem ser criados por qualquer pessoa, seguindo um passo a passo simples disponibilizado pela própria ferramenta. Além disso, todos aqueles adereços que recheavam as agendas de adolescentes migraram facilmente para o meio digital, acrescidos de *links* para outros *sites* e *blogs*, tornando o recheio ainda maior.

No início, os *blogs* eram essencialmente voltados para a escrita íntima. Com o tempo, por causa da facilidade de utilização da ferramenta, os *blogs* passaram a apresentar temática variada de acordo com sua finalidade. Hoje são muito utilizados por jornalistas, por exemplo, que encontraram no *blog* uma forma de ampliar suas reportagens e permitir a comunicação com seu público leitor.

¹⁴ *Carolyn Diary Museum* (<http://diary.carolyn.org/>). Carolyn manteve sua página na Internet em forma de diário de Janeiro de 1995 (aos 30 anos) a maio de 2002. Atualmente ela publica cartas esporadicamente para deixar seus leitores a par do que tem feito.

As características pertinentes ao diarismo, no entanto, permanecem em sua essência, sofrendo algumas alterações, principalmente em função do suporte em que são veiculados os *blogs*.

1.3. Gênero digital: o *blog*

Blogs são diários eletrônicos ou diários virtuais divulgados na Internet. O termo é uma corruptela de *WEBLOG* (*WEB* – a rede de computadores mundial – e *LOG* – tipo de diário de bordo). Assemelham-se a *sítes* com temas específicos e desenvolvidos por qualquer pessoa com algo a contar. Utilizam o texto escrito como base, mas permitem outras mídias como sons, imagens, pequenos vídeos. São, portanto, eventos multimídia muito difundidos pela Internet.

Dados publicados pela Technorati¹⁵, em março de 2008 indicam com mais precisão o estado atual da blogosfera mundial: a empresa identificou na época da pesquisa 133 milhões de *blogs*; aproximadamente, 900 mil *blogs* são criados por dia; 346 milhões de pessoas leem *blogs* (o que equivale a 77% dos usuários ativos da Internet). Na pesquisa de abril de 2007, o número de *posts* diários nos *blogs* era de 1,5 milhões por dia, equivalente a 17 *posts* a cada segundo; a língua mais utilizada mundialmente é o japonês, presente em 37% dos *blogs*. Em segundo lugar vem a língua inglesa, com 36%. O português está entre as 10 línguas mais utilizadas, das 81 identificadas pela pesquisa.

Existem variados tipos de *blogs*. Classificam-se a partir de diferentes características, como assunto principal tratado pelo *blog*, quantidade de autores, tipos de mídias utilizadas, sua finalidade, entre outras. O autor de um *blog* é livre para escolher seu rumo. Jornalistas os utilizam como fontes alternativas de informação e opinião pública; educadores os veem como ambientes para troca de conhecimento; pessoas de um modo geral os criam para expressar-se e falar sobre sua vida particular. Os *blogs*, enfim, ganharam espaço amplo na Internet, deixando de ser apenas uma manifestação de escrita íntima.

¹⁵ Disponível em <http://technorati.com/state-of-the-blogsphere/> acesso em abril de 2008

Os diários, na sua “forma de papel”, constituem material particular e, muitas vezes, secreto. O *blog*, na “forma virtual”, se contrapõe àquele, pois é um texto público e permite não só a leitura como a interferência por meio de comentários de outras pessoas. O *blog* representa, portanto, um diário público interativo, permitindo a participação do leitor no texto, daí sua vasta utilização para diversas finalidades.

De acordo com Marcuschi (2006:24), “os gêneros são rotinas sociais de nosso dia a dia”. Cabe dizer, portanto, que são manifestações verbais de uso coletivo da língua situadas social e historicamente. O diário e também o *blog* se enquadram nessa definição. Marcuschi (*ibid*, p.27) salienta, ainda, que “novos gêneros surgem como desmembramento de outros, de acordo com as necessidades ou as novas tecnologias”. É o caso do *blog*, um derivado dos diários de bordo ou dos diários íntimos. Isso acontece em decorrência da dinamicidade dos gêneros e de sua adaptação às necessidades do usuário da língua.

Bakhtin (1997) diz que há tantos gêneros textuais quantas atividades humanas para a enunciação. Nesse sentido, os gêneros são hipoteticamente ilimitados, pois se deve levar em consideração a historicidade dos gêneros, ou suas mudanças ao longo do tempo.

A Internet surge como mais um suporte para a criação de gêneros. Em relação ao *blog*, pode-se dizer que acontece uma mudança de gêneros, já que a produção escrita e oral na Internet não deixa de ser uma transposição de gêneros escritos em papel para o novo suporte. Aí, os gêneros ganham novas características para se adaptarem à tecnologia existente.

Fiorin (2008:65) complementa o pensamento de Bakhtin, dizendo que

não só cada gênero está em incessante alteração; também está em contínua mudança seu repertório, pois, à medida que as esferas de atividade se desenvolvem e ficam mais complexas, gêneros desaparecem ou aparecem, gêneros diferenciam-se, gêneros ganham um novo sentido. Com o aparecimento da Internet, novos gêneros surgem: o *chat*, o *blog*, o *e-mail* etc.

Bakhtin também aponta para a formação de uma “esfera da comunicação” em que a língua se situa como o lugar de interação humana. Os gêneros textuais dão suporte

a essa interação. A princípio, teríamos as esferas da oralidade e a da escrita. Atualmente, podemos incluir também a esfera da linguagem digital, que engloba tanto a linguagem escrita como a oral, além de uma esfera da linguagem não-verbal, representada por imagens, vídeos, sons, enfim, um aparato possibilitado pelo meio digital.

Os *blogs* constituem uma esfera de comunicação digital já que, para o autor, a interação se dá entre indivíduos organizados socialmente. Para ele (*ibid*, p.279), “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua.”

A Internet promove novas formas de comportamento comunicativo, baseadas na atividade de escrita. Marcuschi (2004:19) também compactua com essa ideia:

O fato inconteste é que a Internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na Internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e de som. Por outro lado, a ideia que hoje prolifera quanto a haver uma “fala por escrito” deve ser vista com cautela, pois o que se nota é um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive com o acúmulo de representações semióticas.

Na verdade, os textos veiculados na Internet, deixam de se denominarem assim para se chamarem hipertextos. *Chat*, *blog*, *wiki*, ou fórum, sua grande marca é o hipertexto pela riqueza semiótica¹⁶ e pela dinâmica de navegação proporcionados pelo suporte digital.

O *blog* caracteriza-se como gênero digital principalmente por ser um hipertexto. Traz marcas do diário tradicional de papel, mas incorpora outras características pertinentes ao suporte em que se encontra, como a navegabilidade, a inclusão em uma esfera de comunicação digital, os aspectos semióticos.

Diferentemente do diário tradicional, no entanto, o *blog* não se pretende como um registro particular e secreto, restrito ao autor ou a um seleto grupo de leitores. Por

¹⁶ Semiótica é a teoria geral das representações (Charles S. Peirce), que leva em conta os signos sob todas as formas e manifestações que assumem (lingüísticas ou não). No caso dos hipertextos, seria o conjunto de elementos multimídia que acompanha o texto.

apresentar como suporte a Internet, o *blog* é um registro aberto, público, cujo leitor é qualquer pessoa que acesse o endereço digital dessa expressão diarística e, por isso, carrega características próprias, distinguindo-o de outras espécies de diários.

1.3.1. As categorias do gênero *blog*

Algumas categorias pertencentes ao gênero diário mantêm-se inalteradas, ou levemente adaptadas, quando trazidas para a Internet. A forma, o tema e a linguagem fazem parte deste grupo. São categorias que sofreram poucas alterações na sua transposição para o meio digital.

Forma – datação, vocativo, despedida

Quanto à forma, o *blog* também apresenta datação, vocativo e despedida. A datação, entretanto, passa a ser automática. O próprio *software* (ou ferramenta de construção do *blog*) coloca a data assim que algum texto novo é inserido em sua estrutura. Um cabeçalho antecede o corpo do texto, no qual figuram o dia da semana e a data exata de postagem.

O vocativo fica a critério do autor. Alguns *blogueiros* se dirigem a um grupo de pessoas, outros a uma pessoa genérica, outros ainda não o usam, talvez por considerar que seu *blog* seja visitado por qualquer um, conhecido ou anônimo (ver Figura 4).



Figura 4: Blog "Jurandyces Arrudianas"¹⁷.

A despedida pode ser escrita pelo autor, mas, independentemente dessa despedida, uma assinatura eletrônica e automática é disponibilizada pela ferramenta. Ao enviar o texto para a publicação na Internet, uma linha contendo autor, hora de postagem (no formato horas:minutos ou horas:minutos:segundos) e um comentário previamente formatado pelo autor surge logo abaixo do novo texto (como na Figura 5):

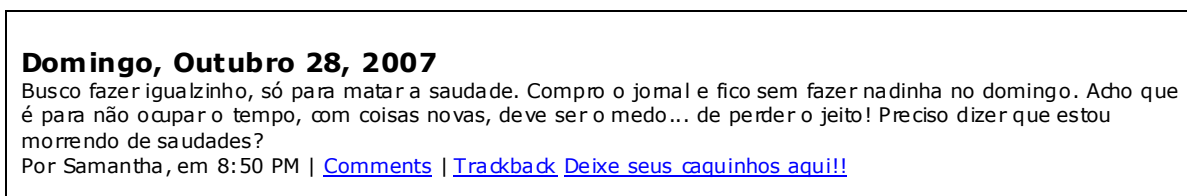


Figura 5: Blog "Juntando os cacos"¹⁸.

¹⁷ Disponível em <http://jurandycesarrudianas.zip.net/> - acessado em 21/9/08.

¹⁸ Disponível em <http://www.juntandooscacos.blogspot.com.br/> - acessado em 21/9/2008

Tema – escrita sobre si

Oliveira (2002:140-7) distingue três categorias básicas de *blog*: filtro de notícias; filtro temático e diário íntimo. A primeira categoria refere-se aos *blogs* de jornalistas que apresentam notícias e comentários a respeito delas, tanto do próprio autor do *blog* quanto de seus leitores. A segunda diz respeito aos *blogs* de temas específicos, como música, cinema, dança, literatura etc. Já o *blog* diário íntimo se define pelo conteúdo pessoal e subjetividade individual. Trata-se de “uma mistura de página pessoal, fórum, com *links*, comentários e pensamentos pessoais, ensaios ou lugar onde se escreve de tudo ou sobre nada”.

Por outro lado, Abrão (2007:15), que considera “o *blog* como um ambiente digital que proporciona o surgimento de múltiplos gêneros discursivos”, faz a seguinte classificação para os variados tipos de *blogs* que existem de acordo com sua temática e sua finalidade:

- *Blogs diários*: se assemelham em muito com os tradicionais diários, é a forma mais comum e mais conhecida de *blog*;
- *Blogs literários*: o autor divulga contos, poesias, ou qualquer outra forma de produção literária podendo ser sua ou não;
- *Blogs especializados*: discutem de uma maneira não formal um ou mais assuntos, tais como sexo, religião ou cinema;
- *Blogs jornalísticos*: geralmente escritos por jornalistas, tem como preocupação não só dar a notícia, mas principalmente comentá-la;
- *Metablogs*: centrados em fazer a crítica/avaliação e a discussão sobre outros *blogs*;
- *Blogs mistos*: pertencem a mais de uma dessas categorias ao mesmo tempo, já que o autor permite que mais de um assunto seja incluído em seu *blog*.

O foco deste trabalho está nos *blogs* de escrita íntima, ou *blogs diários* ou, ainda, *blogs pessoais*, como também são chamados. Guardam certa semelhança quanto ao conteúdo em relação aos diários de papel em que o autor escreve sobre si. Nos *blogs* a escrita apresenta características de narração subjetiva; entretanto, a participação do outro e a exposição no meio digital torna a privacidade pública.

O autor do *blog*, ao divulgar seus escritos na Internet, expõe o texto para um público, a princípio, restrito: seu círculo de amigos. Por tratar-se da Internet, qualquer pessoa acessa o conteúdo de um *blog*, lê, faz comentários e participa dessa esfera comunicativa. O privado torna-se público; a privacidade fica exposta. A maior

diferença entre *blogs* e diários de papel está justamente na facilidade de publicação daquele, tornando-o aberto a visitas e a comentários de leitores.

Apesar de haver a entrada diária de informação, não pressupõe, necessariamente, compromisso com a recordação de eventos do dia, como no diário tradicional. O *blog* muitas vezes não se prende a essa condição, podendo trazer, ao mesmo tempo, material mais amplo, além dos relatos diários.

Os temas mais frequentes nos *blogs* do tipo diário pessoal são os relacionados à família e aos amigos. Também são descritos os relacionamentos amorosos (amor, sexo, sexualidade, virgindade, namoro, casamento, divórcio); o cotidiano (como atividades de escola, profissionais ou de lazer); as divagações filosóficas sobre a vida; os sentimentos; as recordações do passado; projetos para o futuro, entre outros tantos temas, assemelhando-se aos diários tradicionais. Excetuam-se, provavelmente, os segredos mais íntimos que não são revelados justamente pelo caráter público do *blog*.

Linguagem – uso de 1ª pessoa, vocabulário informal, coloquialismos, abreviações

A linguagem dos *blogs* pessoais em muito se assemelha à dos diários pessoais de papel. O uso da primeira pessoa, estrutura da língua e vocabulário informais são marcas presentes nos dois gêneros. Por estar na Internet, os *blogs* apresentam outras características na composição textual, além dessas. A principal talvez seja a coloquialidade. Pela ideia de conversação que o ambiente transmite, os escritores de *blogs*, bem como seus leitores, utilizam a variedade coloquial na produção textual.

Cada tipo de linguagem, entretanto, apresenta natureza específica, manifestando-se por diferentes tipos de elementos linguísticos e extralinguísticos, passíveis de reconhecimento. Nesse sentido, a linguagem virtual, como a dos *blogs*, não é uma exceção. A linguagem da Internet, que se estrutura especialmente calcada no fator tempo, constrói-se a partir da língua comum,

adaptando vocábulos, no intuito de extrair o essencial de cada palavra, descartar o supérfluo e inevitavelmente ceder à tentação dos apelos fonéticos.

Percebe-se, assim, o funcionamento da linguagem no âmbito da oralidade. Os textos produzidos em um *blog* assemelham-se a uma conversa transposta para o registro escrito sem perder totalmente as marcas de oralidade. Além disso, a pressa em registrar o que está sendo pensado (ou “dito”) revela uma economia vocabular.

Vogais, por exemplo, são quase dispensáveis. Dessa forma: também vira "tbm"; muito, “mt”; certeza vira "ctza"; beleza, "blz"; você, “vc”. Outra adaptação é a substituição de duas letras por uma: qu, ch e ss se transformam em k, x e c ("eskecer", "xegar", "ece"). Acentos são raros; quando utilizados, viram uma letra: a indicação de acento agudo, por exemplo, é a letra h ("jah", "eh"). O til desfigura-se em "aum" ("naum" para não, "entaum" para então). Símbolos, repetição de letras e onomatopeias também são adicionados ao texto como recurso de expressividade: “oiiiiiiiiii!”, “tuuuuuudo”, “tsc,tsc”, “ops!”, carinhas de felicidade (^) e de olhar dissimulado (¬¬), entre tantos outros. Os símbolos (ou *emoticons*) são utilizados para marcar as emoções do autor, que, no diário de papel, eram reveladas, muitas vezes, pela caligrafia.

Xavier (2006:6) diz que a Internet é basicamente “um espaço de produção de linguagem, e a forma de linguagem hoje que predomina nas páginas digitais da Internet ainda é a linguagem verbal na modalidade escrita da língua”. A partir daí, criar uma variação linguística para esse meio de comunicação tornou-se uma meta para os jovens, no sentido de situar uma comunidade e diferenciá-la das demais.

As outras categorias listadas anteriormente para os diários tradicionais, ao se transportarem do papel para o meio digital, sofreram alterações devido ao novo suporte. São as seguintes:

<p>Oi Teia!!! Vc precisa conversar com sua esposa e colocar os pingos no “is”. Já fizeram isso? Caso vcs não se resolvam, se encontrar com a outra novamente será uma consequência...</p>

Figura 6: *Blog* do Teia¹⁹ – recortes meus

A data de postagem do texto do autor é 7 de março de 2005; a data dos comentários dos leitores se estende de 7 de março a 29 de maio 2005; portanto, durante três meses foram feitos comentários. No entanto, a conversa é retomada como se acontecesse no mesmo instante. A observação que o autor faz “Confesso que me assustei hoje ao ver o *blog*, muita gente comentou” e a data do último comentário mostram isso. O leitor responde imediatamente ao ler a mensagem do *blog*. O autor responde aos comentários no momento em que os acessa.

Pode-se dizer que o conceito de sincronia sofre modificação para dar espaço a esse comportamento característico do ambiente virtual, simulando uma conversa em tempo real. A ideia de simultaneidade, pertinente ao sincronismo, ganha valor ampliado, pois a simultaneidade é ora do leitor ora do autor e, muitas vezes, de ambos, se os dois estiverem conectados na mesma hora. Daí a sincronia relativa.

Interlocutor – leitor que, além de ler, faz comentários – interfere

O interlocutor é uma figura que se materializa no caso dos *blogs*. Se ao escrever um diário no papel, o autor supunha um interlocutor imaginário, no *blog* ele se concretiza nas pessoas que acessam e leem seus escritos. Por meio dos comentários, o interlocutor se faz presente e critica, dá conselhos, discute, enfim, participa da construção do texto.

Pela figura 6, percebe-se essa interferência do interlocutor nos conselhos que são fornecidos ao autor do *blog*. Os interlocutores são leitores que acompanham a construção do *blog* e se manifestam por meio de identificação (Grace, Rúbia) ou do anonimato (All*, Anônimo). Muitos nem conhecem o autor; o que interessa é a sua participação, que mantém o *blog* aquecido e seu autor incentivado a continuar a história.

¹⁹ Disponível em <http://teias.flog.oi.com.br/>, acesso em 29/5/2005.

Diferentemente das agendas, que também permitiam uma participação de leitores, os bilhetes ou comentários deixados no *blog* constituem-se em diálogo com o autor. O leitor comenta, interferindo no processo da construção subjetiva do autor, opinando sobre o publicado anteriormente. É uma forma de participação bastante diferenciada do que se supunha para os diários tradicionais ou para as agendas.

Suporte – meio digital, Internet

Os suportes textuais, como já dito, sempre variaram ao longo da história da escrita: paredes de cavernas, tábuas de pedra, pergaminhos, pano, papel, muros, *outdoors* e, ultimamente, ambientes virtuais da Internet, do celular, do *palmtop*. O suporte, portanto, permite a circulação do gênero e o torna socialmente viável. Da mesma forma, o *blog* também necessita de um suporte específico para sua concretização.

Marcuschi (2003b:7) considera que a Internet não seria um suporte, mas um serviço, “um aparato específico que permite a realização ou a veiculação de um gênero em algum suporte”. Nesse caso, existe uma situação intermediária entre Internet e *blog* a ser considerada como suporte para tal gênero.

Qual, então, o suporte para o *blog*? Para Marcuschi (*idem*), “a função básica do suporte é fixar o texto e assim torná-lo acessível para fins comunicativos”, mas isso não implica dizer que o suporte pode ser algo genérico para servir a qualquer texto. Os gêneros se manifestam em determinados suportes, por isso não se passa um *blog* para o papel. O suporte é obrigatoriamente virtual e hipertextual para abrigar todos os diferentes recursos de que se vale, caso contrário, o gênero seria outro.

O suporte do *blog* é, portanto, o meio virtual, ou o programa que gera o *blog*, por isso interfere na maneira como o interlocutor se relaciona com ele. A relação estabelecida entre gênero e suporte é vista na seguinte cadeia:

Blog (gênero) → meio virtual (suporte) → Internet (serviço de divulgação)

No diário tradicional, o comportamento do interlocutor é diverso daquele do *blog*, já que, ao manusear um diário de papel, vários sentimentos e expectativas surgem na medida em que se tem um objeto secreto, impenetrável. No caso do *blog*, isso não acontece; pois, de antemão, sabe-se que o escrito ali, em função do suporte em que se encontra, não possui o mesmo tom misterioso do outro gênero. A relação que se estabelece com a leitura é, portanto, afetada diretamente pelo suporte.

A mudança que o gênero diário sofreu quando passou do papel para o meio virtual se apoia basicamente no suporte. O gênero surge com características renovadas em função do suporte em que se encontra, com elementos e categorias distintas elencadas adiante.

Assim, o diarista tradicional registra em papel, num determinado formato, enquanto o autor de *blog* escreve em computador e veicula pela rede (Internet), num formato ou estilo diverso do tradicional. A mudança de suporte (papel-virtual) implicou modificações importantes na prática diarística, pois envolveu também a questão do privado-público. Os novos diários – os *blogs* – são escritos com a intenção de publicização, o que vale dizer que a mudança de suporte permitiu essa transformação.

Aparentemente, a relação dos *blogs* com os diários de papel situa-se principalmente na periodicidade da escrita, embora sem a obrigatoriedade da escrita diária. Os blogueiros, por manterem parceria com seus leitores, não se sentem compromissados com a publicação obrigatória dia a dia. Geralmente se desculpam pela “ausência” temporária, resgatando a confiança de seus seguidores, antes de dar continuidade a seus relatos (ver exemplo na figura 7).



Figura 7: Blog da Street Girl²⁰

Quanto à produção textual, tanto o *blog* quanto o diário tradicional apresentam-se como espaços para o funcionamento da linguagem, cada um com suas peculiaridades. No *blog*, o autor usa a escrita e outros recursos expressivos, viabilizados pelo meio digital. Além disso, existe o caráter interativo, antes praticamente inexistente na atividade diarística.

1.3.2. Categorias associadas ao meio digital: interatividade, hipertextualidade, multimídia, arquivamento

Faz-se necessário um levantamento de novas categorias associadas ao gênero *blog* pertinentes ao meio digital. Por ser este meio o suporte do gênero em questão, surgem outras características impensáveis para o diário de papel. Relacionam-se diretamente à ferramenta que está por trás do *blog*, deixando-o mais dinâmico que o suporte do diário tradicional.

²⁰ Disponível em <http://stregirl.zip.net/>, acesso em 12/4/ 2006

Interatividade

A interatividade é uma categoria que aparecia nas agendas. Os leitores deixavam comentários escritos nas páginas das agendas, como visto anteriormente. Em relação ao *blog*, a interatividade se intensifica em função do próprio suporte que facilita o acesso do leitor, permitindo sua participação mais efetiva, sem necessidade de esperar o convite do autor. A interatividade com o leitor torna-o participante da produção textual, colocando-o na posição de coautoria do *blog*.

A ferramenta de construção do *blog* conta com um recurso que possibilita a escrita de textos por qualquer pessoa que o acesse, comumente denominado “comentários”. Janelas se abrem para que o leitor-navegante se manifeste, comentando o texto original do blogueiro, o que traz um caráter de conversa, permitindo a troca de informações e a interação entre os participantes dessa comunidade criada pelo *blog*. Observa-se isso na figura 8 em que a expressão “13 na pista” em destaque é um *link* para abrir a janela de comentários e significa que há 13 mensagens postadas ali.

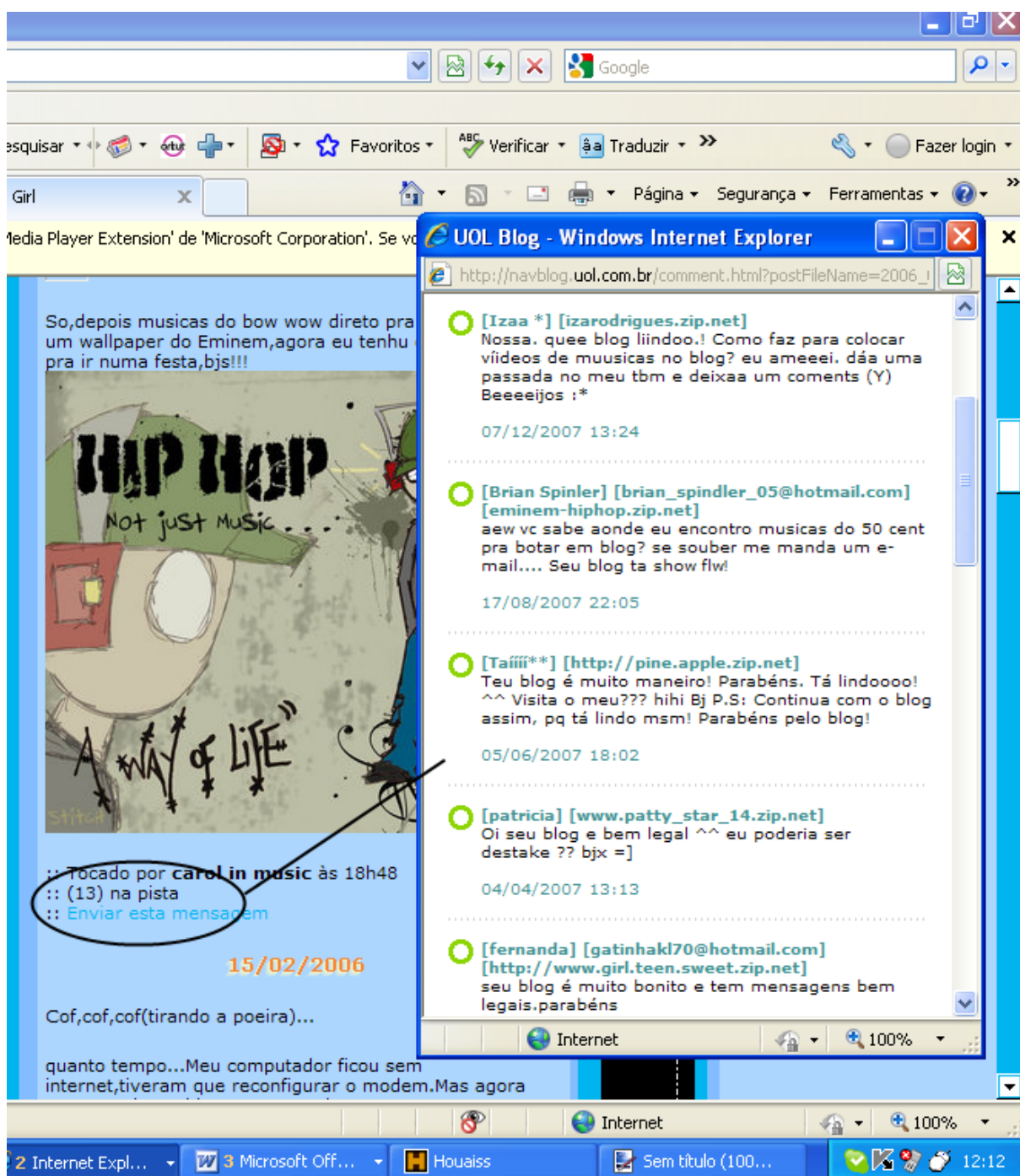


Figura 8: Janela de comentários²¹

As interações entre indivíduos que frequentam ou produzem *blogs* se dão por meio de relações de natureza variada. A interação acontece entre pessoas conhecidas (na vida real) que combinam encontros nos *blogs*; entre pessoas que se conheceram no ambiente virtual e construíram um vínculo, continuando a se encontrar naquele espaço; entre pessoas desconhecidas, leitores que deixam

²¹ Disponível em <http://stregirl.zip.net/>, acesso em 28/8/2009

seus comentários no *blog* de alguém que não conhecem, mas que se interessaram pela temática ali postada e decidem acompanhá-lo, o que enfatiza o caráter público do *blog*. Esse processo de interação resulta na formação de comunidades virtuais, tema abordado no próximo capítulo.

Hipertextualidade

Falar de textos produzidos na Internet é falar de hipertexto. Os hipertextos misturam formas variadas de expressões textuais. Para Xavier, (2004:171) “hipertexto é uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade”.

Hipertextos são textos estruturados de forma não-linear, permitindo a convivência simultânea de vários blocos de informação. A estrutura não-linear é possível em qualquer tipo de suporte, como na enciclopédia e, até mesmo, no dicionário, pois um verbete leva a outro que leva a outro e assim por diante. A forma hipertextual, no entanto, se realiza melhor em textos digitalizados, já que os recursos da informática facilitam a navegação pelos *links* disponibilizados no hipertexto, acelerando e facilitando o processo de busca da informação.

Os *blogs* apresentam em sua composição *links* que conduzem a vários nós de um imenso hipertexto. Os *links* indicam outros *blogs* da preferência do autor, imagens e sons que enriqueçam o texto principal, *sites* com informações complementares, entre outros. Para Lévy (2000: 56-57), “a digitalização [do hipertexto] permite a associação na mesma mídia e a mixagem precisa de sons, imagens e textos”. O hipertexto é assim definido como “informação multimodal disposta em uma rede de navegação rápida e ‘intuitiva’”. O mesmo autor também define hipertexto como “uma tendência à indeterminação, à mistura das funções de leitura e de escrita”.

Os *blogs* apresentam, então, uma característica hipertextual marcante, no sentido de permitir a navegação não-linear, a possibilidade de leitura e de escrita, a associação de diferentes mídias.

A figura 9 mostra um *blog* com *links* e imagens:

Figura 9: *Blog* da Vânia²²

A caixa Perfil possibilita o acesso a outros dados da blogueira não disponíveis na tela principal. O pequeno boneco na caixa “Meu humor” é uma animação, em movimento o tempo todo, representando o estado de espírito da autora no momento em que criou essa parte de seu *blog*. Ao clicar em “*Blog da Helena*”, na caixa “Outros sites”, uma nova janela se abre, disponibilizando-o. Nele, pode-se ir para outros tantos *blogs* de diferentes pessoas, ou para outros ambientes virtuais, firmando-se uma grande rede próxima ao infinito. Na caixa Arquivo, pode-se ir para os antigos textos criados pela autora do *blog*. Ainda há ilustrações para compor o conjunto geral, algumas com ligações para outros espaços do *blog* ou fora dele.

²² *Blog* “Crônicas da Vani” disponível em <http://cronicasdavani.zip.net/> - acessado em 8/10/08

É importante salientar que os *links* disponíveis em *blogs* não são colocados aleatoriamente, mas procuram compor um todo relacionado com a temática e com os interesses de seu autor, formando uma rede hipertextual.

Recursos multimídia

Os *blogs* apresentam marcas de subjetividade da mesma maneira que os diários tradicionais. Aparecem na forma de se expressar, na utilização de signos especiais, como símbolos, palavras abreviadas, sinais de pontuação, inclusão de elementos multimídia (som, imagem, filmes etc.), *links* escolhidos, chamada pelo leitor à interatividade, e também na construção do texto escrito.

Alguns diaristas costumam colar, em seus cadernos (agendas ou diários de papel), lembranças materiais relacionadas aos momentos descritos: papel de bala ou bombom, ingresso do cinema, uma foto de pessoa amiga, um bilhete, um desenho, como visto anteriormente nas figuras 1 e 2. Os *blogs* também permitem o acréscimo de “objetos”, só que na forma virtual. Os mesmos elementos listados podem ser “colados” no *blog* depois de digitalizados, transformando-o em um evento multimídia.

Por ser uma ferramenta digital, o *blog* oferece vantagens que o suporte de papel não permite: músicas, filmes, animações são inseridos com facilidade. Um *blog* passa, assim, a um somatório de elementos dispostos ao lado do texto escrito, sem limitação aparente.

Para Santaella (2005:69), tais elementos surtem efeitos variados no leitor de um *blog*. “Esses efeitos podem se dar de várias ordens, desde o nível de uma primeira impressão até o nível de um julgamento de valor que o receptor pode e, muitas vezes, é levado a efetuar”. A qualidade dos recursos multimídia inseridos no *blog* é responsável pela impressão que causa no primeiro acesso. Num segundo momento, serão responsáveis pelas associações de ideias que o leitor do *blog* faz ao visualizar as imagens ou ouvir as músicas ou, ainda, assistir aos vídeos ali disponibilizados.

Na figura 10, há um vídeo que, ao ser executado, toca uma música; ao lado do vídeo há uma foto com um texto produzido pela autora do *blog*. Abaixo do texto há um espaço denominado “Pensamentos diferentes” com *links* para outros *blogs*. Enfim, o *blog* apresenta, somente neste pequeno recorte, foto, vídeo, som e texto.



Figura 10: *Blog* Anja de Asa Insana²³

Arquivamento

O fato de o *blog* permitir o arquivamento de textos já produzidos também é um dado importante. Os arquivos anteriores podem ser guardados por data de produção e acessados tanto pelo autor como pelos leitores a qualquer momento com muita facilidade, pois é um banco de dados. O *blog* é um sistema de arquivamento e disponibilização de qualquer forma digitalizável de conteúdo.

Isso possibilita, também, que o autor dos textos do *blog* reescreva, altere, acrescente novos dados aos textos originais, tanto por iniciativa própria como por influência de comentários dos leitores. Os escritos ficam disponíveis na Internet,

²³ *Blog* “Anja de Asa Insana” – disponível em <http://www.anjadeasainsana.blogspot.com/>, acessado em 8/10/08

facilitando a comunicação entre os interlocutores e dando um carácter dinâmico ao *blog*, diferentemente de seu gênero antecessor em papel.

Schittine (2004:138) observa que a “passagem do diário íntimo do papel para o suporte do meio virtual permite registrar com maior rapidez o presente, mas permite também mudá-lo com a mesma rapidez”. Da mesma forma que é simples e fácil registrar a vida íntima na Internet, também o é alterar seu conteúdo. O acesso aos arquivos se faz por meio de *links* que permitem a qualquer pessoa ler seu conteúdo; no entanto, somente o autor do texto pode modificá-lo.

Os *blogs* tornam-se, assim, repositórios de material textual e de recursos multimídia, configurando uma memória virtual de seu autor. O que antes requeria um espaço concreto (armário, estante, gavetas) para guardar os vários livros escritos por diaristas, hoje fica estocado em um espaço virtual – a Internet (na verdade, em discos rígidos situados em computadores da rede).

A figura 11 mostra dois exemplos de como aparecem nos *blogs* os *links* para arquivos anteriores:



Figura 11: Blogs “Cantinho do Landinho” e “Anja Insana”²⁴

²⁴ Blogs disponíveis em <http://landinho.zip.net/> e <http://www.anjadeasainsana.blogspot.com/> - acesso em 9/10/08

1.3.3. Um novo personagem: o leitor-autor

Diante desse cenário, surge um novo personagem: o leitor-autor. Tal personagem, na verdade, se constrói em função do meio em que o *blog* é disponibilizado. Pela facilidade de interação, o leitor que acompanha um *blog*, ao postar comentários, torna-se também autor da produção textual.

Em toda leitura sempre há uma intenção. Lê-se, em geral, o que é interessante, importante, necessário, mas, sobretudo, o que tenha significado. A escolha da leitura varia de acordo com o momento em que se vive, com as emoções, com a experiência de cada um, pois ler depende da interação texto-leitor, quando leitor e autor se aproximam por meio do texto, já que a leitura depende da relevância que o leitor dá ao texto e o quanto ela se relaciona ao que o leitor deseja encontrar ali.

O leitor constrói o sentido com base em seus conhecimentos, em sua expectativa e em sua intenção de leitura. Koch e Elias (2006) revelam que a concepção que se tem de leitura determina a maneira de se ler. Quando o foco da leitura está centrado no autor, o texto é um produto do pensamento, das ideias do autor, cabendo ao leitor apenas captar as intenções do produtor. Quando o foco da leitura está no texto impresso, codificado por um emissor, cabe ao leitor apenas decodificar o produto (texto) de maneira linear: o sentido está nas palavras e na estrutura do texto. Quando o foco da leitura, no entanto, está na interação entre autor-texto-leitor, o sentido do texto é construído nessa interação.

A leitura é, portanto, uma atividade interativa, complexa de produção de sentidos, que se realiza com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. Diferentemente de uma conversa em que estão presentes, além de palavras, elementos como gestos, expressão facial, entonação e ritmo da voz, a interação com o texto escrito requer do leitor estratégias para complementar o que lê com informações implícitas. Isso equivale a dizer que se trava um diálogo entre leitor e texto cujo sentido só se concretizará por meio da compreensão que aquele fizer de sua leitura.

No *blog*, esse diálogo leitor-texto se materializa nos comentários. Mais propriamente o diálogo autor-texto-leitor. Para Bakhtin (1997:294-295),

o diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal, cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a *posição do locutor*, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma *posição responsiva*. (...) Pressupõe o *outro* (em relação ao locutor) membro da comunicação verbal. (grifos do autor)

O leitor do *blog* adota a mesma posição responsiva do locutor em um diálogo, ou seja, ele tem a possibilidade de escrever um comentário a respeito do texto lido, realizando, assim, o diálogo com o autor do *blog*.

No diálogo, na conversa, o ouvinte é o locutor. No texto escrito, o leitor é também o locutor, pois expressa sua posição responsiva na compreensão da leitura que faz. No *blog*, acontece a junção dessas duas posições (ouvinte e leitor) por meio da materialização da resposta nos comentários. O leitor do texto escrito no corpo do *blog* assume o papel de ouvinte e responde ao autor do texto como numa conversa presencial, fazendo o que Bakhtin denomina de “compreensão responsiva ativa”:

O locutor postula esta compreensão responsiva ativa: o que ele espera, não é uma compreensão passiva que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc. (idem, p.291)

É nessa perspectiva dialógica que o leitor do *blog* se constitui como coautor do texto que se constrói. Um *post* é sempre seguido de comentários que o complementam ou respondem a ele. O autor do *blog* escreve contando com essa participação ativa do leitor, desejando que sua produção não se torne um monólogo. Delineia-se, assim, a figura do leitor-autor.

O exemplo a seguir mostra como se estabelece o diálogo entre o autor do *blog*, texto (1), e alguns de seus leitores, textos (2) e (3). A “conversa escrita” sugere que os textos se complementam, formalizando a relação autor-texto-leitor:

(1) Quinta-feira, 3 de Setembro de 2009

[So pra dizer See you](#)

Oi Galera!

Hoje tenho 2 noticias pra voces. Uma boa e outra ruim, qual voces querem primeiro?rsrsrs

Bom, a boa e' que vou viajar por 3 meses, vou pra Australia. Algumas pessoas sabem que eu ja morei la por 6 meses. Gente, a Australia e' um pais maravilhoso, bem parecido com o Brasil, com muitas praias, so que mais seguro.

Agora a ma noticia e' que ficarei afastada daqui durante esse tempo, pois la nao terei net e postar de lan house e' muito complicado e caro! Quando morei la, quase nao dava pra ir na lan, pois era bastante caro! Vou sentir falta de voces, mas tambem irei descansar e aprender mais ingles.... Espero que todos voces se cuidem e fiquem na paz, e quando eu voltar, espero que todo mundo venha me visitar de novo, que nao se esquecam de mim.....

Gente, nao dara tempo nem de visita-los, portanto me despeco por aqui mesmo ok?

Beijos pra todos, cuidem-se e See you soon!!!

Postado por Vana²⁵ às [05:36 13 comentários](#)

(2) Mario S. disse...

AHHHHHHHHHHHHHHHH

Eu entrei aki pra flar q jah tava triste por tanto tempo sem post e vc vai emboraaaaa !!! Oo hehe

Q tristee!! :,(

Mas por outro lado viajar eh bom neh?!? Dps se vc puder me manda um email dizendo pra qual cidade vc vai na Australia!! Eu tenho amigos e parentes em umas 4 ou 5 cidades grandes por lah, se vc precisar de qquer coisa ou quiser soh dar um passeio mesmo eh soh me avisar q vc fla com eles!! ^^

Espero q vc aproveite muito a viagem! Tire bastantes fotos pra mostrar pra gente dps pq eu certamente virei aki ao blog pra ver como foi sua viagem!!

E fla serio neh... nenhum lugar como uma boa prainha para poder dar uma relaxada! ^^

Agora o mais triste de td eh q qdo vc voltar eu tbem estarei viajando... mas em todo caso vou torcer pra dar um jeito de usar a net e ficar a par das coisas! Ai c vc voltar eu comento aki!! soh n vale fugir de nois dps q voltar em!!

Bom, de novo, espero q vc tenha uma boa viagem!! Aproveite bastante e fique sempre feliz por lah!

Eu sei q vc flou q vai ser dificil, mas, em todo caso, se vc tiver uma oportunidade, me manda um email de lah nem q seja pra dizer um oi e flar q a viagem tah boa q eu ia ficar feliz =P heheh

bjossss

td de bom!!

boa viagem

3 de Setembro de 2009 06:17

(3) Gabitus disse...

Que delicia!! Vai passar 3 meses lá??? Mas vai ser verão, ou vai estar frio?? Lá faz frio???

Que pena que ficará sem escrever tanto tempo assim!!!

Mas quando voltar, faz um post sobre suas férias!!! Hehehehe...

Beijos!!

4 de Setembro de 2009 02:33

Logo no início do texto (1), a autora dialoga com seus leitores, não somente pelo vocativo, mas também pela pergunta “Uma boa e outra ruim, qual voces (sic) querem primeiro?”. Ela tem certeza de que seu *post* será lido por alguém. Tanto no texto (2) como no (3), encontramos respostas para as duas possibilidades de notícia que a autora coloca: a boa e a ruim. O leitor-autor do texto (2) não só responde como comenta, emite juízos de valor, dá sugestões etc. O leitor-autor do texto (3) estabelece o diálogo, lançando novas perguntas, também na expectativa de respostas.

²⁵ Retirado do *blog* de Vana, disponível em <http://terradebarbies.blogspot.com/>, acessado em 9/9/09.

A participação desses leitores-autores integra o sentido geral do texto principal (texto 1), enriquecendo-o com novas possibilidades de assuntos. Além disso, realiza o desejo do autor de ser “lido e comentado” por seus leitores.

Para encerrar o capítulo e facilitar a visualização das categorias abordadas, o quadro a seguir faz uma comparação entre as características do diário íntimo de papel e do *blog* pessoal (quadro 6):

Categorias	Diário íntimo de papel	Blog pessoal
Forma (datação, vocativo, despedida)	Datação escrita à mão; vocativo e despedida carinhosos e dirigidos ao próprio diário	Datação automática (o programa faz); vocativo dirigido à comunidade leitora; assinatura eletrônica e automática
Tema (escrita sobre si)	Confissões, segredos, inquietações; diálogo interior; escrita hermética	Confissões, histórias do cotidiano; diálogo com os leitores
Linguagem (uso de 1ª pessoa; vocabulário informal; coloquialismos; prosa narrativa)	Texto prolixo, volumosos; caligrafia – marcas pessoais e emoção	Coloquialismo mais acentuado, presença de gírias e palavrões; abreviações; economia vocabular; emoção marcada por símbolos
Tempo (assíncrono)	Resgate da memória diária; registro feito geralmente ao final do dia	Sincronia relativa; simulação de conversa em tempo real
Interlocutor	O próprio diálogo com o diário. Leitor imaginário ou eventualmente amigos muito íntimos ou familiares autorizados; interlocutor materializado no diário	Leitor com autoria, comenta a leitura e interfere. Pode ser qualquer pessoa com acesso à Internet; leitores do círculo de amizade; comunidades virtuais; interlocutor real
Suporte	Papel; caderno; livro; suporte com valor secreto, com privacidade	Digital; suporte com valor público, sem privacidade
Interatividade	Praticamente inexistente; leitor não interfere	Facilidade de acesso, presença de comentários; existência de comunidades virtuais
Hipertextualidade	Praticamente inexistente; estrutura linear	Convivência de variados blocos de informação; estrutura não-linear; presença de <i>links</i>
Recursos multimídia	Representados pelos papéis de balas, desenhos, etc.	Marcas de subjetividade na escolha de recursos como música, vídeos, fotografias, textos
Arquivamento	Cadernos guardados em armários e gavetas	Arquivamento virtual constituindo banco de dados; facilidade de acesso aos <i>posts</i> antigos; dinamicidade na busca de informações

Quadro 6: Comparação entre as categorias do diário de papel e do *blog* pessoal

2. COMUNIDADES VIRTUAIS: UM ENCONTRO NO CIBERESPAÇO

*A arte de viver é simplesmente a arte de conviver ...
simplesmente, disse eu? Mas como é difícil!
Mário Quintana*

A era da informação ou a era do conhecimento em que vivemos é caracterizada pela mudança na maneira de comunicação da sociedade e pela valorização crescente da informação, que circula a velocidades e quantidades até então inimagináveis. Nesse contexto, que possibilita a comunicação mais ágil entre os indivíduos, independentemente da localização geográfica e em meio a um quadro de mudanças sociais confusas e incontroláveis, manifesta-se uma tendência nas pessoas de se reunirem em grupos sociais visando compartilhar interesses comuns.

Passou-se a viver uma realidade diferente, em que as barreiras espaciais, temporais e geográficas já não são tão significativas, quando as redes globais de intercâmbios conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países sob os efeitos globalizantes provenientes da pós-modernidade. O indivíduo, assim, desprovido de

referências tradicionais saiu à procura de pessoas com as quais pudesse compartilhar interesses em comum, uma vez que é da natureza humana se relacionar socialmente. Nos últimos tempos, porém, tal prática parece intensificar-se com a presença das redes mundiais de computadores, que aproximam os indivíduos e possibilitam o surgimento de novas formas de relações sociais: as comunidades virtuais, espécie de agrupamentos humanos constituídos no ciberespaço ou no ambiente virtual.

O conceito de comunidade virtual foi cunhado pela primeira vez por Howard Rheingold em 1993 (RHEINGOLD, 2000). Uma comunidade virtual é formada por pessoas plugadas em computadores e que se relacionam virtualmente já que, na maioria das vezes, não se conhecem presencialmente. Milhões de pessoas em todo o mundo participam de grupos sociais mediados por computadores: em *chats*, no Orkut e afins, em *blogs*, *twitters*, em variados espaços que permitem o encontro virtual. Muitos nunca se conhecerão pessoalmente, mas continuarão a manter um relacionamento via computador. Outros participantes, por vezes, organizam reuniões presenciais em que as pessoas, conhecidas às vezes de longa data somente pelo computador, finalmente revelam-se seres de carne e osso no encontro face a face.

2.1. O público e o privado

A existência de comunidades virtuais leva, antes, a outra discussão a respeito do público e do privado. A partir do momento em que grupos de pessoas decidem se reunir em um espaço virtual, elas entendem que seu encontro pode possuir caráter público. O que leva, então, alguém a querer que sua intimidade seja exposta em um ambiente público, disponibilizando seus diários/*blogs* em comunidades virtuais?

Existe um paradoxo na situação da escrita de *blogs* justificado pela dicotomia privado X público. Como já visto, os *blogs* pessoais são escritas sobre si, relatos íntimos de situações diárias, publicados na Internet. A Internet, em contrapartida, é um espaço público em que qualquer pessoa que possua um computador com acesso à Rede pode ler seu conteúdo. Assim, o privado inicialmente, já que escrita íntima, torna-se público ao ser lançado na Internet.

O crítico social Richard Sennett (2001) apresenta uma tese sobre os limites entre a privacidade e a exposição pública. Defende a ideia de que a valorização da intimidade nos tempos atuais se relaciona à desvalorização da vida pública. Com a crescente violência instaurada nas ruas, a vida pública deixa de ser prioridade e as pessoas passam mais tempo dentro de casa. O espaço público se esvazia e a privacidade se destaca.

Os conceitos de público e privado acompanham a história da sociedade desde os tempos da Idade Média. No século XVII, as cortes francesa e inglesa estimulavam as relações do indivíduo com o público. Era mais popular quem tivesse maior exposição pública. As pessoas consideradas importantes, conquistavam reconhecimento por seus nomes e por seus feitos, sendo exaltadas em ocasiões sociais.

Como as cortes eram pequenas, entretanto, ao mesmo tempo em que se apontavam os predicados também se conheciam os defeitos. A intimidade passava a ser vasculhada e exposta, antes mesmo da apresentação da pessoa a outras. Comentavam-se e divulgavam-se casos amorosos, problemas financeiros, pecados e ambições rapidamente.

Com o decorrer dos anos, as cidades cresceram e as relações sociais desempenharam um novo papel. As pessoas não eram mais conhecidas, os outros viraram estranhos, e as relações do indivíduo com o público, antes estimulada pela corte, tornaram-se mais cautelosas. Surgia, então, um comportamento social baseado na reação do outro. Tal comportamento visava representar um papel adequado e aceito pelo grupo social para ser considerado verossímil. Cada aparição social deveria convencer os outros. O indivíduo precisava representar um papel como em um ato teatral.

Instaurava-se, assim, uma sociedade de aparências: os gestos, os dizeres, as emoções transmitidas eram representadas. Os locais públicos viraram espaços para as pessoas verem e serem vistas. O público e o privado se separaram por um muro tão invisível quanto impenetrável.

Por causa dessa situação, de acordo com Sennett (2001:35), nos séculos XVIII e XIX, o privado passou a ser considerado mais importante do que o público. A família ocupou o lugar de expressão da individualidade: “Durante o século XIX, a família vai se revelando cada vez menos o centro de uma região particular, não pública, e cada vez mais como um refúgio idealizado, um mundo exclusivo, com um valor moral mais elevado do que o domínio público”.

Nesse sentido, os novos ambientes íntimos e privados que proliferaram naquela época, sobretudo na classe burguesa, tornaram-se verdadeiros espaços para introspecção, conseqüentemente, convites para a escrita de diários íntimos. A própria arquitetura das casas favorecia a intimidade. Espaços para a vida pública (a sala de estar) e espaços para vida íntima (quartos individuais) eram delineados e almejados pelos indivíduos da burguesia do século XIX.

Sennett (*ibid*, p.29-30) complementa esse pensamento considerando a intimidade como uma maneira de autoproteção, mas com abertura para a exposição apenas para pessoas autorizadas. As diferentes formas de recolhimento ou de exibição seriam papéis representados pelo mesmo ator, por meio de eus diversos:

O isolamento em meio à visibilidade pública e a exagerada ênfase nas transações psicológicas se complementam. Na medida em que alguém, por exemplo, sente que deve se proteger da vigilância dos outros no âmbito público, por meio de um isolamento silencioso, compensa isso expondo-se para aqueles com quem quer fazer contato. A relação complementar existe então, pois é das expressões de uma única e geral transformação das relações sociais. Às vezes, penso nessa situação complementar em termos das máscaras criadas para o eu pelas boas maneiras e pelos rituais de polidez.

Depois de um século de isolamento e afastamento da sociedade, o desejo de interação ressuscitou. O século XX, com seus aparatos tecnológicos, recupera a ideia de vida pública e a necessidade de ser reconhecido como figura popular. A televisão, as câmeras de vídeo, o celular e o próprio computador colocam à disposição das pessoas a facilidade da exposição. Programas de entretenimento na TV, como Big Brother e outros que mostram o cidadão comum em situações do dia a dia, são exemplos de abertura para a importância da popularização. É a época dos “cinco minutos de fama”.

Divulgar escritos íntimos na Internet também faz parte desse processo de exposição. As redes de relacionamento e as comunidades virtuais que se formam em torno de um *blog* confirmam tal tendência. Ler sobre a vida de outras pessoas e, ao mesmo tempo, consagrar-se como alguém que se exhibe para um público, muitas vezes desconhecido, ganha ares de contemporaneidade, conseqüentemente de popularidade.

Crescem, assim, os grupos de pessoas que se interessam pela vida íntima de outras, fazendo com que as comunidades virtuais dos *blogs* pessoais se espalhem e se avolumem. A sociedade toma o caminho de volta para uma época em que era importante o reconhecimento pelo nome e pelos feitos.

2.2. Comunidades virtuais

Segundo Rheingold (2000), as pessoas que participam de comunidades virtuais criam palavras específicas para externar seus sentimentos, envolver-se em discussões intelectuais, falar de comércio, trocar conhecimento, brigar, fofocar, planejar viagens, fazer amigos, apaixonar-se, conversar. Para o autor, compartilhar de uma comunidade virtual com pessoas de culturas diferentes é bastante atraente e, muitas vezes, viciante.

Dessa forma, conceitualiza comunidades virtuais como agregações sociais que emergem da Internet quando um grupo participa de discussões públicas por tempo suficiente, com sentimento humano, para formar redes de relacionamento no ciberespaço.²⁶ Comunidades virtuais são, portanto, grupos que surgem dentro do espaço virtual – a Internet, por exemplo – e que mantêm uma rede de informações e afinidades.

As comunidades virtuais criaram novas formas de sociabilidade em que está presente a sensação de pertencimento. O ambiente virtual torna-se local de interação social. Para Rheingold, é necessário que haja motivação, interesses

²⁶ Tradução livre de: “*Virtual communities* are social aggregations that emerge from the Net when enough people carry on those public discussions long enough, with sufficient human feeling, to form webs of personal relationships in cyberspace” (Rheingold, 2000, introdução).

compartilhados, sentimento comunitário e perenidade nas relações para que se tenha uma comunidade virtual com vigor e intensidade. Aponta também, como grande vantagem das comunidades virtuais, a possibilidade de se entrar num assunto desejado imediatamente, por meio de tópicos armazenados na memória de determinada comunidade mediada por computador.

Para manter uma comunidade, regras são criadas e ajustadas frequentemente. No espaço da Internet, acontece o mesmo: o grupo que se forma em um *blog*, ou em outro recurso virtual qualquer, cria suas próprias regras de convivência e as atualiza de acordo com a entrada de novos membros ou do tempo que essa comunidade existe. Essas regras também incluem os recursos linguísticos utilizados nas conversas escritas. Não são necessariamente distribuídas para o grupo, mas se percebe que existem e, ao entrar em uma comunidade, o novo participante se adapta rapidamente a elas.

Nesse mesmo raciocínio, Castells (2003:287) argumenta que a Internet é muito mais que uma simples tecnologia, é o meio de comunicação que constitui a forma organizativa de nossas sociedades:

A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos.

Os relacionamentos constituídos no ciberespaço ganharam dimensão não só sociais como também de produção e de pesquisa na ciência, na medicina, na educação, no jornalismo, enfim, gerando uma rede de comunicação ampla e irrestrita. Hoje em dia, não se concebe mais o ato comunicativo somente interpessoal, passou a existir também na forma virtual com as redes de computadores.

Lemos (2002) enfatiza que o ponto de partida para compreendermos o comportamento social que marca uma determinada época é a consciência de que existe sempre uma relação simbiótica entre o homem, a natureza e a sociedade; em cada período da história da humanidade prevalece uma cultura tecnológica específica. Para Lemos, o ciberespaço pode ser tanto o lugar onde estamos quando

entramos num ambiente simulado, de realidade virtual, como o conjunto de redes de computadores, interligadas ou não, em todo o planeta. O ciberespaço torna-se, assim, o ambiente em que as comunidades virtuais se constituem.

Dessa forma, a cultura contemporânea passou a caracterizar-se pelo uso crescente de tecnologias digitais, criando uma nova relação entre a tecnologia e a vida social e, ao mesmo tempo, proporcionando o surgimento de novas formas de agregação social, com práticas culturais específicas, constituindo a chamada cibercultura, marcada pelas comunidades virtuais.

Nem sempre podemos considerar esse tipo de ambiente (como os *chats*, *blogs*, as listas de discussão, os *sites*) como comunitário, pois seus membros usufruem do espaço virtual de duas maneiras diferentes, apesar de delineado em torno de interesses comuns, de traços de identificação, capaz de aproximar, de conectar indivíduos que talvez nunca tivessem oportunidade de se encontrar pessoalmente. Segundo Rheingold (2000), os ambientes virtuais agrupam participantes (a) com determinada permanência temporal e espírito comunitário ou (b) sem nenhum vínculo afetivo ou temporal.

No caso (a), a comunidade virtual formada participa dos eventos daquele suporte de maneira permanente, ou seja, com certa regularidade, as mesmas pessoas frequentam o ciberespaço para trocar informações pertinentes à temática. Forma-se um grupo de interesses comuns e os laços afetivos se estreitam. O grupo se fortalece e se mantém por um longo período. Os comportamentos são amplificados pelos meios tecnológicos, fazendo com que indivíduos localizados em diferentes partes do globo possam conectar ideias, crenças, valores e emoções.

No caso (b), os participantes não mantêm vínculos nem afetivos nem temporais. Seus interesses naquela comunidade são pontuais, geralmente buscando alguma informação, deixando algum comentário e não aparecendo mais. Lemos (2002) denomina esse tipo de comportamento de agregação eletrônica, não constituindo uma comunidade virtual de fato.

Na formação de uma comunidade virtual, portanto, a aproximação das pessoas no ambiente virtual acontece por meio da existência de traços identitários comuns e pelo interesse em determinados assuntos: o participante escolhe em qual grupo quer se inserir, participando de quantas comunidades desejar.

Hall (2001:75) justifica a criação de comunidades virtuais a partir da “compressão espaço-tempo”, isto é, os processos globais são tão acelerados que nos parece sentir o mundo menor e as distâncias mais curtas, quando eventos ocorridos em um lugar específico têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância. Isso só é possível por causa dos meios de comunicação, incluindo-se aí a Internet:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades, dentre as quais parece possível fazer uma escolha.

Nesse sentido, a formação de comunidades virtuais se relacionaria diretamente à busca de novas características identitárias na sociedade em rede, refletindo os efeitos da globalização, que implica um movimento de distanciamento da ideia clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado, passando a vigorar uma perspectiva baseada na forma como a vida social se ordena hoje em dia em consequência das inovações tecnológicas.

Isso permite que participantes de uma mesma comunidade virtual não pertençam obrigatoriamente a um mesmo espaço físico, uma mesma região territorial, nem à mesma cultura social. O mais provável é considerar que o aspecto de convergência seja a língua, se levarmos em conta que a base mais utilizada atualmente na comunicação dos meios virtuais é a escrita.

2.3. Comunidades linguísticas em torno dos *blogs* de adolescentes

Um indivíduo, ao se inserir em comunidades virtuais, busca traços de identificação e não uma identidade única. Assim, um mesmo indivíduo participa de diversas comunidades, dependendo do seu grau de interesse, adotando “variadas

identidades”. Em uma, procura a temática; em outra, amizade; em outra ainda, informação. As características pertinentes a cada uma das comunidades virtuais farão com que o participante se identifique com elas, adaptando-se a elas.

Como já dito, as comunidades criam regras de utilização para que a participação dos indivíduos seja minimamente uniforme e educada. Por exemplo, em uma comunidade, o mediador²⁷ pode determinar que todos os participantes sejam identificados, não permitindo a entrada de “anônimos”. Isso equivale a saber sempre quem participa da conversa e entender melhor seu comportamento. Algumas comunidades também determinam o número limitado de participantes, outras não fazem restrição alguma. Enfim, regras de convivência costumam ser bem aceitas e respeitadas, caso contrário, o participante é convidado a se retirar da comunidade ou é desligado definitivamente do grupo pelo mediador.

Em torno dos *blogs*, também são constituídas comunidades virtuais. Os jovens que deles participam criam pequenos grupos por conta de temáticas específicas, compartilham interesses comuns e desenvolvem características específicas. Dentre essas características, destacam-se as marcas linguísticas.

Adolescentes com acesso à Internet buscam uma forma peculiar de expressar seus sentimentos e de trocar ideias com seus pares, criando uma variação linguística que se estruture como marca do grupo, entretanto, sem perda do padrão da sintaxe da língua, o que não inviabiliza de todo o entendimento entre comunidades distintas (por exemplo: usuários de *blogs* diferentes ou participantes temporários).

É nesse sentido, de comunidade com permanência temporal, vínculo afetivo e interesses compartilhados, que surge uma linguagem comum como motivação para que o grupo continue a se “encontrar” com intensidade e continuidade: uma espécie de pacto, a criação do dialeto²⁸ como uma marca do grupo.

²⁷ O mediador de uma comunidade é geralmente o seu criador. No caso dos *blogs*, o mediador é o autor. Ele especifica se aceita comentários de “anônimos” ou não na própria configuração do *blog*, por exemplo.

²⁸ Foi adotada aqui a ideia de dialeto como conjunto de marcas linguísticas de determinada comunidade, considerando tanto fatores geográficos quanto sociais.

Se entendermos a linguagem utilizada pelos jovens nos *blogs* como um dialeto, significa que ela tem características próprias, mas sem prejuízo ou interferência na compreensão e na intercomunicação entre pessoas que falam a língua padrão. Podemos, então, considerar tal dialeto como um fenômeno social, de um determinado grupo de pessoas, de certa faixa etária e condição social; e, também, como um fenômeno geográfico, no sentido espacial da palavra, só que o espaço nesse caso é virtual.

O núcleo básico de uma língua é arbitrário, estático e imutável por ser um depósito de normas prescritivas, entretanto permite a produtividade linguística tornando-se criativa, flexível e espontânea, no nível lexical. Bakhtin (1988:96-98) considera ainda que, por esse caráter produtivo, a linguagem se adapta às necessidades das comunidades linguísticas, já que

a linguagem do advogado, do médico, do comerciante, do político, do mestre-escola, etc. (...) diferenciam-se evidentemente não só pelo vocabulário: elas implicam determinadas formas de orientação intencional (...), são carregadas de conteúdos determinados, concretizam-se, especificam-se, impregnam-se de apreciações concretas, unem-se a determinados objetos, a âmbitos expressivos de gêneros e expressões. (...) Deste modo, em cada momento da sua existência histórica, a linguagem é grandemente pluridiscursiva.

O mesmo se aplica às comunidades linguísticas originadas em comunidades virtuais. Além do dialeto desenvolvido pelos participantes, outros recursos possibilitados pelo suporte virtual compõem a linguagem pluridiscursiva da Internet.

Tais comunidades linguísticas relacionam-se, portanto, com o conceito de língua que engloba situações de interação. Labov (1982)²⁹, ao cunhar a expressão “comunidades linguísticas”, referia-se a um grupo de falantes com um conjunto de atitudes sociais para com a língua comum. A comunidade não se forma a partir de um acordo quanto ao uso dos elementos da língua, mas pela participação do grupo num conjunto de normas estabelecidas pelo uso.

Para Antunes (2007:95), a língua exerce “condição mediadora das atuações sociais que as pessoas realizam quando falam, escutam, leem ou escrevem”. Dessa forma,

²⁹ Tradução livre de: “The normal condition of the speech community is a heterogeneous one: we can expect to find a wide range of variants, styles, dialects, and languages used by members” (Labov, 1982:17).

o termo comunidade linguística se aplica ao contexto de comunidades virtuais, visto que os participantes interagem por meio da língua escrita.

Ainda na mesma linha, Bechara (2007:68) afirma que

o desenvolvimento cultural dos homens reflete a complexa constituição da identidade de um povo, não só integrado por aqueles que melhor falam a sua língua, mas ainda pelas demais parcelas da sociedade; (...) o idioma (...) se constrói e se constitui na diversidade regional social do falar.

A comunidade virtual de um *blog* representa um grupo regional social com características próprias do falar/escrever, constituindo uma identidade pertinente a partir do dialeto que desenvolve para suas conversas virtuais. A língua faz papel de mediadora das relações interpessoais na comunidade virtual.

Antunes (2007:95) dialoga com Bechara quando diz que existe um pacto entre os falantes de uma língua, fazendo circular os valores culturais daquele grupo social e, a partir daí, usam e recriam recursos linguísticos que representem a comunidade:

O que existe de concreto, de observável são os falantes, que, *sempre*, numa situação social particular, usam (e criam!) os recursos linguísticos para interagirem uns com os outros e fazerem circular a gama de valores culturais que marcam cada lugar, cada situação e cada tempo. (grifos do autor)

Seguindo o raciocínio dos autores, pode-se considerar uma comunidade linguística como um grupo que cria seu próprio dialeto e o regula dentro de sua comunidade virtual. A língua se vincula às situações de uso dos falantes daquele grupo, que atribuem sentido a suas criações linguísticas, de acordo com seus papéis sociais e ideológicos. De acordo com Antunes (*ibid*, p.96), são “vozes, portanto, que, partindo das pessoas em interação, significam expressão de suas visões de mundo e, ao mesmo tempo, criação dessas mesmas visões”.

As vozes a que Antunes se refere refletem uma identidade que experimenta o sentimento de pertencimento a um grupo que a aceita e acolhe, formando assim uma comunidade linguística. Para ele (*idem*, p.96),

é nesse âmbito que podemos surpreender as raízes do processo de construção e expressão de nossa *identidade* ou, melhor dizendo, de nossa pluralidade de identidades. É nesse âmbito que podemos ainda experimentar o sentimento de partilhamento, de pertença, de *ser gente de algum lugar*, de ser pessoa que faz parte

de um determinado grupo. Quer dizer, temos território; não somos *sem pátria*. Recobramos uma *identidade*. (grifos do autor)

Nesse sentido, o grupo que frequenta o mesmo *blog* cria uma identidade comum, dando forma a uma comunidade. Os participantes, ao deixarem suas impressões sobre o texto publicado, deixam também sua identificação. Muitas vezes, essa identificação aparece sob a forma de “anônimo”, no entanto, a maioria prefere dizer seu nome; outras vezes, pelas características de seus comentários que delineiam a personalidade. Apesar de membros com características diversas, cada um dos participantes carrega sua própria identidade que se concretiza no confronto com a identidade dos outros.

O conceito de comunidade virtual se amplia, englobando o de comunidade linguística, constituindo um grupo de pessoas que compartilham de interesses comuns, socialmente envolvidas no mesmo espaço geográfico (virtual) e utilizando um dialeto pertinente ao meio e à forma comunicativa em que se inserem.

A existência de uma comunidade virtual em *blogs* se constitui pelos comentários dos leitores. Frequentemente os *blogs* são encontrados pelos leitores com auxílio de ferramentas de busca (Google, por exemplo). Parte-se de uma palavra-chave da temática de interesse para chegar a *blogs* que tratam do assunto. O leitor aprecia a leitura e passa a fazer parte da comunidade do *blog*. Em outras situações, o *blog* é divulgado pelo autor para os amigos que o indicam para outros, formando uma rede de comunicação – uma comunidade virtual.

Na pequena amostra ilustrativa a seguir³⁰, percebe-se que, dentre as pessoas que postaram comentários nos três meses consecutivos observados (abril a junho de 2009), algumas aparecem repetidas vezes, formando uma comunidade de leitores fiel; outras deixam comentários e não retornam mais, confirmando as descrições de Rheingold abordadas anteriormente sobre comunidades virtuais.

³⁰ Alguns comentários foram reduzidos por questão de espaço, já que o interesse aqui é nos participantes e não no que dizem efetivamente. Também alguns comentários foram excluídos por não apresentarem valor significativo para o exemplo. Entretanto, a retirada de comentários não invalida o percentual de participação dos leitores relativo a cada mês.

O *blog* em questão narra as aventuras de uma adolescente (sem identificação detalhada) que vive no Japão³¹ há alguns anos e troca informações com alguns amigos do Brasil e outros leitores que se interessaram pelos temas tratados em seu *blog* e passaram a acompanhar seus escritos.

No *post* de 26 de abril de 2009, a autora do *blog* fala da dificuldade para emagrecer, devido à variedade de guloseimas que encontrou no Japão. Os comentários são de apoio à dieta. Uma leitora (Aloana) escreve novamente no dia seguinte para responder a um outro assunto, provavelmente discutido em outro ambiente.

<p>Paula disse... volta firme e forte sacudida que o 1k baixa logo na semana o selinho voce copia a imagem, escreve qual a motivação do selinho e lista 7 pessoas para quem voce indica o selinho...é uma brincadeirinha legal... bjaoo 26 de Abril de 2009 21:18</p> <p>Aloana disse... Ola Vana, td bem? Eu tb estou morando no Japao, em Okinawa. Comecei a fazer uma RA a 2 meses e meio, ainda falta 1 quilo que ta dificil de eliminar, mas continuou correndo atras dele,rsrsrs. Quando cheguei aqui ja estava um pouco acima do peso, aqui ainda engordei quase 4 quilos. (...) 27 de Abril de 2009 21:00</p> <p>Gabi Gadelha disse... uau.. 700 gramas é bastante....as vezes tb nao compreendo o funcionamento do meu organismo, mas aos pouquinhos a gente consegue convence-lo que é melhor viver mais magra! Bjs e mto sucesso. 27 de Abril de 2009 22:45</p> <p>Aloana disse... Ola Vana, Entao, eu nao conheco seu irmao nao, faz pouco tempo que estou aqui em Okinawa. Conheco poucos brasileiros ainda por aqui. :) Bjos 28 de Abril de 2009 23:05</p>
--

O *post* de 30 de maio traz uma discussão a respeito de *donuts* (roschas de pão e açúcar) e suas variadas versões de recheio. A autora diz que comeu muitos naquele dia.

<p>Aloana disse... Huum, que delicia, eu tb adoro donuts! Hoje tb me dei um docinho de presente, fiz uma torta de banana que ficou demais. rsrsrsrs Que beleza, vc emagreceu mais 700g, PARABENS!!! Uma otima semana pra vc Beijos 31 de Maio de 2009 14:41</p> <p>Nath disse...</p>
--

³¹ Informações retiradas do perfil de Vana do *blog* "Vivendo na terra de Barbies" <http://terradearbies.blogspot.com/> acessado em junho de 2009: "Oi gente, moro no Japao a muitos anos e queria compartilhar minhas experiencias num pais com costumes totalmente diferentes do Brasil." (sic)

Oiii Vana!! Ai que água na boca me deu ao ver esses bichinhos! Nunca comi, mas parecem ser apetitosos!
Vê que coisa boa.. comer guloseimas e no final ainda dizer que emagreceu 700g!
(...)
31 de Maio de 2009 20:46

[Ygor Ricardo](#) disse...

Olá Vana !
(...)
Mas que donuts feios hein ? Sou mais aquele dos Simpsons, hahaha.
E Parabens pelo peso perdido !
Beijão.
31 de Maio de 2009 23:46

[Siba](#) disse...

Um donuts e dieta não combinam, mas td bem.Hum 700 g a menos tá mara!
Uhull!
Beijão
1 de Junho de 2009 00:01

[Gabi Gadelha](#) disse...

Vanaaa
que arraso! daqui a pouco vc pega na casa dos 58...quer dizer , acho que comi tanto de sexta pra cá que eu devo estar com 60! kkkkk
(...)
Bjsss
1 de Junho de 2009 04:23

[Jamille Queiroz](#) disse...

Oiiiiiiiiii!
1 de Junho de 2009 05:04

[Paula](#) disse...

hummm.....vanitcha lindona...
fiquei com vontade do donuts....aqui na minha cidade so tem generico...rssss
(...)
1 de Junho de 2009 07:26

[Siba](#) disse...

Oi,Vana!Olha só o simulador de caminhada é conhecido tbm como free training procura no google debes achar é ótimo justamente pela praticidade dá pra fazer em casa e até de pijama,hiuahua.
Uma ótima semana!
Beijoss
2 de Junho de 2009 01:30

[Mik@](#) disse...

Ahhh bonita! Muito obrigada pelo incentivo! Em plena segundona vc coloca uma imagem dessas!? Mato vc!
ahahaha! Brincadeirinha...
(...)
Bjss!
2 de Junho de 2009 03:03

[Márcia](#) disse...

Menina, isso eh uma bomba calorica!!
Faz muito tempo que nao como donuts!!
Mas de vez em quando nao mata neh?!
Bjs!
2 de Junho de 2009 17:40

O *post* de 30 de junho de 2009 relata um passeio de final de semana a um parque aquático local. A autora viu baleias e colocou várias fotos suas ao lado delas. Os comentários mostram envolvimento com a temática e o desejo de alguns de também passarem pela mesma experiência.

[Mari Barros](#) disse...

Ah que legal seu passeio de fds, deve ser bem divertido esse lugar. Já fico imaginando a sensação de tocar esse bicho deve ser muito engraçado lisinho, rs!
Ah eu queria toca-lo. haha!
,*
,
30 de Junho de 2009 07:33

[Rafael Silveira](#) disse...

Ótimo post Vana, realmente as baleias são formidáveis!
Gostei muito e achei interessante elas serem brancas...
Talvez seja porque eu nunca tenha visto uma baleia de perto..
AsokPOSKaopskapo
Abração!
30 de Junho de 2009 08:27

[Siba](#) disse...

Oi,Vana!Hum doro esses seus passeio e ainda por cima tu divide eles com a gente através das fotinhos, nossa ele lugar deve ser lindo.
Uma ótima semana!
Cuide-se!
Beijão
30 de Junho de 2009 08:44

[Nath.](#) disse...

Aiiii que lindo!! Eu quero um desse pra mim!! KkkKk.. Adoro bicho! Aqui em casa tenho (pausa dramática)...
4 cachorros e 2 jabotis. Amo-os!!
Adorei!
Saudades de vc, cadê tu???
Xêro!
30 de Junho de 2009 08:53

[Dea アンドレア](#) disse...

Nossa que lindo,vc tirou bem de pertinho hein?
Fofinhos demais!
30 de Junho de 2009 09:15

[S. Mupsi](#) disse...

Que linduuu eu adoro animais =D ^^
Bjo pra vc Vana . ^^
30 de Junho de 2009 09:56

[Jenny](#) disse...

parece golfinho mesmo, e é a coisinha mais linda do mundo *.*
bjss
30 de Junho de 2009 11:01

[Vagner lopes](#) disse...

Oi Vana!! Bichin biit in esse aeee. Lembra mesmo um golfinho.kkkkkkkkkk.
Meu findi foi bem tranquilo. Voltou a fzer sol aqui no Rio... Se bem q eu prefiro dias nublados mesmo.rsrprs.
E como estão as coias ae in Japan?
Um grande beijo pra vc.
Se cuide.
30 de Junho de 2009 11:01

[Aninha Leme](#) disse...

ai Vana!!!
que lindaaaaaaaaaaaaa!
não podia apertar e amassar, não? só passar a mão? hunf
kkk
muito fofa! e vc tem razão, mais parece um golfinho!
beijos
30 de Junho de 2009 11:20

[**Mã**](#) disse...

Menina, qdo vi as fotos eu jurava que eram golfinhos de bico curto!!! Mas deve ser muito legal ver tudo de perto... pena que aqui no Brasil num tem esses parques... Pelo menos que eu saiba!!! eh eh eh.. Bjinhos e uma ótima semana aí do ooooooutro lado!!!
30 de Junho de 2009 12:18

[Aloana](#) disse...

Que lindas as Beluga Whales!!!
Esse fim de semana eu fui no aquario daqui de Okinawa, vou postar as fotos la no meu blog.
Eu adoro o verao, agora da pra começar a passear outra vez, rsrsrs.
Beijos
30 de Junho de 2009 14:29

[3ig](#) disse...

Vana, que liiindo!!!
Meu Deus!! Estou muito, muito encantada!!
Parece inacreditável que esse animal realmente exista, de tão belo. Parece computação gráfica!
Que privilégio você teve de tocar esse bichinho várias vezes, hein?! =}
1 de Julho de 2009 00:15

[Fofolety](#) disse...

Muito linda mesmo a miga, uma fofura...Bjos
1 de Julho de 2009 02:57

[Ricardo Chicuta](#) disse...

E viu só o olho dela?Bem pequenininho.É Japonesa essa Beluga!
1 de Julho de 2009 09:47

[Ygor Ricardo](#) disse...

Parece mais um boto que uma baleia!
Lembro de quando coloquei a mão num Tubarão, foi demais também!
Beijos Vana.
1 de Julho de 2009 10:56

[Paula](#) disse...

quye bunitinha as belugas....mas ca pra nos, ela é a gemea do golfinho mesmo ne?rssss
como ce vai num passeio desses e nao carrega a maquina pra fotografar td pra gente?me diz?!?!?!?lrsssss
bjoka
1 de Julho de 2009 23:57

Observa-se na amostra que a quantidade de comentários é crescente, ou seja, a cada mês aumenta o número de participantes leitores do *blog* em questão, o que revela a característica de formação de comunidade em que, provavelmente, uns chamam os outros porque consideram o conteúdo do *blog* interessante. Também se nota que os leitores estão alocados fisicamente tanto no Brasil como no Japão (caso de Aloana, no quadro referente ao *post* de abril).

Paula, Gabi, Aloana, Ygor e Siba são exemplos de leitores que perseguem os *posts* de Vana para acompanhar as novidades referentes a sua vida no Japão. Esses leitores formam a comunidade virtual do *blog* de Vana e, ao mesmo tempo, constituem uma comunidade linguística, já que utilizam recursos em comum, como abreviações e gírias, perfeitamente inteligíveis para o grupo, além da discussão sobre a temática. Eles fazem parte do tipo de comunidade a que Rheingold se refere como permanente, pois revelam participação constante. Já os outros leitores não.

A comunidade virtual, portanto, se concretiza no agrupamento de pessoas que acompanham o *blog*, mantendo relações sociais, espaciais, linguísticas e de interpretação da temática. Conclui-se, então, que a comunidade virtual se constitui tanto da comunidade linguística, já que os participantes comungam da mesma língua ou do mesmo dialeto, como também de interesses, motivações, finalidades comuns.

3. LINGUAGEM DA INTERNET: COMO ESCREVEM OS ADOLESCENTES

*A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda,
foi inventada para ser calada.
Em momentos de graça, infrequentíssimos,
se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão.
Puro susto e terror.
Adélia Prado*

A modalidade escrita da língua é preponderante na Internet. Mesmo com tecnologias multimídia de áudio e vídeo ganhando espaço na realidade virtual, essa forma ainda é a mais utilizada. Tais tecnologias acompanham e complementam o texto.

A escrita na Internet apresenta possibilidades estilísticas variadas: mensagens extremamente curtas e informais, próximas à conversação espontânea, e textos elaborados, com escrita mais formal. Essa diversidade existe em virtude de contextos e situações comunicativas que contemplam tanto mensagens casuais quanto eventos mais formais.

A comunicação por meio de um *blog* acontece porque existe uma espécie de acordo entre os componentes do grupo para utilizarem determinada variedade linguística. Os usuários de *blogs* (principalmente os adolescentes) optaram por uma forma de escrita com características próprias. Chama-se o fenômeno de linguagem digital ou virtual ou, ainda, eletrônica – o “internetês”.

A criação de comunidades virtuais em torno de um *blog* justifica o uso da linguagem adotada pelos jovens, pois marcas de oralidade aparecem nos textos dos *blogs* seguindo determinado padrão. Neologismos e abreviações provenientes da escrita eletrônica são utilizados por seus usuários, permitindo um mapeamento de alguns termos pertinentes ao meio digital. Observa-se, entretanto, que essas características da linguagem eletrônica não são específicas de *blogs*, mas de diversos gêneros digitais, inclusive torpedos de celulares, constituindo um fenômeno mundial³².

Constata-se que a linguagem dos *blogs* apresenta marcas fortes de oralidade, pois é a representação escrita de uma conversa, não presencial e assíncrona, mas ainda uma expressão oral através do texto escrito, caracterizando a existência de um dialeto da Internet. Essa linguagem, no entanto, não configura uma nova ortografia, já que não apresenta um mesmo padrão para todos os usuários da língua.

3.1. O *corpus*

O recorte feito para esta pesquisa privilegiou os *blogs* de adolescentes (ou pré-adolescentes) que produzem textos de escrita íntima. Optou-se pela análise qualitativa do *corpus* por tratar-se de material efêmero e dinâmico, uma vez que inserido no espaço virtual da Internet. Os textos utilizados como exemplos não foram transcritos em sua integralidade, apenas os trechos mais significativos e com traços característicos do estudo em questão. Dessa forma, o levantamento de dados não se esgota nesta análise.

Considerou-se que os *blogs* construídos por adolescentes e pré-adolescentes são espaços de produção de leitura e de escrita essencialmente. Os recursos multimídia

³² Ver Apêndice B

inseridos nos *blogs* não são, portanto, de maior importância para esta pesquisa. Tanto a leitura quanto a escrita são geralmente registros de suas vidas dirigidos a interlocutores reais (outros adolescentes) que compartilham de situações semelhantes. Portanto, os autores de *blogs* escrevem para serem lidos. A leitura se converte em escrita nos comentários e intervenções, gerando um diálogo constante, uma autoria coletiva.

Para tanto, a metodologia adotada na pesquisa foi a de observação sem interferência, valendo-se da Internet como espaço público e aberto. A opção por tal metodologia se justifica por não influenciar o processo de escrita dos autores de *blogs*. Dessa forma, a produção dos textos acontece mais livremente, já que os escritores não se sentem “vigiados” por especialistas da língua, conseqüentemente escrevem sem censura prévia, revelando características da escrita eletrônica.

Para fazer um mapeamento dos blogueiros e de sua escrita peculiar, foi selecionado um *corpus* de análise abrangendo inicialmente 50 *blogs* de adolescentes na faixa de idade entre 10 e 14 anos selecionados aleatoriamente. Privilegiaram-se aqueles que apresentavam escrita digital com as características a que se propunha a pesquisa. Uma série de visitas aos *blogs* foi realizada no período de abril de 2005 a agosto de 2006. Mais tarde, houve necessidade de uma nova visita aos *blogs* para acompanhar o desenrolar da atividade diarística, mais dois meses de leitura dos textos (setembro e outubro de 2008). Alguns *blogs* anteriormente visitados já não eram mais atualizados. Os que ainda continuavam ativos não apresentavam mais as características de escrita anteriores.

Novas buscas a *blogs* de adolescentes se fizeram no primeiro e no segundo semestres de 2009. Os *blogs* de escrita íntima atualmente disponíveis e ativos são de jovens mais velhos (16 a 25 anos), que relatam suas experiências particulares ou contam suas aventuras, mas com uma linguagem mais próxima da linguagem padrão. Aquela linguagem codificada (o internetês ou escrita digital) encontrada anteriormente vai aparecer agora com maior frequência nos comentários, caracterizando a necessidade de escrita condensada devido ao pequeno espaço disponível, demonstrando também a rapidez de resposta.

Ficou constatado que a permanência de adolescentes da faixa etária de 10 a 14 anos na atividade de blogueiro não é contínua, ou porque o amadurecimento dos usuários faz com que percebam que a escrita de diários íntimos na Internet não atende mais a seus anseios, ou porque muitos migram para outros suportes como Orkut, MySpace, Facebook, Twitter e afins, ou, ainda, porque passam a escrever novos *blogs* com outras finalidades e com escrita mais cuidada.

Na análise inicial do *corpus*, ficou caracterizado que 92% dos usuários são do sexo feminino. Somente 4 meninos mantinham a prática de blogueiros de escrita íntima.

Em relação à temática, as meninas costumam escrever mais sobre si, enquanto os meninos preferem fazer *blogs* sobre assuntos diversos, como bandas de rock, dicas de informática e de jogos eletrônicos ou times de futebol de sua preferência. Entretanto, as temáticas também podem ser consideradas de escrita íntima, pois seus autores escrevem sobre suas relações rotineiras com esses temas.

3.2. Marcas de oralidade

A principal diferença entre a linguagem escrita e a linguagem oral está na situação de interação. Na linguagem oral, quando os interlocutores estão face a face, fazem uso de recursos entonacionais e gestuais, de sobreposição de vozes, de repetições, correções, entre outros eventos. Na linguagem escrita, muitas vezes não se sabe quem vai ler o texto, por isso a necessidade de transpor para o papel recursos que o tornem mais legível e compreensível. Na escrita, tem-se tempo para reelaborar o que se quer escrever, existe o cuidado com a gramática e as escolhas linguísticas. Preti (2004:18) afirma que “a tendência, pois, é atendermos com mais atenção às regras da gramática tradicional, embora o coloquial possa também fazer parte de nosso estilo”.

No caso dos *blogs*, os interlocutores não estão ao mesmo tempo no espaço da conversa. Cada um escreve sua mensagem em momentos diferentes, mas com características de conversação. A escrita de um texto por um interlocutor é comentada por outro que responde novamente – assincronamente. Por ter forma de conversa, o texto fica carregado de marcas de oralidade.

Os *blogs* possibilitam, assim, uma articulação entre as linguagens oral e escrita, produzindo sentido e fortalecendo as trocas dialógicas entre os participantes do *blog*. Configura-se um novo modo de lidar com a escrita: no lugar do papel e do lápis, a tela e o teclado. Nesse contexto, as questões ortográficas surgem e vão de encontro às regras ortográficas da Língua Portuguesa.

Segundo Preti (op. cit.), existe uma tendência a se considerar a linguagem oral e a escrita como interrelacionadas, percebendo-se a variação linguística como pertinente a ambas:

Teorias linguísticas mais recentes procuram ver as duas modalidades de língua como um *continuum*, pois há textos falados (conferências, por exemplo) que se aproximam da escrita, assim como textos escritos que se aproximam da fala (escritos murais, cartas familiares, cartuns etc.), o que torna a variação linguística um fenômeno comum às duas modalidades de língua.

É o caso da Internet, em que seus textos apresentam características ora da fala, ora da escrita, sem que haja uma preocupação mais intensa com a formalidade dos textos e o uso da língua culta. Xavier e Santos (2005:34) denominam esse fenômeno de “*descontração linguística* – revelada pelo uso coloquial das formas e estruturas sintáticas, pela falta de um tratamento mais cuidadoso e sofisticado do conteúdo e pela fragilidade dos argumentos.”

Os autores acreditam que tal fenômeno esteja relacionado à “incensurabilidade da Internet” – permite que os usuários grafem palavras e elaborem expressões linguísticas e publiquem suas ideias sem sanções – e ao “anonimato” – falta de obrigatoriedade de identificação, deixando o usuário mais à vontade para se expressar. No espaço virtual, portanto, leitor e autor podem debater com mais liberdade sem as restrições da interação face a face, pois os gêneros virtuais, embora construídos principalmente pela escrita, guardam muitas similaridades das características dos gêneros orais.

Percebe-se que há uma transposição da língua falada para o texto escrito, pois não existe um planejamento prévio nem elaboração da escrita, muito menos de reescrita com a finalidade de correção. O autor do *blog* pensa e escreve no mesmo momento,

sem nenhum distanciamento, como uma transcrição de sua fala. A digitação apressada revela uma tensão por parte do escritor, como se o interlocutor estivesse presente no ato da produção textual, provocando “erros” de grafia e impedindo uma revisão antes do envio da mensagem. O tempo de escrita fica equiparado ao tempo da fala. O exemplo abaixo demonstra tal comportamento:

(1) Dani:...qtas brigas bestas...qse dexo de falar com vc q eu gosto tanto...desde akela feeesta da ponte....³³

De acordo com Caiado (2007:38), a escrita digital configura-se como uma transgressão intencional, demonstrando conhecimento ortográfico das normas da Língua Portuguesa, pois

as bloguistas produzem notações “erradas” no meio digital, no *blog*, porque já se apropriaram (compreenderam e dominam) das regularidades e irregularidades da língua. Dessa maneira, elas brincam com as normas e regras ortográficas do idioma, brincam com a prescrição, porque são capazes de ir além dela, flexibilizando o conhecimento ortográfico devido à criatividade cognitiva proporcionada pela redescrição representacional.

Por outro lado, se o adolescente ainda não possui grande domínio das regras gramaticais, tenderia a se influenciar pelas transgressões propositais e poderia apresentar dificuldades na escrita de textos escolares. A pesquisa da autora confirma essa tendência ao mesmo tempo em que ratifica a baixa ocorrência de características da escrita digital em textos escolares.

A adolescência é época de interação e necessidade de aceitação. Os adolescentes encontram no espaço virtual um ambiente propício à manifestação dessa interação, escrevendo com mais liberdade. Isso só é possível, no entanto, porque a escrita digital que utilizam é aceita e compreendida pela comunidade virtual em que se inserem. Caiado (*ibid*, p.39) afirma que, no contexto,

a relação de dialogicidade do sentido não é rompida, e eles se comunicam, desfazendo a crença imposta, principalmente pelas instituições de ensino, de que apenas a notação escrita ‘correta’ das palavras, conforme as regras, pode gerar sentido, interação, comunicação.

Barcellos (2000:143) complementa o raciocínio ao justificar que

³³ (1) Recolhido de <http://www.arekisu.blogspot.com.br/> em maio de 2005.

o falante, inserido no seu tempo e no seu espaço, é instado a ampliar consideravelmente o seu inventário vernacular para dar conta do seu entorno e do seu estar-no-mundo, sob pena de, se assim não fizer, ser exilado dos jogos de convivência que têm, na palavra, o seu penhor e a sua fonte de produção.

Dessa forma, a escrita digital propicia relações sociais que colocam em segundo plano os aspectos normativos ortográficos da Língua Portuguesa. A principal preocupação é com a comunicação e com a aceitação.

Ainda no mesmo raciocínio, Leite e Callou (2004:7) afirmam que:

não existe variante boa ou má, língua rica ou língua pobre, dialeto superior ou inferior. O que ocorre é uma variabilidade na produção, muitas vezes determinada por fatores sociais, que não é exclusiva de uma língua, é universal e inerente a todas.

A linguagem usada pelos adolescentes em *blogs*, ou em outros ambientes da Internet, portanto, não deveria ser considerada como “cheia de erros” ou como “empobrecimento da língua”, mas como mais uma variante da língua portuguesa e, pelo contrário, rica em criatividade. Esse tipo de variante é pertinente ao meio eletrônico e tão somente a ele, devendo-se cuidar para não fazer uso dessa linguagem em outras situações de comunicação, já que não se configura como uma nova ortografia, mas como um dialeto da Internet.

Dentro do quadro das marcas de oralidade e da proximidade com os gêneros orais, os *blogs* podem apresentar as seguintes características:

- a) períodos curtos e simples;
- b) preferência pela construção verbal na voz ativa;
- c) frases nominais;
- d) pouco uso de subordinação;
- e) vocabulário coloquial e genérico;
- f) repetição de mesma estrutura sintática;
- g) frases truncadas ou incompletas;
- h) marcadores conversacionais;
- i) troca de turnos.

Para a substituição do gestual ou da expressividade facial, o texto do *blog* apresenta símbolos – os *emoticons* – e excesso de pontuação.

A publicação dos textos nos *blogs (posts)* e os comentários dos interlocutores assemelham-se ao uso de *e-mails* em que os usuários estabelecem uma sequência de trocas de mensagens assincronamente. Para Jonsson (1997), essa organização da comunicação aproxima-se da estrutura de troca de turnos em uma conversação face a face, sem as interrupções e sobreposições características da conversação. Tais características não estão presentes na comunicação assíncrona dos *blogs* e dos *e-mails*, já que nesses ambientes os interlocutores se valem do tempo para elaborar suas respostas. Entretanto, muitas vezes observa-se a troca de turnos (exemplo 2) ou a interrupção (exemplo 3) dentro do texto do próprio autor:

(2) Bom...sexta eu fui numa festa...de uma tal de Natalia (faze oq...num conheco!) Soh consegui convite gracias a Dani (brigadao Dani!Te Adoro!)...para mim e pro Vitola....

(3) eu num fikei bebado =] e nem sou bebado.....e nunk fikei beb....ah...essa parte pula entao...acho q eh soh...³⁴

Para que as mensagens fiquem o mais próximas possível da comunicação face a face, componentes não-verbais e paralinguísticos são utilizados como auxiliares à estruturação de turnos e à demonstração de ocorrência de alterações entonacionais e prosódicas da fala. Tais componentes são marcados semioticamente com recursos ortográficos, de pontuação e de grafia:

- (a) símbolos – conhecidos como *emoticons* (do inglês *emotion* + *icons* – ícones que exprimem emoção), são formados por uma sequência de caracteres tipográficos ou por pequenas imagens. Representam expressões faciais que mostram os sentimentos do autor e direcionam a interpretação do contexto afetivo e, eventualmente, eliminam possíveis ambiguidades. Simplificam a mensagem escrita, pois substituem explicações adicionais ao texto. O quadro 7 a seguir traz alguns desses símbolos:

Indicadores de sorriso ou risada	:) :-) =) :D ☺ 😊 8D
Indicadores de tristeza, aborrecimento ou choro	:(:-(- ☹ :(😞
Indicadores de cumplicidade com piscada de olho	;) ;-) 😏

³⁴ (2) (3) <http://www.arekisu.blogger.com.br/> recolhido em 2005

Indicadores de espanto ou surpresa	:O
Indicadores de beijo	:* =*
Indicador de alegria	\o/
Indicadores de deboche ou ironia	;P :P =P
Indicador de orgulho	*--*
Indicador de tédio	¬¬
Indicadores de emoção indefinida ou de indecisão	:/ :\ =/ =\ =

Quadro 7: Símbolos ou *emoticons*

Seguem alguns exemplos retirados do *corpus* analisado³⁵:

- (4) Problemas são solúveis... Igual a café =)
- (5) Só espero que eu não descubra muito tarde. :(
- (6) tô exagerando! ;P
- (7) sim gente, sou eu! *--*

(b) pontuação – a pontuação expressiva é muito utilizada nos textos de *blogs*. Como ferramenta de representação do gestual e da entonação, o uso de exclamações, interrogações e reticências é bastante enfático. O uso excessivo de reticências marca a hesitação, como nos exemplos (10) e (11). A opção pela pontuação exagerada demonstra a preocupação com a expressividade, ou seja, da representação da forma oral da língua. Os exemplos (8) e (12) demonstram exaltação ou grito. No exemplo (9), os pontos de interrogação repetidos dão um tom ameaçador à pergunta feita ao leitor. A risada ao final reforça essa ideia. Por outro lado, também ocorre a ausência de pontuação: a falta de vírgulas e de ponto lógico mostra o descuido com as regras formais da língua e apontam para a transcrição imediata da fala, sem distanciamento ou preocupação com a correção e com reescrita – caso do exemplo (9)³⁶:

³⁵ (4)<http://foimiaquemdisse.blogspot.com/>; (5)<http://willianetaquerendo.blogspot.com/>; (6)<http://pipocandoporai.blogspot.com/>; (7)<http://surteei.blogspot.com/> recolhidos em 2009

³⁶ (8)<http://meninasdepantufa.blogspot.com/>; (9) (10)<http://mundinhocookie.blogspot.com/>; (11)<http://tepegoas7.blogspot.com/> (12) <http://vindadomar.blogspot.com/> recolhidos em 2009

(8) graças a minha santa mãezinha que me ensinou o correto!!!!!! E tbm sempre usei muita saia e vestidos evitando o jeans!!!!

(9) dizendo o que você acha do blog, quer um conselho fajuto?? **EU DOU UM CONSELHO FAJUTO PARA VOCÊ!!** Quer dizer o quanto você detesta o blog também?? Sinta-se à vontade, porque aqui é a America (*do Sul*) e é livre! Haha

(10) Pois é... Há amigos nesse mundo para todo tipo de situação

(11) DELS! COMO ELE É FEIO!!!!!!!!!!

(12) já faz quanto tempo que não saio da cidade,.. estou com saudade daquele céu azul com todas aquelas estrelas... do cheirinho de mato... som dos grilos e aquela calmaria em volta ahhhhh que delicia

(c) caixa alta / repetição de letras – a letra em caixa alta e a repetição de letras funcionam, na maioria das vezes, como uma alteração de voz, um grito ou uma ênfase na sílaba ou palavra. Muitas vezes são interpretadas como agressividade ou falta de etiqueta. Nos exemplos abaixo³⁷, observam-se esses recursos e sua utilização:

(13) Primeiro de tudo, todos felizes e com um sorriso no rosto digam: - Vivaaaaa! \o/ É, já basta.

(14) Já em casa, retire a embalagem externa para que o pacote possa estuuUUUUFFAAAARRRR

(15) *Déa Aoki, calmaaaaaaa Mulé!*

(16) PRA MIM é o que dá mais certo.

(17) Sabe, sou beeeeeemmmmmm gordinha

As letras em caixa alta foram utilizadas para enfatizar as palavras, como nos exemplos (14) e (16). No caso do exemplo (14), ainda se destaca o efeito visual que a autora do *blog* quis transmitir, simbolizando o pacote de pipoca ganhando volume e aumentando de tamanho com a palavra escrita inicialmente com letras minúsculas e terminando com maiúsculas. A repetição das vogais e das consoantes nos exemplos (13), (15) e (17) representa um alongamento da voz, valorizando o enunciado e marcando a entonação.

³⁷ (13) <http://umamanhacompanquecas.blogspot.com/>; (14) <http://www.eeepa.blogger.com.br/>; (15) <http://tepegoas7.blogspot.com/>; (16) <http://www.vendenafarmacia.com/>; (17) <http://meninasdepantufa.blogspot.com/> recolhidos em 2009

(d) onomatopeias / transcrição de vocalização – como a intenção do autor é reproduzir a fala, a conversa, esse recurso é bastante usual. Muitas vezes, as onomatopeias ou as transcrições de vocalização representam um turno na comunicação: podem servir de comentário ou, até mesmo, de um *post* (mais raramente). O quadro 8 abaixo apresenta alguns dos recursos mais utilizados:

(e)

risada	rsrsrs ahahah kkkkk
gargalhada	HAHAHA ahuahuhua
sorriso irônico	hehehe
nojo, rejeição	argh

Quadro 8: Onomatopeias e transcrições de vocalização

Exemplos³⁸ extraídos do *corpus*:

(18) É com prazer que hoje inauguramos a nova sessão do nosso blog. E com vocêêêêês...
TÃNÃNÃÃÃÃÃÃÃ...

(19) Nem lembrei que segurava uma câmera! ashuashusa!

(20) *Gente to sem tempo e sem internet [pioooooor coisa] kkkkkKk...*

Os dois últimos recursos (c e d) refletem o desejo de o autor indicar como o leitor deve ler tais palavras e que intenção elas carregam. No exemplo (18), a ideia de suspense é reforçada pela onomatopeia e pelo alongamento da vogal ê. Em (19) e (20), as risadas demonstram o tom irônico do comentário, realçando a autoavaliação.

Os recursos analisados anteriormente – símbolos, pontuação, caixa alta e repetição de letras, onomatopeias e transcrição de vocalização – aproximam a escrita de textos em *blogs* do gênero oral, da fala, da conversação. Os *blogs* apresentam ainda outras características textuais específicas do meio.

³⁸ (18) <http://www.eeepa.blogger.com.br/> recolhido em 2006 ; (19) <http://pipocandoporai.blogspot.com/>; (20) <http://vindadomar.blogspot.com/> recolhidos em 2009

3.3. Neologismos

Para a observação dos neologismos utilizados pelos adolescentes em seus *blogs*, adotaram-se a teoria e a terminologia de Alves (2004). A autora distingue os neologismos em fonológicos, sintáticos, semânticos, por conversão, por empréstimo, além de outros processos.

O acervo lexical de uma língua viva sempre se renova. No caso da língua portuguesa, atualmente, as maiores contribuições vêm da língua inglesa. Um dos motivos é o grande uso de equipamentos de informática, que, junto com a importação, trazem vários termos específicos, rapidamente incorporados e, em alguns casos, abrigados.

Como neologismo sintático, muitas palavras que entraram para a língua portuguesa como estrangeirismo, passaram a incorporar o sufixo verbal **ar**, colocado nas palavras que já sofreram adaptação do inglês para o português, como em blogar, postar e linkar. Para Alves (2004:65), “Nos vocábulos gíricos, criados com a intenção de dificultar a compreensão por parte daqueles que não integram um determinado grupo, a neologia é muito produtiva”.

As palavras que surgiram a partir da unidade lexical *blog* refletem tal fenômeno, formando um campo semântico de variadas classes gramaticais: blogar, blogueiro, blogagem. Essas novas palavras entram para o vocabulário do usuário de *blogs* pelo processo de estrangeirismo integrado à língua receptora, sofrendo adaptação gráfica e morfológica, de acordo com as regras gramaticais da Língua Portuguesa. O quadro 9 abaixo especifica as adaptações de alguns termos do campo semântico:

Neologismo	Classe gramatical	Significado
Blogue	Substantivo formado com acréscimo de <u>ue</u> para abrigar o termo original	<i>blog</i>
Blogar	Verbo regular de 1ª conjugação; conjuga-se em todos os tempos e pessoas	Ação de escrever <i>blogs</i>

Blogueiro ou bloguista	Substantivo formado pelo processo de sufixação	Aquele que desenvolve um <i>blog</i>
Blogagem	Substantivo formado pelo processo de sufixação	Ato de blogar
Blogosfera	Substantivo formado pelo processo de sufixação	Espaço virtual composto por <i>blogs</i> ; conjunto de <i>blogs</i>
Miniblog	Substantivo formado pelo processo de prefixação	Novo formato de <i>blog</i> – o Twitter – em que só é permitido escrever até 140 caracteres

Quadro 9: Neologismos criados a partir do termo *blog*

Entraram também para o vocabulário, seguindo o mesmo padrão sintático, mas na categoria de neologismos semânticos, já que adquiriram novo significado, os termos derivados de *post* (postar; pôr no correio; enviar). Por analogia, no ambiente virtual, o termo ganha o significado de ação de escrever e publicar pequenos textos no *blog* ou em outros meios digitais. Os derivados de *post*, na verdade, são palavras que já existem no vocabulário da Língua Portuguesa – postar, postagem –, mas emprestados para o meio virtual com novo significado. Também os termos derivados de *link* (encadear; ligar; unir; vincular), que ganha o significado, no espaço virtual, de ação de ligar ou vincular páginas ou elementos na Internet – linkar, linkagem. Ainda nesse grupo, pode-se acrescentar a palavra *teclar*, já incorporada ao dicionário Houaiss com o significado “usar o computador para se comunicar com (alguém)”; conversar pela Internet. Os exemplos³⁹ a seguir ilustram tal uso:

- (21) Essa é uma campanha do portal Estadão que está causando buzz gigantesco na blogosfera brasileira (...) Não culpo o Estadão por morrer de medo dos bloguinhos.
- (22) Posts bons, originais e por que não alguns furos de reportagem? (...) Escrever um blog não é só pegar notícias e reescrever no seu blog.
- (23) ...dos textos que eu posto aqui nesse blog não é exatamente o tipo de coisa que tipicamente interessa meninas (...) explicando que probloggers são gente que extraem todo seu sustento de seus sites (deus os abençoe).
- (24) Putz, achei sem querer um link muito legal e acabei por achar tb uma banda!
Eu não gosto de blogs brasileiros muito menos da blogosfera. Portanto, não leio nada. O que eu leio é porque realmente presta.

³⁹ (21) a (25) <http://techbits.com.br/> ; <http://www.blogdohummel.com/> ; <http://hbdia.com/wordpress/> ; <http://www.morroida.com.br/> ; <http://www.interney.net/blogs/aomirante/> recolhidos em 2009

- (25) Ex-blogueiro é lenda urbana, assim como o pesquisador do IBOPE e o leitor de *O Imbecil Coletivo*. Me aponte um ex-blogueiro e eu te direi que é falta de polidez apontar o dedo para uma entidade tão, sei lá, mítica.

Por neologismos fonológicos entendem-se os vocábulos que sofreram transformações no nível do significante, mas sem impedir a compreensão do significado. Na verdade, são alterações gráficas ou variações das notações gráficas das palavras originais, sem configurar um neologismo propriamente. Nesse grupo, encontram-se as abreviações e reduções do tipo (quadro 10):

Palavra original	Notação gráfica
abraços	abs
agora	agr
beijo, beijos	bju, bjs
beleza	blz
comigo	cmg
de	d
hoje	hj
muito	mt, mto
não	n, ñ
o que	oq
para, por	p
por favor	pf, pls (do inglês <i>please</i>)
qualquer	qq, qlqr
quando	qd, qdo, qndo
quanta	qta
quase	qse
que	q
quem	qm
sim	s, sm
também	tb, tbn
teclar	tc
tudo	td

tudo bem	td bm
você	vc ⁴⁰

Quadro 10: Abreviações e reduções

As abreviações geralmente se dão pela manutenção das consoantes – vc, tb, mto, cmg. Tal fato remete à teoria de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986) sobre a hipótese silábica em que a criança, em fase de alfabetização, se encontra. A criança nesse nível utiliza as letras com atribuição de valor sonoro, ora vogais, ora consoantes, para representar as palavras, visto que acredita que tais letras são suficientes para representar a palavra.

Também no grupo das notações gráficas, encontram-se os vocábulos que sofreram algum tipo de transformação no significante ou trocas fonéticas. Podem ser incluídas as seguintes palavras:

a) com qu e ca substituídos pela letra k, tanto por economia como por proximidade do som:

akele (aquele)

aki (aqui)

eskeci (esqueci)

fikei (fiquei)

kbça (cabeça)

ki (que)

nkela (naquela)

nunk (nunca)

b) com u substituído por w:

mew (meu)

falow (falou)

c) com ão substituído por aum:

⁴⁰ A palavra *você* – pronome pessoal de tratamento – já sofreu muitas mudanças ao longo dos tempos. Já foi Vossa Mercê, vossemecê, vosmecê, você, ocê, até a forma *cê* na fala atual. Segundo o Dicionário Aurélio Século XXI, existem cerca de 30 variações e formas paralelas no Brasil derivadas de Vossa Mercê. A palavra sofreu grandes variações provavelmente em função da grande utilização na modalidade oral. Na escrita, a forma adotada pela informática é **vc**.

naum, num (não)

saum (são)

taum (tão)

d) com ch substituído por x:

axo, axu (acho)

xau (tchau)

e) com ndo substituído por nu ou por ndu:

fokandu (focando)

joganu (jogando)

fazenu (fazendo)

Nesse grupo, pode ser incluída, ainda, a utilização de sinais ou outros símbolos representativos sonoros de palavras ou morfemas com a intenção de economia vocabular:

D+ (demais)

T+ (até mais)

+ (mais, mas)

– (menos)

9vidade (novidade)

Observa-se isso nos trechos extraídos de *posts* e de comentários⁴¹:

(26) naum vo faze isso kero soh chega na rissa (*Não vou fazer isso, quero só chegar na Raissa*)

naum sei axu ki eh a coca pq (*Não sei, acho que é a coca-cola, por quê?*)

eu vo tenta vx axa ki vai da certu (*Eu vou tentar, você acha que vai dar certo?*)

(27) conte sempre cmg linda...vc eh mto especial pra mim(taum inteligente e esclerosada

neh!hehehe) Bju!!! (*Conte sempre comigo, linda... Você é muito especial pra mim (tão inteligente e esclerosada, né! hehehe)*)

(28) eu sei q da saudade daquelas loucuras !!! + ta na hora de cair na real .vc pode perder alguem q vc sabe que te ama...vai precisar de sorte!! Bjos

⁴¹ (26) <http://www.morroida.com.br/> recolhido em 2009 ; (27) <http://www.arekisu.blogspot.com.br/> recolhido em 2005 ; (28) <http://teias.flog.oi.com.br/> recolhido em 2005 ; (29) <http://anny-sonhodemenina.blogspot.com/> recolhido em 2009

(29) Amigas, eu amo tanto vocês...Seem noção da falta qe vcs fazeem!!! (...)

As veezees aiinda zoaam cmg me chamando de novata, maas de boua! xD

Lá eh diferente paakas, mas eh legal tbm..Nada comparado a minha antiga escola qe eu amoo muito aiiinda... *_*

No grupo dos neologismos sintáticos, aqueles que supõem em sua formação elementos existentes no sistema linguístico, há o processo de composição sintagmática. Para Alves (2004:50), “quando membros integrantes de um segmento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica”. No caso do léxico dos *blogs*, acontece um tipo especial de composição sintagmática – a composição por siglas, ou acronímica –, em que “o sintagma é reduzido de modo a tornar-se mais simples e mais eficaz no processo da comunicação” (idem, p.56), ao que a autora denomina *economia discursiva*. É o caso das expressões “fim de semana” que aparece muitas vezes no *corpus* como FDS; “tudo de bom”, TDB; “Oh, my God”, OMG, como no exemplo abaixo:

(30) Tenho que estudar muito e na real, ultimamente não estou sabendo nem o que é um caderno...
OMG⁴²

De acordo com Jonsson (1997), as reduções ortográficas preservam, de alguma maneira, semelhanças fonéticas com padrões informais da fala, com a intenção de aumentar a velocidade de comunicação na escrita. O autor justifica esse uso de ortografia não somente como simplificação da escrita, mas que também leva à diminuição do tempo de decodificação da leitura, fazendo com que autores e leitores de *blogs*, acostumados a tal ortografia, aproximem-se ainda mais da velocidade da fala.

Galli (2004:127) diz que “a linguagem virtual possibilita ao indivíduo participar e inteirar-se dos acontecimentos sociais e universais, visto que ele está em contato com uma linguagem globalizada, conhecida também por culturas diversas”. A utilização da Internet produziu uma linguagem própria entre seus usuários, repleta

⁴² (30) <http://anny-sonhodemenina.blogspot.com/> recolhido em 2009

de termos específicos com a finalidade de facilitar a comunicação e agilizar o processo de interação.

Vale ressaltar também que abreviações e símbolos já eram utilizados na taquigrafia e em anotações de sala de aula, situações que exigem rapidez na transcrição do texto oral para o escrito.

3.4. Outros fenômenos

Na análise do *corpus*, observou-se também que o uso de acentos e cedilha não é uma constante. Muitas vezes, no mesmo texto, o autor do *blog* escreve palavras acentuadas ou não e usa cedilhas ou não. Pode parecer, a princípio, um caso de negligência, de esquecimento ou ainda de pressa na digitação, mas a falta desses elementos gráficos remonta ao início da entrada de computadores na vida dos usuários.

Com base em pesquisas feitas com jovens e adultos que utilizam a Internet, foram levantadas algumas justificativas para essa escrita tão peculiar dos *blogs* (e de outros meios de interação virtual)⁴³.

A informação colhida traz a explicação sobre os primeiros programas de computador desenvolvidos para a troca de *e-mails*. Nos fins da década de 80, trocavam-se os primeiros *e-mails* através de programas sem interface gráfica e sem recursos que permitissem o uso de acentos, cedilha ou til nas palavras.

Os programas eram em inglês, importados e ainda não traduzidos para a nossa língua. Como na Língua Inglesa não há palavras com essas marcas linguísticas, o programa não havia sido preparado para elas. A solução foi encontrar meios para grafar as palavras de maneira que não gerasse dúvida no leitor. Em muitos casos, o que aconteceu foi um processo de hipercorreção, pois a dúvida certamente não existiria já que todos os usuários tinham consciência do que se passava.

⁴³ Ver Apêndice A

Aliado a isso, ainda havia a falta de algumas teclas e a disposição delas no teclado. Como era americano, a tecla *ç*, por exemplo, não existia. Para digitar a letra, teclava-se aspa simples (pois também não existia a tecla de acento agudo) e depois a letra *c*. Cabe observar que os usuários muitas vezes não encontravam as teclas no teclado e desistiam de digitar acentos. Também havia o problema do programa de computador, que simplesmente não reconhecia acentos e cedilha e transformava essas marcas em símbolos ininteligíveis, atrapalhando a leitura e a compreensão do texto. A saída foi buscar alternativas.

A falta de possibilidade de acentuar as palavras fez com que se usasse a letra *h* para mostrar que ali deveria haver um acento agudo: *eh* (é), *soh* (só), *neh* (né). Os exemplos abaixo comprovam isso⁴⁴:

(31) vc eh mto especial pra mim

(32) Soh consegui convite gracias a Dani

Por economia de digitação e/ou de tempo, alguns blogueiros adotaram a escrita da palavra *não*, por exemplo, na forma *naum*. No teclado do tipo americano, era necessário digitar as teclas *n-a-shift-til-o* (cinco teclas) para escrever *não*. A forma *naum* só usa quatro teclas.

(33) naum naum..gracias a voce consegui convite pra festa..

Dessa forma, podem-se agrupar os elementos característicos da escrita digital em dois grupos, conforme o quadro 11:

⁴⁴ (31), (32), (33) <http://www.arekisu.blogger.com.br/> recolhido em maio de 2005

Grupos	Recursos	Exemplos
Representação da emoção	<i>Emoticons</i> Pontuação expressiva Caixa alta Vocalização	\o/ ;-) ☹ :* OBA!!!! Ahahah Hehehe
Rapidez na comunicação	Abreviações “Siglas” Simplificações Supressões	vc tb cmg FDS D+ faze dexo

Quadro 11: Recursos para a escrita digital

O cuidado com a correção, portanto, não parece ser a preocupação dos autores adolescentes de *blogs*. Não há uma uniformidade discursiva – o emissor escreve como em uma conversa com mais de um interlocutor, em que ora se dirige a um, ora a outro receptor, já que está respondendo a vários comentários ao mesmo tempo. Na escrita do texto, como no exemplo abaixo⁴⁵, transparece a impressão de texto confuso. No entanto, os jovens estão bastante acostumados com essa forma fragmentada e recortada de escrita e não demonstram nenhum estranhamento na leitura de tais textos.

Dani:...qtas brigas bestas...qse dexo de falar com vc q eu gosto tanto...desde akele feeesta da pontes....foi mto bom ter ido nkela festa, ter robado seu breguetin e emprestado meu palito pra vc...ainda bem q eu fui de bicao!hahaha...naum naum..gracas a voce consegui convite pra festa..mew...conte sempre cmg linda...vc eh mto especial pra mim (taum inteligente e esclerosada neh!hehehe)Bju!!

Bom...sexta eu fui numa festa...de uma tal de Natalia(faze oq...num conheco!) Soh consegui convite gracas a Dani(brigadao Dani!Te Adoro!)...para mim e pro Vitola....

⁴⁵ <http://www.arekisu.blogger.com.br/> recolhido em maio de 2005

O DJ era estiloso...fez uns remix la da hora..as vezes exagerava, mas blz...
e pros q duvidaram(Rugna, Denise e pirralha da perua q eu esqueci o nome) eu
num fikei bebado =] e nem sou bebado.....e nunk fikei beb....ah...essa parte
pula
entao...acho q eh soh...

Flw pessu!

O autor do texto começa sua escrita dirigindo-se à Dani. No segundo parágrafo, conta sua aventura para um leitor genérico e faz uma interrupção para se dirigir novamente à Dani (trecho entre parênteses). Depois retoma o relato novamente para um leitor qualquer.

De maneira geral, a escrita digital não apresenta dificuldade de entendimento, mas causa estranhamento nas primeiras vezes em que se lê textos assim. Para o que se destina – a comunicação entre jovens – cumpre sua função. Pode-se considerar, assim, o *blog* como um gênero híbrido em que o gênero oral se funde com o gênero escrito, haja vista a quantidade de características relativas ao texto falado encontradas na modalidade escrita do *blog*.

A figura 12 apresenta uma página de *blog*⁴⁶ que servirá de exemplo para ilustrar alguns dos elementos elencados anteriormente, dentro do mesmo contexto:

⁴⁶ Retirado do “Blog da Sara” disponível em http://sararj.zip.net/arch2005-07-01_2005-07-15.html acesso em julho de 2005

Blog da Sara 8:)

10.07.05

Em geral escrevo estorinhas cheias de ironia, mas hj tá chovendo, o tempo tá feeeeio pacas. (Tempo ruim me deprime. Preciso de soll!). Tô resfriada, falando de forma anasalada, e com uma coceira terrível nas costas. Acho que num é sujeira. Estou há apenas 3 meses e 16 dias sem banho (zoeira, huahauha). Será que é pulga? Deixa pra lá!

Ontem fui na apresentação do RESGATE! Uhuuuu! D+! Tirei até foto com o Zé Bruno! Então, não posso deixar meu blog mto tempo sem atualização, pq se não meus leitores (um coala autodidata, uma centopéia manca e uns 4 malucos aê, huahauha) reclamam.

Então, publiquei aki um capítulo de um livro que eu pretendia escrever (parei na primeira página, sou auto crítica d+ e tenho facilidade pra começar projetos. Tenho uma facilidade maior ainda para abandona-los. Meu violão, meu instrutor de aulas teóricas da auto escola, e minha ex profa de inglês que o digam, entre outros...).

Enfim, o primeiro capítulo tá aí. A garota se chama Júlia (o significado é legal). Se um dia eu tiver 1 filha, o nome será esse, a menos que o pai dela seja russo. Daí, ela se chamará Júliaevysck, huahauaha. Enfim, chega de enrolar! A bagaça tá aí embaixo:

:: Escrito por Sara 8:) às 3h03 PM
 [(2) + de 1 comentário!] [envie esta mensagem] [link]

Figura 12: texto do Blog da Sara

No texto do *blog*, observam-se as seguintes características:

- 1- Abreviações: hj; mto; pq
- 2- Reduções: tô; profa; tá
- 3- Trocas fonéticas: aki; num; aê
- 4- Uso de sinais: D+
- 5- Transcrições de vocalização: Uhuuuu; huahauha
- 6- Escrita em caixa alta: RESGATE
- 7- Repetição de letras: feeeeio

As abreviações, o uso de sinais e as trocas fonéticas são características típicas da escrita digital e remetem à economia de tempo na digitação. As reduções, as transcrições de vocalização e a repetição de letras são recursos representativos da

oralidade. A escrita em caixa alta enfatiza o nome da banda. Nenhum desses recursos, entretanto, prejudica o entendimento do texto como um todo.

3.5. Variação e preconceito linguístico

A linguagem dos *blogs* (e também de outros meios da Internet) tem sido incorporada pelos jovens e por adultos, como forma de interagir socialmente e se comunicar com pessoas de todo o país (e do mundo, pois o fenômeno ocorre também em outras línguas). Isso parece acontecer por necessidade de comunicação ou por imposição social: um “modismo linguístico”.

Os termos e expressões já estão difundidos na linguagem do dia a dia. Bilhetes, cartas familiares, anotações particulares já contêm abreviações e empréstimos utilizados naturalmente, já que essa linguagem se constrói a partir da língua comum com pequenas adaptações.

Chartier (2002:16) diz que

o texto eletrônico reintroduz na escrita alguma coisa das línguas formais que buscavam uma linguagem simbólica capaz de representar adequadamente os procedimentos do pensamento (...) Essa língua universal deveria ser escrita mediante signos convencionais, símbolos, quadros e tabelas, todos esses “métodos técnicos” que permitem captar as relações entre os objetos e as operações cognitivas.

É o caso dos *emoticons* que representam uma linguagem não-verbal que transmite as emoções e dão sentido ao discurso, já presentes em variados contextos escritos.

Muitos pais e professores, entretanto, mostram-se preocupados com a escrita eletrônica. Acreditam que seus filhos e alunos estão desaprendendo o Português com o uso cada vez mais intenso da Internet e seus meios de comunicação. Algumas pesquisas realizadas comparando a produção escrita em *blogs* por jovens com sua produção em sala de aula vêm demonstrando que a maioria dos adolescentes não trocou a escrita formal pela escrita da Internet. Sabem que cada variante linguística tem seu espaço para se manifestar (conf. Caiado, 2007).

Um ou outro deixa “escapar” um *vc* ou um *tb* de vez em quando em uma redação escolar, mas geralmente se políam e procuram não misturar as situações. É papel da escola ensinar a modalidade padrão da língua e alertar os jovens sobre a variação dialetal da língua, orientando-os quanto ao uso correto de cada uma.

O dialeto da Internet, representado pelos *blogs*, mostrou dominar vários espaços da sociedade, fazendo com que pensemos sobre a utilização da língua como forma de comunicação e de socialização, principalmente quando disseminada por um meio tão amplo de divulgação.

4. TEXTURA E TEXTUALIDADE NOS *BLOGS* DE ADOLESCENTES

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
João Cabral de Melo Neto*

A linguagem de um grupo fornece pistas a seu respeito: a que classe sociocultural pertence, quais as características dos falantes ou autores, como idade, sexo, nacionalidade etc. Leite e Callou (2004:7) dizem que “é na linguagem que se refletem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias, gêneros, graus de escolaridade”.

Dessa forma, o grupo que participa de um *blog*, usando um dialeto, diferencia-se do resto, criando uma identidade própria, principalmente em se tratando de adolescentes que, por sua vez, como usuários frequentes da mídia digital, encontram na Internet o espaço ideal para exercitar aquilo que mais gostam de fazer pela própria natureza da idade: transgredir. É na escrita digital que se expressam

livremente sem o risco de repressão ou sanções, analisando os fatos, emitindo opiniões, avaliando a realidade que os envolve ou, simplesmente, escrevendo sobre seu dia a dia.

Mesmo quando utilizam uma escrita com características tão peculiares, com abreviações, recursos expressivos, símbolos, entre outros, produzem, entretanto, textos bem estruturados e que atingem o objetivo desejado: comunicar.

4.1. Os aspectos da textualidade na escrita dos *blogs*

Texto, na concepção de Costa Val (2000) e de Koch e Travaglia (2005), é uma passagem do discurso coerente em relação ao contexto de situação – consiste em registro – e em relação a si mesmo – coeso. Por isso, pode-se dizer que um texto é bem compreendido quando avaliado sob três aspectos: a) pragmático, que tem a ver com seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa (dotado de unidade sociocomunicativa); b) semântico-conceitual, de que depende sua coerência; c) formal, que diz respeito à sua coesão.

O texto, para ser compreendido como tal, apresenta um conjunto de características que o diferenciam de uma sequência de frases. A esse conjunto denomina-se textualidade. Halliday e Hasan (1976) definem texto como uma unidade de língua em uso, relacionada a um contexto, que juntos comporiam a textualidade.

Beaugrande e Dressler (1997) consideram o texto como uma ocorrência comunicativa, portanto, como parte fundamental da interação humana. A partir daí, postularam sete princípios que constituem a textualidade de uma produção linguística que depende, em grande parte, do receptor (seus conhecimentos prévios, sua capacidade de pressuposição e inferência, sua adesão ao discurso) e do contexto (o que é texto em uma situação pode não o ser em outra e vice-versa). Tais princípios se definem como:

- 1) Coerência: estabelece-se na interação, na interlocução, numa situação comunicativa entre dois usuários. A coerência está ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor do texto tem

para calcular o seu sentido (o receptor interpreta para compreender). A base da coerência é a continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados pelas expressões linguísticas do texto, percebida tanto na codificação (produção) como na decodificação (compreensão) dos textos.

2) Coesão: revelada através de marcas linguísticas, manifesta-se na organização sequencial do texto. É a relação semântica entre um elemento do texto e um outro elemento crucial para sua interpretação. Constrói-se por meio de mecanismos gramaticais e lexicais: pronomes anafóricos, artigos, elipse, concordância, correlação entre tempos verbais, conjunções, repetição, nominalização, substituição, associação.

3) Intencionalidade: objetivos que o produtor do texto tem em mente numa determinada situação comunicativa. Diz respeito ao valor ilocutório do discurso (informar, impressionar, alarmar, convencer, pedir, ofender etc.).

4) Aceitabilidade: concerne à expectativa do receptor de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor (sentido, autenticidade, informatividade, pertinência, relevância, precisão, clareza, ordenação, concisão etc.). De acordo com Valente (2001:8), “há quem considere que não existe texto incoerente, uma vez que, pelo princípio da cooperação, o receptor esforça-se para dar sentido ao texto e tenta encontrar coerência nele”.

5) Situacionalidade: adequação do texto à situação comunicativa. Refere-se aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre.

6) Informatividade: diz respeito à medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não, conhecidas ou não, tanto no plano conceitual quanto no formal. É preciso que o texto apresente todas as informações necessárias para que seja compreendido com o sentido que o produtor pretende, além de acrescentar ao conhecimento do receptor informações novas e inesperadas.

Aqui se faz presente uma certa dose de conhecimento de mundo compartilhado pelos interlocutores.

7) Intertextualidade: a utilização de um texto dependente de outros que funcionam como seu contexto. Dessa forma, a produção e a recepção de um texto dependem do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores: conteúdo (questões de conhecimento do mundo), fatores formais e fatores tipológicos (tipos de textos).

Paralelamente aos princípios de textualidade, os autores apontam ainda para três aspectos reguladores da comunicação textual – a eficiência, a eficácia e a adequação – que viabilizam o processo comunicativo pelos participantes. Segundo Costa Val (2000:41), eles contribuem para o inter-relacionamento dos aspectos constitutivos da textualidade “de modo que determinado texto venha a ser considerado comunicativamente satisfatório, apropriado, em função dos objetivos e disposições dos interlocutores e das circunstâncias em que ele é produzido e interpretado”.

Por eficiência, entende-se a capacidade de o texto comunicar com o mínimo de esforço tanto do autor quanto do receptor; a eficácia cria condições favoráveis ao objetivo do autor no ato da produção textual e à aceitação pelo receptor; a adequação relaciona-se ao contexto em que a comunicação ocorre, levando em conta a pertinência e a relevância do texto.


Quando todos esses elementos funcionam juntos, tem-se um texto em sua plenitude comunicativa. Entretanto, eles não devem ser pensados como características estanques de um texto, mas como parte do processo de comunicação a que o texto está relacionado.

Em se tratando dos textos de *blogs*, a textualidade não fica comprometida por causa do uso de uma linguagem específica para o meio digital. Como a variante utilizada pelos autores adolescentes de *blogs* se apresenta no nível lexical, o resultado esperado – a comunicação e a legibilidade – não fica prejudicado.

Para analisar o processo de textualidade nos *blogs*, optou-se por escolher um texto⁴⁷ construído por uma adolescente para o meio virtual, que muitas vezes utiliza escrita simplificada por abreviações e símbolos. O texto apresenta, no entanto, estrutura elaborada e coerente. Vários *blogs* de adolescentes seguem a mesma configuração e têm conteúdo semelhante: procuram relatar seu dia a dia, acrescentando dados e informações de interesse possível para a comunidade que o visita.

O trecho a seguir (texto de *blog* > TB) será usado como exemplo para observação dos aspectos da textualidade em *blogs* de adolescentes:

☠[Sábado, 1 de Julho de 2006]
 Oiiiiiii! Postando ao som de *Empty Apartment*, *Yellowcard*[^] Tudo rocks? Comigo está tuuuuuudo blue, ou pink, lilás... Semana bem agitada, trabalhos, provas da *school*↪↪ Get over it! Essa expressão é o nome de uma música da Avril e quer dizer algo como "dar a volta por cima", superar... Legal, né? Nem me importo com aquelas "amigas", elas têm medo de me perder... Daí ficam super boazinhas!! Tsc tsc... Fuck it! Ops! Não gosto de usar palavrões, mas não encontrei outra palavra↪↪ Estou muito sussa, nada me tira do sério, nem a Jé falando mal do David do SP- e olha que eu amooooo ele! A Jé gosta de músicas gauchescas-sem comentários... Pra que magoar? Não sou igual a ela!! ;-)"*Sou o que sou; por isso, aceite-me como sou.*", Goethe (1749-1832). Além de sussa, ando cult[^] A-do-ro os poemas de Pablo Neruda, quando fui ao Chile, visitei a casa dele[^] "*O maior dos sofrimentos é nunca ter sofrido.*", é um trecho do lindo poema *Saudade*. Sexta-feira não tive aula! Palestra e curso pros profes. Fui ao shopping[^] Comprei um All Star vermelho, uma pulseira de dadinhos e dois pôsters, um do *Blink-182* (aprendi a falar! Hundred Eighty Two.) e outro do Good Charlotte!! Perfeitos[^] Papi, me deu de presente o livro *É Isso Aí, Cara, Sou Punk*, Domenica Luciani. Ele achou a minha cara[^] Eu vou ler nas férias, parece ser super legal! Tim é um garoto comum que faz um trabalho sobre o movimento punk e acaba se tornando um!! Sem falar que a autora é uma rocker autêntica!! Por falar em punk.. Assisti ao vídeo de *Jesus Of Suburbia* que foi censurado!! No vídeo, Jesus é um punk esquisitão, picha paredes, fuma, bebe... Ééé... Não tenho muito o que escrever... Fique com as plakinhas!! Thanks pelos comments, tá? Não deixe de participar do game! Comente abaixo da foto, ok? cLiQuE nO mEnU "gAmE"!! O presentinho eu vou ver ainda... Pode ser gif, lay, midi... Atendendo a pedidos, tirei a trava das plakinhas[^]

|| By  // 01/07/2006 - 16:09

[\(Loading\)](#) | [Trackback](#) 

fim do post - fim do post

É possível constatar que o texto TB apresenta uma unidade linguística concreta, pois foi publicado em um meio a que se tem acesso (virtual, por tratar-se da Internet, porém concreto, por ser o resultado de uma produção escrita). Além disso, TB é

⁴⁷ Fonte: <http://totallytabatafashion.bigblogger.com.br/> acesso em 01/07/2006.

parte integrante de uma situação de interação comunicativa, já que envolve interlocutores que compartilham de um mesmo contexto social.

Analisando os princípios reguladores, elencados por Beaugrande e Dressler (1981), no corpo do *blog* (TB), percebe-se que, em termos de eficiência, o texto permite a comunicação entre autora e leitores com o mínimo de esforço de ambas as partes. Consegue, assim, eficácia, pois envolve o receptor criando condições favoráveis para que este colabore com o objetivo do produtor: conseguir a participação ativa do leitor e receber um retorno sobre o conteúdo de seu *blog* pelos comentários. Por fim, pode-se dizer que o texto possui adequação, já que pertinente e relevante no que tange ao contexto em que ocorre: adolescência e seus percalços do dia a dia.

4.2. Textualidade no meio digital

Para a análise do *blog* em questão (TB), foram utilizados apenas cinco dos aspectos da textualidade, organizados aos pares; e, ainda, acrescentado um outro aspecto relativo ao suporte (o meio virtual) em que o *blog* é construído: a interatividade. Dessa forma, o texto TB é analisado a partir de (1) aceitabilidade e informatividade; (2) coerência e coesão; (3) intertextualidade e interatividade.

(1) A aceitabilidade do texto está relacionada à informatividade que este apresenta para o leitor. Sabe-se que o autor de um *blog*, por seus escritos, deseja compartilhar suas experiências, suas vivências no cotidiano, com seu leitor. Isso transparece em TB já no título escolhido para ele: “I don’t know how to keep it all inside” (numa tradução livre: “Não consigo guardar segredos”). Essa frase é um verso da letra da música “Another Perfect Day”, do grupo de rock American Hi-Fi. A autora é fã de rock, daí iniciar seu texto informando ao leitor que ela escuta, no momento da postagem, um rock. Além disso, cumprimenta seu leitor com um “Tudo rocks?”, no lugar do tradicional “Tudo bem?”.

O desejo de compartilhar suas vivências também aparece na intenção de relatar os fatos do dia a dia e convidar o leitor para trocar essas experiências com ela, fazendo com que o texto tenha boa aceitabilidade por parte daqueles que visitam o *blog* regularmente e que, aparentemente, pertencem ao mesmo grupo social,

compactuando com os mesmos ideais. O leitor que visita o *blog* busca novas informações: sobre a autora, quer encontrar mais relatos de sua vida para compartilhá-los com ela; e sobre rock'n'roll, alguma novidade, músicas diferentes, 'plakinhas' de cantores etc.

A partir da análise dos comentários deixados por esses leitores, percebe-se que aqueles que por ali passam pertencem ao mesmo universo, constituindo uma comunidade virtual: são estudantes, adolescentes, amantes de rock, gostam das tais "plakinhas", deixam seu ponto de vista sobre algum fato narrado pela autora, demonstram ter participado de alguma forma do *blog* (por exemplo, o *game* elaborado pela autora, citado em seu texto).

<p>Oi Tah ^^ o seu new lay tá liindo *-*~ parabéns querida pelo seu trabalho te admiro muito (Y) Hum... festa junina é bem legal e com certeza o seu look vai ser super fashion. inveja é fogo.não liga para as suas "amigas". Sobre akele seu game,os fofos da foto são Benjamin Madden e Joel Madden? *-) Bjokas querida e uma boa semana ,** Bárbara Homepage 06.25.06 - 9:12 pm #</p>	<p>Olá Tabata! Tudo bem? Nossa, você foi dispensada do trabalho porque vai dançar? Vai ficar com média 10? Parabéns! Por que suas amigas não dançam também? Achei o perfil desse lay muito legal, tá tudo combinando, a obra completa está super bacana! Muito fofo o gif dos carros! Gostei também o da Gwen, estou de acordo com a frase: "Tô precisando de férias!"... rs... ainda tenho mais uma semana de aula, será que eu aguento? Beijinho Andressa Homepage 06.29.06 - 5:19 pm #</p>
---	---

Dois comentários reproduzidos do blog *Totally Tabata*. Fonte:
<http://totallytabatafashion.bigblogger.com.br/>.
acesso em 01/07/2006.

Nota-se que a aceitabilidade, no caso da escrita de *blogs*, se relaciona à busca do outro (o leitor, no caso) para as respostas às questões subjetivas explicitadas pelo autor do *blog*. Isso fica constatado em Komesu (2004:119): "a necessidade do outro para a constituição do sujeito é imprescindível e independe dos suportes materiais utilizados". Em outras palavras, os diários, antes escritos em cadernos secretos e proibidos para leitores, apresentavam o caráter de amigo íntimo, pronto para "ouvir" desabafos e compartilhar os fatos do dia a dia de seu autor. Quando passam a ser públicos, porque disponibilizados na Internet, o outro, antes materializado no objeto de papel, agora se torna um grupo de pessoas reais (embora virtuais em função do suporte) que interage com o autor e compartilha de seus "segredos", não mais

silenciosamente, mas deixando comentários de apoio, de solidariedade, de participação, de cumplicidade.

(2) Coerência e coesão, para Koch e Travaglia (2005:23), “estão intimamente relacionadas no processo de produção e compreensão do texto” e, por isso, esses aspectos serão tratados conjuntamente. Um texto apresenta coerência quando suas marcas linguísticas e, portanto, a coesão, são escolhidas e trabalhadas com o intuito de formar um todo coerente semântica e pragmaticamente; em outras palavras, que tenha sentido e estabeleça a interação entre os interlocutores.

Analisando-se o texto TB sob esse enfoque, pode-se verificar a presença de referenciação em vários momentos do texto, por exemplo, marcada por anáfora (3ª linha) – “Essa expressão é o nome da música...”, o pronome *essa*, referindo-se à expressão em inglês citada anteriormente. Na frase “Nem me importo com aquelas ‘amigas’, elas têm medo de me perder...”, os pronomes *aquelas* e *elas* têm valor exofórico, pois se referem às tais amigas da escola que possivelmente apareceram em conversa anterior e, portanto, fora do texto em questão. Na linha 10, a expressão “Além de sussa” retoma um momento anterior do texto em que a autora diz estar “muito sussa” (=sossegada) na linha 6. Na linha 19, o mesmo acontece com “Por falar em punk...” que faz referência ao contado anteriormente sobre a temática de um livro comprado no *shopping*.

A substituição aparece em “Sem falar que a autora é uma rocker autêntica!!” (linha 18), em que a palavra *autora* substitui o nome da autora do livro citado anteriormente. A elipse do sujeito de primeira pessoa mostra uma construção mais elaborada das orações, já que muitos adolescentes, ao escreverem textos sobre si mesmos, utilizam o pronome *eu* em abundância. Outra elipse acontece no trecho em que a autora se refere aos pôsteres comprados: o uso dos pronomes *um* e *outro* fazem a perfeita substituição do termo (l.14,15). O uso de conjunções, no entanto, é escasso. O texto é construído basicamente por coordenação, com conjunções aditivas (*e* – l.3,7; *nem* – l. 4,7) e adversativas (*mas* – l.6). A conjunção subordinativa temporal *quando* aparece na linha 11: “quando fui ao Chile”. O uso de períodos compostos também é mais raro. Nas linhas 17-19, para falar sobre o livro que vai ler, a autora utiliza pronome relativo e conjunção aditiva. Mais abaixo, na linha 21

também há uma ocorrência de pronome relativo: “Não tenho muito o que escrever...”. Isso caracteriza um texto de frases curtas e objetivas, muito comum na produção textual dos jovens.

A progressão textual acontece de maneira clara, no desenrolar do contar os fatos acontecidos durante a semana e no que irá acontecer posteriormente, quando a autora entrará de férias e lerá o livro que ganhou de presente do pai. A sequência lógico-temporal da narrativa é bem construída, apesar da quase inexistência de termos apropriados a essa construção.

Destaca-se, ainda, o uso de campo semântico como recurso coesivo: em relação ao estado de espírito - *blue*, *pink*, lilás, ‘sussa’, superar, cult; sobre música - ‘rocks’, *rock*, ‘rocker’, *punk*, músicas gauchescas. O caráter polissêmico da palavra *blue*, no início do texto, também se deve ressaltar: *blue*, em contraponto a *rock*; *blue* como sentimento; *blue* como cor, no jogo com *pink*, lilás. São elementos que enriquecem o texto em sua composição.

(3) Quanto ao aspecto de intertextualidade, segundo Costa Val (2000), diz respeito a um texto ligar-se a outros que funcionam como contexto do primeiro. Tanto o autor como o leitor estão envolvidos na sua compreensão pelo conhecimento do conteúdo, da tipologia textual e dos aspectos formais. Koch e Travaglia (2005:88) também compartilham dessa ideia: a intertextualidade “diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto dependente de um ou mais textos previamente existentes”.

Seguindo essa linha de raciocínio, para Rajagopalan (2003:713), “o texto que o autor produz sempre porta marcas de interlocução que ele trava com outros autores, pois todo texto revela-se, sob leitura detida e minuciosa, um exercício dialógico”. Em outras palavras, no processo de intertextualidade, diz-se novamente aquilo que já foi dito antes, “consultando-se as bases”.

Na análise de TB, encontramos alguns exemplos de intertextualidade:

- intertextualidade explícita – a autora cita versos de Goethe (linhas 9 e 10) e de Pablo Neruda (linhas 11 e 12) para falar de seus sentimentos;

- intertextualidade implícita – pelo uso de metonímia em “Comprei um All Star vermelho” (linha 13), já que existe a premissa de se saber que All Star é uma marca de tênis.

Como o suporte do gênero *blog* é a Internet e, portanto, um meio hipertextual⁴⁸, faz-se necessária a inclusão de aspectos específicos ligados ao meio digital, na listagem dos aspectos de textualidade citados anteriormente, na realização da análise deste gênero: o aspecto da interatividade.

O termo *interatividade* surgiu nos anos 70 juntamente com a popularidade do computador como ferramenta conversacional, que permitiu ao usuário mudar da posição de espectador passivo para a de sujeito participativo. Silva (2000:97) chama a atenção para a especificidade da interatividade: “‘dinâmica espiralada’, ‘desenvolvimento imprevisível’, ‘criação aberta’ e ‘comum aos participantes’”, o que equivale dizer que no processo de interatividade, autor e leitor são, na verdade, co-autores da atividade computacional, já que ambos têm poder de decisão sobre o produto hipertextual. Ainda em Silva (*ibid*, p.105) temos que

um produto, uma comunicação, um equipamento, uma obra de arte, são de fato interativos quando estão imbuídos de uma concepção que contemple complexidade, multiplicidade, não-linearidade, bidirecionalidade, potencialidade, permutabilidade (combinatória), imprevisibilidade, etc., permitindo ao usuário-interlocutor-fruidor a liberdade de participação, de intervenção, de criação.

Assim, o conceito de interatividade está diretamente relacionado ao conceito de navegabilidade, característica eminente do hipertexto em que os *links* são seus principais responsáveis. Os *blogs* também possuem *links* que buscam estabelecer contato com o leitor e que pedem a participação deste, uns de forma direta, outros de forma indireta. Xavier (2006) lembra que

para efetivar essa participação, exige-se uma reação linguística concreta, uma ação interativa real que se efetiva quase sempre pela modalidade escrita da língua. (...) O *hiperlink*⁴⁹ é uma ferramenta que procura envolver o outro no processo dialógico, chamá-lo à participação ativa na construção do texto digital. (nota de rodapé minha)

⁴⁸ Segundo Koch (2002), todo texto é um hipertexto, partindo do ponto de vista da recepção. Sob sua ótica, tratando-se da relação do hipertexto eletrônico, a diferença incide somente no suporte (o meio virtual) e na forma e rapidez do acesso (por meio de *links* e janelas).

⁴⁹ O mesmo que *link*.

No *blog* analisado (TB), há vários *links*, entre eles “Sobe o som” (marcado com a letra B, na Figura 12). Este *link* permite ao leitor do *blog* aumentar, dar pausa ou desligar a música que toca ao fundo. A letra C mostra um pequeno menu que permite ao leitor acessar outras janelas: “Home” (retorna à janela principal), “Destaque” (a ‘plakinha’ que a autora disponibiliza para seus leitores colocarem em seus blogs), “Plakinhas” (todos os *gifs*⁵⁰ disponíveis em seu *blog*), “About Tah” (um pequeno texto sobre as características da autora) e “Game” (esta janela é um jogo e mostra uma ‘plakinha’ com uma pergunta sobre ela). Todas as janelas possuem entradas para que o leitor possa enviar seus comentários ou respostas à autora. A letra D da Figura 12 também é um *link*, só que para um outro site, de onde a autora retira as imagens que utiliza na criação de seus *gifs* (as ‘plakinhas’).

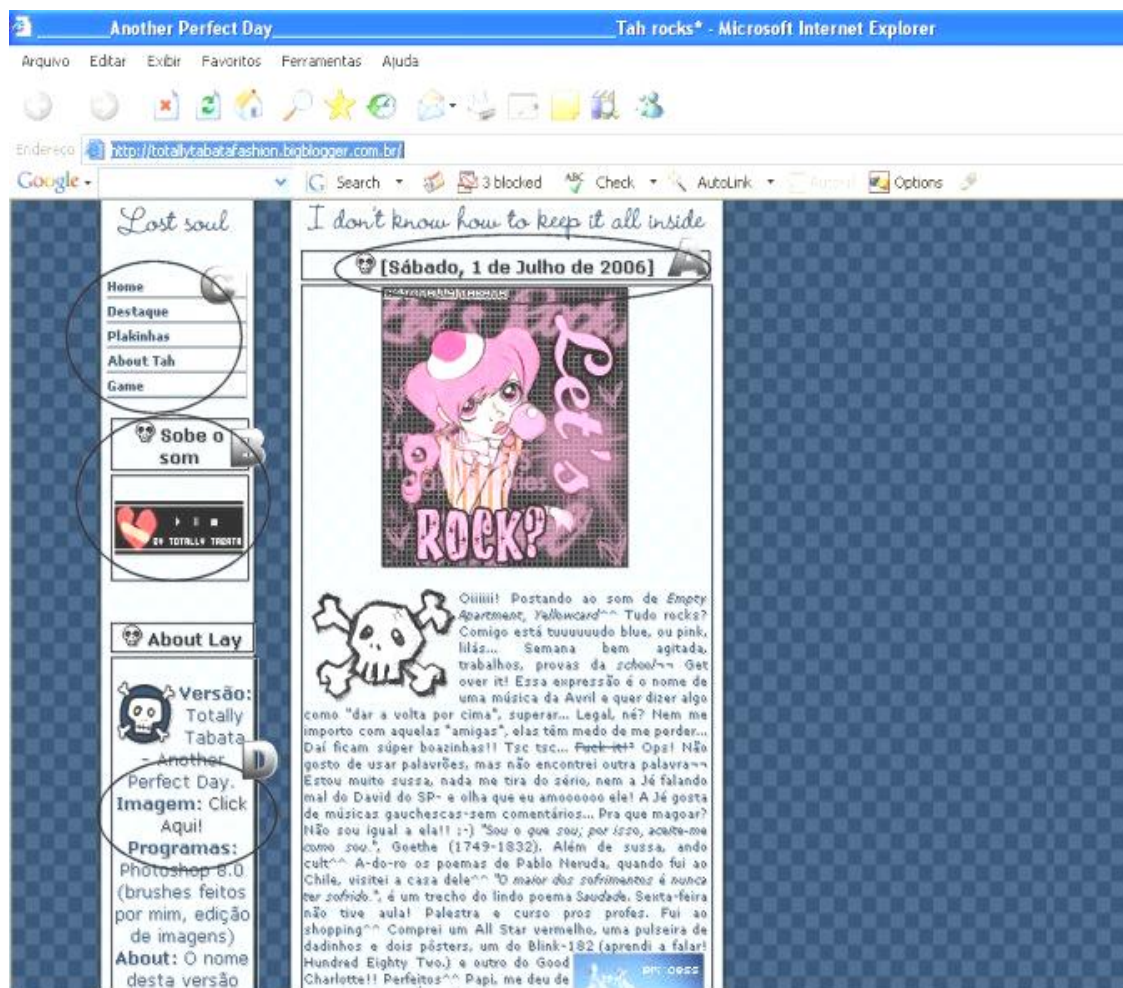


Figura 12: Blog *Totally Tabata*. Fonte: <http://totallytabatafashion.bigblogger.com.br/>. acesso em 01/07/2006 (as marcações são minhas)

⁵⁰ *Gifs* são figuras feitas para a Internet e podem ser animadas, com movimento.

Na visão de Lévy (1996), num hipertexto, o interlocutor amplia as ocasiões de produção de sentido, enriquecendo sua leitura, cada vez que acessa um *link*. Nesse sentido, o hipertexto tem a capacidade de retomar e transformar antigas interfaces da escrita. É aí que interatividade e intertextualidade se encontram. De acordo com Araújo e Biasi-Rodrigues (2005:13),

a comunicação mediada pelas novas tecnologias digitais, decorrente dos usos do computador conectado à Internet, vem transformando e ampliando as possibilidades das práticas discursivas (...). Tais transformações não só operam com os tradicionais princípios de textualidade como os subvertem e os sofisticam em função de novas estratégias de textualização (...).

Tanto Lévy como Araújo e Biasi-Rodrigues encaminham o raciocínio para a ideia de que a interatividade é uma espécie de intertextualidade, pois, pelos mecanismos dos *links* e da hipertextualidade, acontece uma intertextualidade explícita, já que os *links* abrem janelas com outros textos que complementam a ideia do texto principal.

Nas entradas para os comentários dos leitores, também acontecem interatividade e intertextualidade. Por interatividade percebe-se o ato de participar da discussão proposta pelo texto principal, dar palpites, deixar a sua marca, navegar pelos *links*; por intertextualidade compreende-se a complementação do texto principal, visto que se apresentam ali uma dependência textual entre o texto principal e os comentários, além de um exercício dialógico entre o autor e seus leitores. Tudo isso diz respeito ao todo da atuação/interação dos interlocutores/usuários.

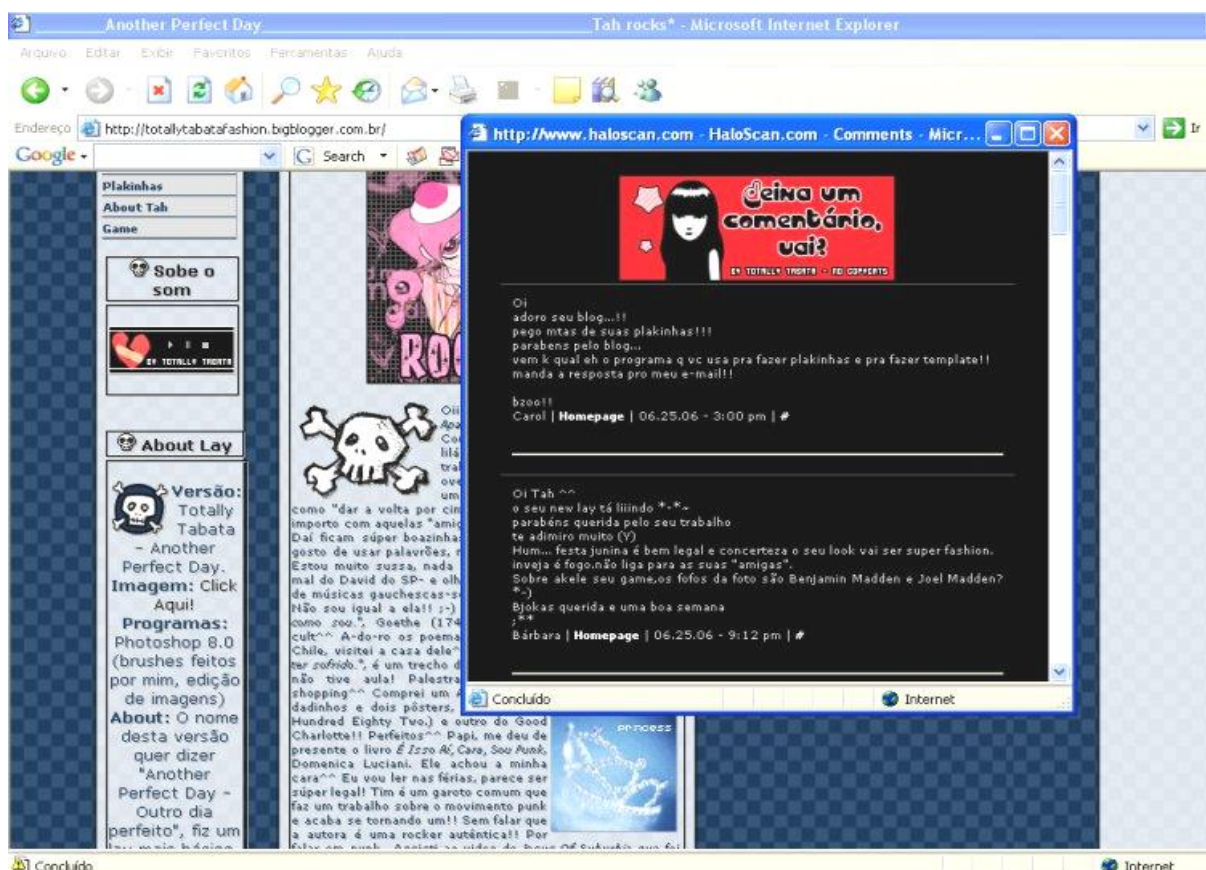


Figura 13: Janela de comentários. Fonte: <http://totallytabatafashion.bigblogger.com.br/>, acesso em 01/07/2006 (a janela de fundo preto é de comentários)

4.3. Escrita digital e textualidade

Todos os aspectos analisados apontam para a construção de um texto consistente e estruturado. O texto assume dimensão ampliada quando inserido em um suporte digital, pois engloba não só a parte escrita como os recursos fornecidos pelo meio.

Percebe-se, com isso, que, nas palavras de Marcuschi (2000:87), “tecnologia e cultura interagem de forma sistemática e significativa para interferir nas práticas de escrita”. O espaço da escrita vai além da folha de papel ou do livro: ganha o virtual e engloba recursos físicos hipertextuais. A intertextualidade se materializa em *links* e outras páginas de textos, imagens, sons.

Para Marcuschi (*ibid*, p.88-90), essa nova dimensão espacial “exige a revisão de nossas estratégias de lidar com o texto. Sobretudo as estratégias que dizem respeito à continuidade textual”. O texto da Internet, no formato hipertextual, é fragmentário,

principalmente aquele produzido por adolescentes numa escrita sobre si. Dessa forma, a leitura e sua compreensão acontecem na “relação de porções textuais propiciadas por expectativas, interesses, necessidades e outros aspectos que envolvem crucialmente conhecimentos de base mais sólidos”.

Aliado a isso está a escrita digital com suas peculiaridades – abreviações, recursos paralinguísticos, componentes não-verbais, pontuação exagerada, entre outros –, que, apesar da aparente simplificação da língua, tornam o texto mais complexo para quem não domina tais recursos. Por isso a revisão das estratégias ao lidar com o texto a que Marcuschi se refere.

Os textos dos *blogs* pessoais de adolescentes, à primeira vista, podem parecer caóticos quanto à escrita eletrônica; mas, no que tange à textualidade, são textos com encadeamento de ideias, articulação, convicções subjetivas e, essencialmente, comunicação. O dialeto da Internet não invalida nem diminui a produção escrita.

5. INTERNET E ENSINO: O BLOG COMO FERRAMENTA

Um dia de espantos, hoje. Conversando com uma rapariga em flor, estudante, queixa-se ela da dificuldade da língua portuguesa, espanto-me:

- Mas como pode ser difícil uma língua em que você está falando comigo há dez minutos com toda a facilidade?

Ela ficou espantada.

Mário Quintana

Muitas são as vantagens que o computador propicia ao ensino, especialmente em relação ao aprimoramento da língua escrita, já que oferece facilidades tanto para o escritor iniciante como para aquele com um bom domínio de sua língua. O potencial instrucional que o computador oferece ainda não é totalmente aproveitado por muitos educadores. No entanto, se engajado no currículo e voltado para a produção de trabalhos com significado real para o aluno, o computador pode ser muito útil na escola.

A principal função da escola é ensinar o aluno a pensar, refletir e criar com autonomia. Usando o computador como ferramenta auxiliar no processo de

desenvolvimento cognitivo, os educadores passam a dispor de uma gama de estímulos que levarão os alunos ao pensamento crítico, com maior poder de decisão para solucionar problemas.

Que “sacudidas” a entrada do computador na escola traz às estruturas educacionais? Que teorias psicopedagógicas orientam o uso desse instrumento? Que usos podemos fazer dele? Já se utiliza o computador como facilitador para o desenvolvimento e aprimoramento da língua escrita e de outras áreas do conhecimento, com o editor de textos, o hipertexto e a rede (por meio dos serviços da Internet). O *blog* apresenta-se como um recurso rico em possibilidades no complemento ao ensino da língua materna.

5.1. Computadores na escola

Várias escolas adotaram essa tecnologia para não ficar fora da “corrida pedagógica” estabelecida pelo sistema educacional, que impõe o moderno e atual para justificar o “bom ensino”. Muitas vezes, embarcaram nesse novo ambiente sem se preocuparem com uma das funções do computador: auxiliar o educando a construir seu conhecimento (Papert, 1994).

Por outro lado, os professores também se sentem ameaçados, pois o computador instiga uma mudança de paradigmas. Segundo Paulo Freire (1997), a prática educativa, enquanto social e histórica, relaciona-se com as condições de tempo e espaço em que ocorre. Avanços tecnológicos e científicos acontecem, nos tempos atuais, com uma velocidade alucinante e colocam algumas exigências para a nova geração que vive essas transformações, como, por exemplo, que sua Educação se centre mais na criatividade, na construção de uma consciência crítica, na habilidade de dar respostas mais rápidas, no poder de decisão e síntese, na capacidade de fazer relacionamentos.

A quantidade de informações a que são expostos os jovens diariamente, enquanto ficam horas diante de um computador navegando pela Internet, ou ao assistirem à televisão, ou ainda pelo rádio, vídeo, revistas, livros, não se compara ao que eram acostumados os estudantes de algumas décadas atrás. Atualmente, os alunos que

chegam às escolas carregam uma bagagem infinitamente maior que aquela trazida pelos alunos de outrora. Para acompanhar essa revolução tecnológica dos últimos tempos, a escola não hesitou em adquirir o instrumental mais moderno para atualizar o espaço educacional. Entretanto, o mais avançado retroprojeto do mercado, o DVD, ou ainda o computador de última geração de nada adiantam se o sistema continua o mesmo do passado. Muitas tecnologias vêm-se desenvolvendo para facilitar a aula do professor, mas pouca mudança em termos de paradigmas educacionais de fato ocorrem.

Com a entrada do computador na escola, transformações aconteceram. Os educadores passaram a perceber o potencial dessa nova tecnologia e investiram em mudanças pedagógicas para interagir o aluno com a máquina, o professor com a máquina, o professor com o aluno, o aluno com o aluno. Enfim, o computador veio “sacudir a poeira” da prática pedagógica ainda carregada do ranço industrial dos últimos tempos. Possibilitou aos educadores repensarem sua atuação e abrirem os olhos para o novo público que frequenta as salas de aula - pessoas diferentes, com ideias diferentes, com objetivos diferentes e que não aceitam mais um ensino massificado e robotizado.

Mudanças, contudo, são lentas e requerem paciência e colaboração dos envolvidos no processo. Por isso, ainda encontramos resistência por parte de muitos professores que continuam a pensar que o computador veio para substituí-lo. Além disso, a tecnologia se desenvolve rapidamente, o que faz com que as pessoas não consigam acompanhá-la sozinhas, exigindo, assim, um trabalho cooperativo maior, em equipes multidisciplinares, capacitações e disponibilidade para o aprendizado. O professor não está acostumado a esse tipo de trabalho, pois ele detém o conhecimento específico de sua área e raramente se dispõe ao intercâmbio necessário.

Duas concepções de aprendizagem e conhecimento embasam a relação aluno-professor e tentam dar uma descrição dos processos que levam o aluno a analisar, lembrar, relacionar, generalizar, conceituar face ao computador:

- Empirismo – prega que todo conhecimento provém da experiência. O sujeito é uma *tábula rasa* a preencher-se com as impressões do mundo pelos órgãos do sentido. O conhecimento é uma cópia do real. A expressão mais imponente dessa teoria é o Behaviorismo (Watson, Pavlov, Skinner, Thorndike) – a ciência do comportamento. Este provém de reações a estímulos provocados pelo ambiente, e pode ser medido, controlado e previsto. Dessa forma, a mudança de comportamento (aprendizagem) ocorre em decorrência do treino ou da experiência (associação de estímulos e respostas);
- Construtivismo, sociointeracionismo e construcionismo – para essas concepções de aprendizagem, o conhecimento se constrói na interação com o pensamento do outro e com o objeto de estudo (Piaget, Wallon, Vygotsky, Leontiev). Os conhecimentos prévios internalizados vão interferir no aprendizado do novo conhecimento que se dá por acomodação e assimilação. Acomodação, quando as significações já existentes no pensamento se adaptam ao novo significado. Assimilação, quando ocorre a internalização desse novo significado. A reflexão crítica sobre o que já se tem construído precisa ser praticada para que se possa acrescentar novos conhecimentos àqueles já existentes. Essa reflexão acontece quando alguém (o professor, o meio ou outro aluno) questiona, pergunta, provocando o pensar sobre, a problematização, causando desequilíbrio. No restabelecimento do equilíbrio (adaptação) acontece a aprendizagem.

A utilização do computador vai ditar suas vantagens e suas limitações, além de estar ligada à teoria de aprendizagem adotada pelo educador que o emprega como instrumento didático e à finalidade de seu uso.

Assim, diferenciam-se duas posições, segundo Valente (1993):

- O computador ensina o aluno – o uso de programas educativos estruturados com o objetivo de exercitar e de praticar algum assunto se enquadra nessa posição. Baseados nos métodos de instrução programada tradicionais (behaviorismo), os *softwares* são do tipo tutorial e exercício-e-

prática. Os jogos educacionais e a simulação também se encaixam nessa categoria;

- O aluno ensina o computador – o computador é uma ferramenta que permite a resolução de problemas por meio da programação ou da realização de tarefas para fins de comunicação. Nesse caso, faz-se necessário o uso de *softwares* que permitam ao aluno representar suas ideias e dirigir seu próprio aprendizado. Linguagens de programação, editores de texto, tabelas matemáticas, entre outros, são os *softwares* apropriados para essa situação.

Em qualquer situação, entretanto, o papel do professor é fundamental. Pode-se aproveitar o computador para reproduzir uma aula tradicional de quadro e giz, quando, por exemplo, o professor usa tutoriais, deixando o aluno sozinho diante da máquina, sem interferir ou criar situações de desequilíbrio para este aluno; ou podem-se promover ambientes de construção de conhecimento, quando o professor proporciona o uso do computador como ferramenta para o processo de aprendizagem, colocando o aluno em situações de desequilíbrio para que resolva problemas com mais autonomia.

Como a interação com a máquina já é motivação suficiente para o aluno, o uso ponderado das abordagens citadas anteriormente revela-se bastante satisfatório no que diz respeito ao seu desenvolvimento cognitivo.

5.2. O computador e o aprimoramento da língua escrita

Linguagem e Comunicação

A entrada de computadores nas escolas só se efetivou a partir do advento do microcomputador, no final da década de 70, com *softwares* de instrução auxiliada por computador dos tipos tutoriais, programas de demonstração, exercício-e-prática, avaliação do aprendizado, jogos educacionais e simulações, de acordo com Valente (1993). Logo depois, vários *softwares* com fins educacionais invadiram o mercado e

auxiliaram as disciplinas de ciências, matemática, leitura, artes e estudos sociais, no início dos anos 80.

Criar textos, comunicar-se através de redes de computadores, programar (já que programar o computador é ensiná-lo a executar alguma tarefa - “falar com ele”), são atividades que utilizam o computador como uma ferramenta que auxilia o aluno a desenvolver a linguagem escrita e a leitura como formas de comunicação. Isso se relaciona com a segunda concepção estabelecida por Valente - o aluno ensina o computador -, e também se fundamenta na teoria construtivista, sociointeracionista e construcionista da aprendizagem.

A linguagem LOGO⁵¹ e a língua materna

Para conviver plenamente com o computador, é necessário estar pronto para dialogar com ele. Para que haja interação entre pessoas por meio do computador é fundamental dominar a língua materna. É bastante comum encontrar usuários que utilizam o computador apenas como máquina de escrever por não saberem como falar a língua do computador. Acontece uma subutilização da máquina, e o usuário se sujeita a um não-desenvolvimento de soluções pessoais.

Segundo Vygotsky (1987), no processo da escrita deve-se tomar conhecimento da estrutura sonora de cada palavra, dissecá-la e reproduzi-la em símbolos alfabéticos, estruturados e memorizados antes. Da mesma forma deliberada, se põem as palavras em uma certa sequência, para que se possa formar uma frase. A escrita exige um trabalho consciente porque a sua relação com a fala interior é diferente da relação com a fala oral.

⁵¹ Linguagem de programação criada em 1967, no Massachusetts Institute of Technology (MIT), Boston, EUA, por Wally Feurzeig e Seymour Papert. O termo LOGO foi escolhido como referência a sua significação grega: pensamento, raciocínio, discurso. O Logo nasceu com base nas referências teóricas sobre a natureza da aprendizagem desenvolvidas por Piaget, e nas teorias computacionais, principalmente a da Inteligência Artificial, vista como Ciência da Cognição, que para Papert também é uma metodologia de ensino-aprendizagem, cujo objetivo é fazer com que as crianças pensem a respeito de si mesmas. O ambiente Logo tradicional envolve uma tartaruga gráfica, que é um robô pronto para responder aos comandos do usuário. O Logo também possui comandos para manipular palavras e listas (conjunto de palavras), com as quais é possível "ensinar" a tartaruga (metáfora para o computador) a produzir uma frase, criar histórias, integrar a parte gráfica com a manipulação de palavras para fazer animações.

A escrita é um meio de registrar informações que se quer relembrar mais tarde. Para isso, são necessários símbolos e marcas como auxiliares da memória. Os símbolos precisam organizar-se para que façam sentido e assim apresentem alguma função.

Para Bossuet (1985), o processo de apreensão do código linguístico e organização das palavras para formação de frases, na realização da escrita, em muito se assemelha à programação. Quando se programa o computador, além de dominar a linguagem, é imprescindível um bom conhecimento da língua materna, porque, na programação, usa-se a forma escrita como meio de comunicação com a máquina. Assim, quando se está aprendendo uma linguagem de programação, passa-se a refletir mais sobre seu próprio código linguístico. Assemelha-se ao que acontece quando se estuda uma língua estrangeira: as diferenças e similaridades linguísticas são confrontadas, levando a uma reflexão e a um aprimoramento da língua materna.

Os princípios organizacionais das línguas naturais são os mesmos em qualquer lugar e se estendem a todas as manifestações humanas que envolvam a expressão e a interpretação. É possível, assim, de acordo com Senna (1993), estabelecer-se um paralelo entre a construção de sentenças e textos e a representação de um problema por meio de uma linguagem de computação.

A linguagem LOGO de programação, por ter sido desenvolvida para crianças, apresenta semelhanças à língua materna, facilitando a resolução de problemas de diferentes maneiras. Os comandos não são códigos ou símbolos, mas palavras ou pequenas frases da linguagem infantil, o que amplia o papel da linguagem LOGO como ferramenta pedagógica, pois estabelece uma relação entre a linguagem de programação e a língua materna.

Fagundes (1986) diz que, por ser uma linguagem de programação com sintaxe de língua natural, torna-se mais fácil para o aluno compreendê-la, e como ele aprende praticando no computador (interagindo com ele), o processo de aquisição dessa linguagem se parece bastante com o processo de aquisição de sua própria língua: interagindo com o meio ou com outra pessoa, vai-se construindo a escrita e desenvolvendo o pensamento. Na construção de um programa, inserem-se aspectos da capacidade humana também presentes na elaboração do discurso escrito ou

falado: a problematização, a reflexão e a ação. É preciso refletir sobre o problema para se agir em direção a uma solução.

Para Papert (1985), atividades de programação promovem práticas de pensamento, pois requerem a decomposição de problemas complexos em problemas menores, estimulando um raciocínio mais estruturado capaz de solucionar problemas mais difíceis. As crianças que aprendem a programar um computador são levadas a pensar sobre o seu próprio pensamento. A experiência com planejamento, execução e depuração de programas ajuda a criança a adquirir um raciocínio mais estruturado, facilitando a organização do pensamento para a criação de textos.

Para isso, usa-se a palavra carregada de significados, a qual assume um sentido prático porque necessário. A linguagem LOGO permite esse ir e vir de códigos linguísticos, trazendo uma função para a escrita, tornando-a útil como meio de comunicação com a máquina e auxiliar na resolução de problemas. No exemplo abaixo, pode-se observar como a linguagem de programação utiliza palavras da língua portuguesa:

```
aprenda quadrado
```

```
repita 4 [para frente 50 para direita 90]
```

```
fim
```

```
//COMENTÁRIO//
```

```
DIGITANDO ESSE CÓDIGO, O PROGRAMA REPETIRÁ 4 VEZES UM TRAÇO DE MEDIDA 50 PARA FRENTE APÓS GIRAR PARA DIREITA 90 GRAUS, FORMANDO NO FINAL UM QUADRADO.
```

(Obs.: o mesmo comando também pode ser escrito “repita 4 [pf 350 pd 90]”)

Percebe-se, com esse exemplo simples, que é preciso pensar sobre cada passo a ser ensinado ao computador (ou à “tartaruga”) para que ele execute as ordens e produza o que se imaginou previamente. Ensinar a tartaruga implica fazer uma descrição de movimentos para que esta execute determinado procedimento. É preciso descrever os passos com formalidade e na linguagem que ela entende, tendo em mente a imagem do que se quer realizar.

Pode-se estabelecer uma analogia com a produção textual, como uma redação escolar, por exemplo, em que as etapas de começo, meio e fim, em busca de um resultado aproximado àquilo que foi primeiramente idealizado, são necessárias à construção lógica do texto. Aulas de redação em que somente o professor lê o texto produzido a partir de temas muitas vezes sem significado para a vida daqueles alunos são desestimulantes e nada prazerosas. A linguagem LOGO, além de trazer um sentido prático para o uso do código escrito, possibilita ao aluno refletir sobre o seu próprio processo de aprender, pois exige dele o “pensar sobre”, a análise, a reflexão, a comprovação, a reconstrução, enfim, atividades permitidas por sua língua materna.

Segundo Bossuet (1985), é natural para uma criança sua curiosidade e seu desejo de *tentar*. Colocar uma criança na frente de um computador e querer que ela experimente, crie, desenvolva qualquer atividade seria praticamente impossível se continuássemos com linguagens de computador que colocam o indivíduo para raciocinar num universo do tipo matemático, que requer uma certa maturidade intelectual para sua apreensão. A linguagem LOGO, desenvolvida numa sintaxe mais natural, favorece o uso pela criança e ainda permite que ela crie sua própria “linguagem”, a partir de procedimentos que se estruturam, construindo um programa executável pela máquina.

O mesmo se dá na criação de um texto, em que pequenos trechos se desenvolvem, formando a estrutura maior que será decodificada (lida) por outra pessoa. Nesse aspecto, a programação assume papel importante na organização do pensamento que se refletirá na estruturação do texto escrito.

O editor de textos

O uso de editores de texto como ferramenta para a produção escrita, igualmente se mostra estimulador e facilitador da redação de textos porque permite pensar, repensar e reelaborar as ideias sem a tarefa árdua do “passar a limpo”. Estimulador, porque o computador por si só já é um meio atraente e fascinante para o aluno. Facilitador, pois possibilita fluidez, correção e limpeza.

A possibilidade de interagir com o computador cria novas maneiras de organizar o pensamento e estimular processos de construção do conhecimento: “o computador surge como instrumento para desenvolver a criatividade e a capacidade de raciocínio, facilitando a experimentação, sem que se percam as formas originais do texto, favorecendo, assim, o desenvolvimento da expressão escrita”. (PIMENTEL, 1995:17).

É fato que os recursos da editoração eletrônica facilitam excluir ou incluir trechos e corrigir “erros” ortográficos sem precisar apagar ou refazer o texto, deixando os alunos mais livres para escrever. Observam-se, assim, na produção escrita de vários alunos, mudanças relevantes tanto na extensão como na qualidade dos textos, seja na escrita no papel ou no computador.

Ainda no início da aquisição da língua escrita, o uso de editores de texto pode ajudar no desenrolar do processo de alfabetização. Na listagem abaixo, verificam-se algumas das facilidades oferecidas pelo uso dessa ferramenta para o período de alfabetização:

- Uso do teclado aumentando o repertório de letras conhecidas pelas crianças;
- Superação das dificuldades motoras no traçado das letras;
- Limpeza da produção escrita como reforço positivo;
- Prazer na qualidade do trabalho impresso;
- Possibilidade de escolha de tipo e tamanho de letra adequando-as às necessidades de cada “escritor”;
- Facilitação para leitura da própria criança e de outras pessoas;
- Ludicidade do instrumento;
- Curiosidade pela máquina;
- Desenvolvimento de habilidades básicas na Informática.

Hipertextos

Hipertextos (ou hiperdocumentos ou hipermídias) trabalham a partir de associações de conceitos. Os documentos são elaborados em trechos formando uma grande rede de informações em torno de um determinado conceito, tendo como base uma estrutura de composição não linear (não sequencial), que permite ao autor criar seus

próprios caminhos de navegação e pesquisa, bem como os níveis de aprofundamento no assunto.

A ideia de hipertexto surgiu da constatação de que a maneira como se transmite informações e conhecimento não é a maneira mais natural, pois não se parece com nosso pensamento. O raciocínio humano se processa por meio de associações. Quando pensamos em algum objeto, nossa mente constrói uma rede de outras palavras, conceitos, sons, imagens, odores, sensações, etc. constituindo uma grande teia de significações. Da mesma maneira acontece quando usamos o código linguístico. De acordo com Lévy (1993), a cada palavra dita ou lembrada, uma grande rede semântica se estrutura em nossa mente que organiza e seleciona o que vai ser realmente dito ou utilizado.

Uma definição bem simples para hipertexto seria a de um conjunto de textos ligados entre si de forma não sequencial. Na versão de papel, uma enciclopédia ou um dicionário são hipertextos, já que remetem o leitor a outros verbetes. Também as notas de rodapé e as referências cruzadas admitem essa função hipertextual. Hipermídia ou hiperdocumento seriam extensões do conceito de hipertexto, pois além de textos, possuem também outros meios de informação (gráfico, animação, vídeo, fotografia, som etc.).

Num hipertexto, o leitor pode escolher seus caminhos de acesso (ligações) através da seleção de palavras-chave (botões) contidas no corpo do texto, criadas anteriormente por seu autor, que levam a outros textos, ou imagens, vídeos, sons, relacionados com sua escolha. Por meio de menus, indicadores, botões e ajuda, ele se orienta na utilização do hipertexto para locomover-se e localizar-se no contexto. Isso coloca em atividade processos mentais que utilizam o código linguístico para elaborar, selecionar e tomar a decisão mais correta para cada ocasião.

Hipertextos, por possuírem estrutura flexível, promovem acesso à informação por meio de busca e navegação, conceito fundamental desse tipo de tecnologia. As informações se associam e se referenciam, oferecendo diferentes alternativas de criação e visualização de um mesmo conteúdo. Os sistemas de hipertexto também permitem que mais de uma pessoa trabalhe em conjunto com outras, adicionando e

fazendo novas ligações de conceitos, criando novos caminhos, tecendo comentários, interagindo diretamente com as informações.

A utilização do hipertexto pode acontecer em diversas áreas cujo principal objetivo é a interação entre aluno e conhecimento. Assim, aproveita-se o hipertexto tanto para fins de pesquisa - mais voltados para a consulta e apresentação de informações - quanto para o desenvolvimento de sistemas para fins específicos - criação e interligação de informações. De acordo com Jacobson (1996), todas essas áreas, entretanto, apresentam a necessidade de utilizar relações referenciais entre as informações, o que levará o aluno que usa o hipertexto a um rendimento, em termos de produtividade e entendimento, melhor na área em questão.

O uso de hipertextos na Educação permite que o aluno desenvolva um pensamento mais crítico sobre determinado assunto por fornecer uma estrutura que permite perceber e entender diferentes fatores desse mesmo assunto. Quando um problema é analisado por diferentes aspectos, diferentes pontos de vista, é melhor compreendido, facilitando sua resolução. Com acesso a uma variedade de informações e capaz de relacioná-las, o aluno desenvolve o pensamento crítico e a capacidade de argumentação, conseqüentemente amplia as habilidades linguísticas.

Para que haja total interação aluno/máquina, e para que o uso da língua se aperfeiçoe em todos os seus parâmetros (elaboração de ideias, estruturação do pensamento, organização do código linguístico), o ideal seria o aluno construir seu próprio hipertexto. As associações semânticas e as ligações necessárias à navegação, quando idealizadas por ele, resultam em uso pleno do seu conhecimento da língua natural como também desenvolvem conceitos a respeito do assunto por ele trabalhado no processo.

Na elaboração dos textos para seu sistema de hipertexto, o aluno utiliza a língua escrita de diversas maneiras: idealização do assunto, síntese dos fatos mais importantes, objetividade, clareza, relação de ideias, campo semântico, ortografia aprimorada. Como o produto será lido por outras pessoas, a função social para a escrita ganha destaque, estimulando o prazer para a produção do texto e para a busca de um trabalho mais bem definido.

O uso da rede

Segundo Borges, Cavalcanti e Campos (1995), o ambiente de rede se configura como um meio de promover a cooperação, descobertas e transformações mediante a integração entre alunos, professores e outras pessoas conectadas à rede, propiciando a construção de uma prática social com condições de ativar os mecanismos cognitivos e promover o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, resultando na construção de um método de organização e análise de dados.

O uso da rede favorece o desenvolvimento de habilidades para se comunicar, para cooperar, coordenar e trabalhar, permitindo a definição e redefinição permanente dos conteúdos em questão. Para Fagundes (1992), facilita ainda a vivência do trabalho em grupo na busca da solução do problema proposto, considerando e reconhecendo a experiência e o conhecimento de cada um para gerar um saber coletivo. A partir de diferentes pontos de vista, as trocas qualitativas de pensamentos, de ideias e de representações concedem espaço para situações de desequilíbrio das estruturas de apreensão do real, beneficiando o aprendizado.

Vygotsky (1984) afirma que o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo pelo qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam. Processos internos de desenvolvimento operam quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Nesse contexto, a linguagem tem papel fundamental, pois é por meio dela que o ser humano interage e transmite conhecimento. Atividades de cooperação contribuem para a compreensão das diferenças de opinião e para as mudanças de pensamento produtivas.

Com a rede, a capacidade de comunicação ganha proporções incomensuráveis. Seu uso amplia os recursos da sala de aula, pois a torna ligada a todas as partes do mundo, enriquecendo as várias áreas do conhecimento. Lévy (1993) diz que a Internet é a maior rede mundial de computadores existente. Ela interconecta pessoas para os mais variados fins e contribui para ampliar e democratizar o acesso à informação. Seu uso permite disseminar experiências e conhecimento sobre as

mais variadas áreas de estudo, entre milhões de usuários espalhados por todos os continentes.

Para o uso da rede na Educação, de acordo com Barros (1995), a língua escrita ganha novo sentido em sua utilização. Na troca de mensagens escritas, surge um ambiente que favorece situações de comunicação com produção real de significação. O trabalho de escrita ganha contexto; a linguagem é constantemente elaborada, estruturada e reavaliada, porque existe motivação para produzir. Na troca de correspondências, informações, experiências, a escrita passa a significar mais para o aluno, pois ele não está escrevendo *mais uma redação*, mas se comunicando com alguém.

Os serviços de comunicação na rede

À medida que as redes de computadores crescem, e que o volume de informações aumenta, são desenvolvidas novas ferramentas para facilitar o acesso e a localização dos dados disponíveis. Ao uso desses recursos chamamos “navegar” na Internet (assim como no hipertexto). Os principais mecanismos utilizados para a comunicação na rede são os seguintes:

- Correio eletrônico - troca assíncrona de mensagens basicamente textuais. É o serviço básico de comunicação em redes de computadores. Requer que o emissor seja objetivo na sua escrita, pois mensagens muito longas cansam o receptor;
- Listas de discussão - intercâmbio de informações. Listas de discussão, também chamadas de conferência eletrônica, são mecanismos que permitem que toda correspondência recebida seja imediatamente redistribuída a todos os participantes da lista. Assim, cada mensagem enviada por um participante é recebida por todos os outros, garantindo-se um seminário em que todos podem “ouvir”, assim como todos podem ser “ouvidos”. O uso de listas de correspondência caracteriza o modo assíncrono de comunicação, fundamental nesses debates, por não exigir que as pessoas utilizem simultaneamente a rede. Facilita grandes discussões sobre algum tema de interesse do grupo ou sobre

algum assunto de determinada disciplina escolar. Novamente o uso apropriado da língua escrita é enaltecido, já que, em um debate, o poder de persuasão e de decisão é fundamental;

- *Chats* ou bate-papo - conversação em tempo real (síncrona). É a troca de informações, mensagens e compartilhamento da mesma tela de discussão por duas ou mais pessoas simultaneamente, não importando sua localização geográfica. Os alunos gostam muito desse tipo de comunicação que se pode dar por pura diversão ou para fins educativos, em que se lançam temas variados para discussão. Nesse ambiente, o uso da língua escrita fica mais informal e coloquial, pois não há tempo de elaborar um discurso mais cuidado;
- WWW - serviço em hipertextos para buscar informações. Os documentos ficam armazenados em repositórios distribuídos pelos diferentes computadores da rede. A leitura crítica tem papel fundamental nesse tipo de ambiente, pois o usuário se depara com uma imensidão de informações, e saber selecionar torna-se fundamental para enriquecer seu conhecimento.

Esses serviços podem ser de grande utilidade para a Educação no que diz respeito à aprendizagem cooperativa, ao trabalho em grupo, à busca e ao aproveitamento de informações, ao desenvolvimento do pensamento crítico a partir da seleção das informações, à troca de experiências. O aluno geralmente trabalha melhor quando está em pequenos grupos que permitem a discussão de determinado assunto, evitando limitar-se ao próprio conhecimento.

No trabalho cooperativo, a troca de explicações permite a elaboração do pensamento para poder transmitir ideias uns aos outros. Durante essa troca, que se dá por *e-mail*, lista de discussão, *chats* ou mesmo quando se faz uma consulta nas páginas da Internet, novas informações são incorporadas ao conhecimento, gerando interesse e vontade de querer aprender mais.

No que concerne ao desenvolvimento e aprimoramento da língua escrita, esses serviços são muito úteis para que o aluno exercite seus conhecimentos linguísticos, elabore sua escrita e organize seu pensamento. Para se comunicar com outras

pessoas pela escrita, o texto precisa ser claro, objetivo, coerente para haver entendimento, tornando esses serviços úteis para o trabalho com a linguagem.

O que muda na escrita quando se usa a rede

Para Marques (1986), a rede atua como suporte para o processo da escrita, pois estimula a colaboração em pares e a troca de informações, estendendo os conhecimentos a respeito da expressão escrita, desenvolvendo a capacidade de redação, a lógica do texto, a estrutura e a qualidade da linguagem. Algumas “regras” e comportamentos se alteram e aparecem como novidade nesse espaço de comunicação:

- “Netiqueta” (etiqueta na Internet) - “postura” ao escrever mensagens na rede (tipo de linguagem utilizada e maneiras de representação); para se comunicar via Internet, é preciso utilizar uma forma educada de escrita. Isso faz com que o aluno reflita sobre sua maneira de escrever, pois além de Educação, também deve usar bem as regras gramaticais. Precisa, também, de clareza ao expor suas ideias e ser objetivo para que todos possam entendê-lo;
- *Emoticons* - simbologia usada nas mensagens digitadas no teclado comum; com a Internet como meio de comunicação, surgem novas maneiras de se expressar, minimizando as barreiras da língua. Uma delas é através de símbolos que transmitem ideias e sentimentos: ☺, ☹, :-P, :-*, já que o texto escrito não dispõe dos recursos gestuais, entonacionais, expressivos da fala. Junto aos *emoticons*, a pontuação expressiva também é largamente utilizada;
- “Informatiquês” ou “internetês” - linguagem recheada de termos estrangeiros, em função do vocabulário da informática, e de abreviações, em função da economia de tempo. Com o domínio americano na área da Informática, a língua absorveu vários termos ingleses e os incorporou ao seu vocabulário. A dificuldade e a familiarização com novos termos é vivida pelos alunos quando começam a conversar via rede: *deletar, mouse, clicar, escanear, printar* etc. entram no vocabulário de quem troca mensagens pelo computador. As abreviações também aparecem como forma de escrever com mais agilidade e rapidez. Aparecem termos como *vc* (você), *tb*

(também), *blz* (beleza), *bjs* (beijos) e, ainda, a troca de letras *kero* (quero), *axim* (assim), sempre com a função da economia linguística. É um novo dialeto que se constrói entre os usuários de computadores, configurando-se um jargão específico do meio.

Essa foi a maneira encontrada pelos usuários de compensar no texto o que não se pode ver - gestos, expressões e sentimentos. Como o texto de um *e-mail* ou de um *chat* precisa ser objetivo e curto, não daria para utilizar as formas comuns de comunicar expressões e sentimentos, como a introdução de um narrador, por exemplo, aumentando em muito o tamanho do texto. A saída para produzir um texto econômico é usar a linguagem simbólica ou o “dialeto eletrônico”.

5.3. O *blog* como ferramenta de ensino

Seja qual for o uso que se faça do computador, os processos mentais envolvidos na linguagem e na comunicação são estimulados e, com isso, a estruturação do código linguístico se dá em bases mais firmes e com mais funcionalidade para o aluno. O computador favorece ambientes de interação e cooperação tanto na sala de aula, com trabalhos em pequenos grupos, como em ambientes maiores de computadores interligados em rede e pessoas trocando conhecimentos com outras de diferentes lugares do mundo.

Os *blogs* representam uma ótima oportunidade para educadores promoverem a leitura e a escrita, pois incorporam características dos editores de texto, dos hipertextos e, principalmente, das redes de comunicação para a troca de conhecimentos. Tais características proporcionam um contexto de comunicação mediada por computador para expressão individual e interações colaborativas no formato de narrativas e diálogos.

Os *blogs*, por apresentarem espaço limitado, levam os alunos a condensarem seus textos buscando objetivar suas ideias; os comentários estimulam o compartilhamento e a revisão por parte dos leitores e dos escritores, em um processo de comunicação interativa. Outra característica é o imediatismo, pois tão logo se publica algo em um *blog*, inicia-se o sistema de comentários e respostas e

ainda, a participação ativa. O *blog* também proporciona a oportunidade de discutir temas iniciados em sala de aula, para complementá-los, pensando sobre o assunto, e respondendo, o que induz uma maior participação de todos os estudantes. Os professores podem propor a criação de um *blog* para discutir livros lidos, expor suas ideias sobre determinados assuntos, escrever e discutir sobre notícias diárias, criar projetos em grupo, entre tantas outras atividades.

Além da preocupação com o desenvolvimento da leitura, o uso de *blogs* na Educação leva a repensar processos de leitura requeridos pelas novas tecnologias, que aparecem não somente como estratégia ou meio para alcançar um objetivo, mas como mediadora da leitura. Como o *blog* é construído em hipertexto, novos processos cognitivos e relações discursivas com a leitura são desenvolvidos. A opção de ler um pouco, de ler tudo, de copiar e colar, de lincar outros textos, ou seja, a relação com o texto no suporte digital traz novas maneiras de ler: leitura de menus, de ícones, de links, entre outros. Seria o que Marcuschi (2004:19) considera como *discurso eletrônico* (ou comunicação mediada por computador) ou “modos sociais de interagir linguisticamente”.

Os *blogs* incitam a autoria e a publicação on-line de conteúdo construído pelos alunos, pois, muito mais do que diários pessoais, são canais de expressão e comunicação que promovem o contato entre pessoas com interesses comuns. Poder editar e interferir em conteúdos, expondo a própria opinião, são atrativos para um trabalho de leitura e escrita, e até mesmo de construção do conhecimento. A possibilidade de discussão e criação coletiva, agregando pessoas em torno de assuntos diversos é vantagem na utilização do *blog* com objetivos didáticos.

Para Marco Silva (2000:197), a interatividade é modalidade comunicacional aberta ao receptor e a possibilidade de responder ao sistema de expressão e de dialogar com ele. O autor considera que a atitude comunicacional não deve ser um ideal, mas uma atitude prática e cotidiana e que

é preciso despertar o interesse dos professores para um nova comunicação com os alunos em sala de aula presencial e/ou virtual (...) é preciso enfrentar o fato de que, tanto a mídia de massa quanto a sala de aula estão diante do esgotamento do mesmo modelo comunicacional que separa emissão e recepção (...) comunicar não é simplesmente

transmitir, mas disponibilizar múltiplas disposições a intervenção do interlocutor. A comunicação só se realiza mediante sua participação.

Os *blogs* parece atenderem a essas necessidades se usados de forma didática e participativa. Ao professor cabe a função de disponibilizar aos estudantes autoria, informações, associações, formulações e reformulações de mensagens, criar um ambiente de avaliação formativa, incentivar a pesquisa a partir de situações-problema, enfim, proporcionar a participação ativa do aluno. O *blog* é ferramenta adequada a tais práticas, possibilitando a formação de comunidades de interesses e as trocas culturais.

Nesse contexto, a Internet potencializa a interação, pois possibilita novos contatos e construções colaborativas. Ainda de acordo com o autor (p. 199):

O ambiente virtual de aprendizagem deve favorecer a interatividade entendida como participação colaborativa, bidirecional e dialógica, e conexão de teias abertas como elos que traçam a trama das relações. (...) para garantir hipertexto e interatividade terá que ser capaz de construir interfaces favoráveis à criação de conexões, interferências, agregações, multiplicidade, usabilidade e integração de várias linguagens (sons, textos, fotografia, vídeo). Terá que garantir a possibilidade de produção conjunta do professor e dos alunos e aí a liberdade de trocas, associações e significações como autoria e co-autoria.

Utilizar o *blog* como ferramenta complementar em sala de aula é criar um ambiente virtual de aprendizagem com todos os elementos necessários à participação colaborativa. A presença de uma comunidade virtual de alunos em torno de um *blog* educativo faz com que a interatividade aconteça de maneira significativa para cada participante, pois sua contribuição é valorizada quando compartilhada com todos os membros da comunidade.

Muitos *blogs* educativos⁵², entretanto, não aproveitam todas as características da ferramenta em relação à interatividade a que se propõem. Dentro da classificação de *blogs* educativos, podem-se destacar três tipos principais⁵³, de acordo com o uso que é feito pelos educadores:

⁵² Tal categoria não foi anunciada na classificação de Abrão (2007: 15), apresentada no capítulo 1, p.40, desta tese. Por *blogs educativos*, serão chamados os *blogs* feitos por professores como trabalho complementar de suas aulas.

⁵³ Essa classificação foi feita a partir da pesquisa de *blogs* educativos realizada para esta tese, e a nomenclatura idealizada por mim.

- (1) **Blogs educativos informativos** – são os que trazem conteúdo de determinada área, mas não estimulam a participação dos alunos. Nesse caso, a informação é transmitida, mas a interatividade não acontece. O *blog* é utilizado como uma mera representação da aula tradicional de transmissão de conteúdo. Os *posts* são como a matéria escrita no quadro de giz. Algum material multimídia é inserido como complemento ao texto; no entanto, não se configura como uma prática recorrente;
- (2) **Blogs educativos semi-interativos** – são os que, além de conteúdo informativo e recursos multimídia, trazem desafios ou questões convidando os alunos a participar com seus comentários. Não se levou em conta a qualidade das questões nem dos comentários, mas a participação efetiva dos alunos, configurando certa interação. Alguns *blogs* apresentavam conteúdo complementar ao da sala de aula, outros se dedicavam a atividades extracurriculares;
- (3) **Blogs educativos interativos** – esses são os que apresentam verdadeiramente a troca de conhecimentos. O professor elabora o *blog* com conteúdo informativo, incita a participação dos estudantes e dá *feedback* aos comentários. Esse tipo de *blog* educativo representa o uso da ferramenta em sua totalidade, como recurso didático complementar às aulas presenciais. Geralmente os conteúdos se referem ao estudado em sala de aula, ampliando a informação com auxílio das facilidades hipertextuais e hipermidiáticas da Internet. Os alunos são convidados a explorar *links* que levam a outros *sites* ou *blogs* com aprofundamento do conteúdo e depois deixar seu depoimento a respeito do assunto. O mais importante aqui, no entanto, é a resposta do professor aos comentários dos alunos, configurando-se o verdadeiro aprendizado.

As imagens a seguir ilustram cada um dos tipos de *blogs* elencados anteriormente. A figura 14 representa o *blog* educativo informativo. Nele o professor reproduz uma ficha de atividades com teoria e exercícios de múltipla escolha sem ao menos disponibilizar um recurso de botões clicáveis para marcar a resposta. Não existe qualquer comentário, nem de aluno nem de *feedback* do professor. O *post* poderia

fazer parte de uma *homepage* comum ou mesmo de uma tela de editor de textos, ou ainda ser impresso e distribuído em sala de aula. O *blog* e seus recursos foram subutilizados. A interatividade não ocorreu, pois não havia chamada para participação nem comentários publicados:



Princípio de Arquimedes

O melhor de Calvin - Bill Watterson



O Empuxo

O Empuxo é também conhecido como o Princípio de Arquimedes, é a força de reação de um fluido ao ser invadido. Como sabemos, dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço ao mesmo tempo, logo ao imergir, o corpo empurra (desloca) uma certa quantidade de líquido. Por sua vez o fluido reage com uma força de intensidade igual ao peso do volume de líquido deslocado.

Como Empuxo = Peso do fluido deslocado,

Empuxo = massa \times gravidade,

mas massa = densidade do líquido \times volume deslocado,

logo $E = \text{densidade do líquido} \times \text{Volume deslocado} \times \text{gravidade}$.

Ocorre que o Volume deslocado é igual ao volume imerso, o que gera

$E = \text{densidade do líquido} \times \text{volume imerso} \times \text{gravidade}$.

É importante perceber que o empuxo está vinculado ao Volume do corpo imerso e não tem nada a ver com a massa do corpo imerso.



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Se o balão do Cebolinha possuir o mesmo volume que o balão do Anjinho, os balões estarão sofrendo o mesmo empuxo, apesar de pesos e trações diferentes

Uma nova conotação é entender o empuxo através da diferença de pressão entre o topo e o fundo do corpo. Como a pressão aumenta com a profundidade (1atm a cada 10m) a pressão por ser maior embaixo faz surgir uma força resultante de baixo para cima cuja intensidade também é $E = \text{densidade do líquido} \times \text{volume imerso} \times \text{gravidade}$.

1) (UFPEL-2005) A expressão "Isso é apenas a ponta de um iceberg" - muito usada conotativamente, hoje em dia, para mostrar que se vê apenas uma parte muito pequena de um problema, ficando o resto "escondido" - faz referência a uma situação física.



Assinale a alternativa cujos dados se relacionam corretamente com essa situação.

- o Poder das Pontas e a Rigidez Dielétrica.
- Arquimedes e o Teorema do Empuxo.
- Pascal e o Princípio da Prensa Hidráulica.
- Newton e o Princípio da Ação e Reação.
- A Lei de Stevin e a Diferença de Pressão.

Figura 14: Recorte do "Blog de aula" disponível em <http://oglobo.globo.com/blogs/blogdeaula/>

A figura 15 representa o *blog* educativo semi-interativo com *post* criado por uma professora de 4º ano do Ensino Fundamental (antiga 3ª série), em 2007, para o registro das impressões dos alunos sobre a visita a um parque arqueológico. A professora convida os alunos a participarem do *blog* com seus comentários, mas ela não responde a eles, pelo menos não pelo *blog*:

TERÇA-FEIRA, 21 DE AGOSTO DE 2007

BLOG EDUCATIVO - ATIVIDADES DIRECIONADAS

ESTUDO DE CAMPO AO PARQUE CAIEIRA - 3ª Série "E"
 Atividade:
Escreva como foi sua visita ao Parque Caieira. "Apresente detalhes" comparando o que viu no Parque com o que viu no Museu Sambaqui.



Postado por Sueli Biondo às [18:52](#)

8 comentários:

[21 de Agosto de 2007 18:56](#)
 Jéssica disse...

Gostei muito da visita ao Caieira, nunca tinha ido. Achei que lá vimos os sambaquis como eram realmente. No museu era apenas uma retratação artística. Foi um excelente aprendizado.

[23 de Setembro de 2007 16:51](#)
 Samuel disse...

Gostei mesmo foram das fotos que tiramos no museu, pois ao ver o Parque Caieira percebi que estávamos na realidade entre a teoria e a prática.

Muito bom!

[23 de Setembro de 2007 16:53](#)
 Pedro disse...

Fiquei triste porque eu só fui no Museu e faltei no dia em que foram ao Parque Caieira.

Acho que (pela empolgação dos colegas) eu perdi de aprender muita coisa.

Fazer o quê!?!


[23 de Setembro de 2007 16:55](#)
 Jonathan disse...

Eu faltei nos dois dias, minha mãe disse que eu já conhecia o Parque e para ir no Museu, tive um outro problema.

Figura 15: Recorte do blog "InfoEscolar" disponível em: <http://infoescolar-professorasueli.blogspot.com/>

SEGUNDA-FEIRA, 21 DE SETEMBRO DE 2009

Uma letrinha! Adeus, Twitter...



Na semana que passou, assim como quem não quer nada, mencionei o "barraco" ocorrido no twitter entre Xuxa e seus simpáticos seguidores. Deu o que falar! Para quem não sabe, lá vai a notícia:

"Na noite desta segunda-feira, Xuxa publicou vários posts sobre as filmagens de seu novo longa, "Xuxa em O mistério de Feiurinha". Em um deles, ela deixou que sua filha, Sasha, escrevesse uma mensagem: "oi gente sou eu sasha estou aqui filmando o novo filme a xuxa, e um vai ser m otimo filme, tenho q ir vou fazer uma sena com a cobra" (sic). O texto, que tem a palavra "oena" escrita com "s", gerou uma série de mensagens com duras críticas enviadas à apresentadora, que se irritou, respondendo: "Pra quem não sabe minha filha foi alfabetizada em ingles, vou pensar muito em colocar ela pra falar com vcs, ela não merece ouvir certas m...". (O Globo, Revista da tv, 26/08/09)

Gente!!! As opiniões se dividiram entre os alunos e alunas. Uns acharam que "todo mundo entendeu, não entendeu?", outros disseram que "ela é rica, teve oportunidade de saber escrever, tem obrigação de escrever certo!" Fiquei pensando... esse assunto envolve muuuita coisa! Desde as questões linguísticas, comportamento, até questões sociais e econômicas. Na 7ª A, por exemplo, saiu até a pergunta "Mas os ricos precisam escrever certo e os pobres não????", uns responderam "Não! isso não tem nada a ver!" No final, a turma chegou às seguintes ideias (veja aí se vc concorda...):

:D - Em ortografia todos podem errar , ainda mais quem está aprendendo;


:D - Muitas vezes a gente escreve diferente por distração, pois sabemos que os outros vão entender;

:D - Quando a gente escreve rápido e quando está na Net, "falando" espontaneamente, pode errar bastante na grafia das palavras;

:D - Quem tem muito contato com a língua escrita, quem lê bastante tem mais chance de lembrar como é a grafia das palavras;

:D - A escrita é um código que representa a língua falada (e não o som da fala), se a gente usa o código de um jeito diferente do que todo mundo sabe que é o correto, a gente pode ser criticado ou criticada.

E aí? O que é que vc pensa???? Faltou falar alguma coisa?



Bjussss...

Postado por Helaine Giraldele Balla às 16:18

41 comentários

Marcadores: ortografia

41 Comentários (foram selecionados aleatoriamente apenas alguns por economia de espaço)

Pamela Evelyn (Pam) disse...

RS até parece que ninguém erra eu então estou no 1º e erro até hoje imagina se eu fosse conhecida então nem iria ter twiter por um S as pessoas condenam as outras imagina Se fosse outra coisa uma palavra inteira o que seria dela rrsrrs

23 de Setembro de 2009 20:31

Josy disse...

eu acho ke a menina naum escreveu errado pq quis. Entaum ninguem tem o direito de criticar ela. Todo mundo erra.

24 de Setembro de 2009 08:30

Rhayane disse...

Eu acho que só por que ela é rica, ela não pode errar.. ela é pequena ela esta aprendendo ainda..! todos erram.. Ela não é perfeita.. e em ortografia, é onde as pessoas mais erram..

Beeeiijos Profª ..

24 de Setembro de 2009 08:32

"INGRID" disse...

Professora,isso não tem nada a ver todos nós erramos.Esse povo do w iter que escreveu isso é muito ignorante,e tem outra eles só disseram aquelas coisas da Sasha porque ela é filha da xuxa. parabéns pelo blog..... beijosssss!!!!

24 de Setembro de 2009 08:33

Vanessa disse...

Eu acho que errar é humano!todos tem o direito de errar não é!Não é só porque ela é rica que ela não pode errar ela é humana como todos!!

Prof adorei seu blog continue assim bjsSSS!!!!!!!

24 de Setembro de 2009 08:40

Dhy... disse...

professora eu acho que todos devem errar na vida. Se vc nunca errar naum conseguira aprender direito. Essa confusão é só pq ela é filha da Xuxa.A mídia fica muito em cima.

xauuuuuuu prof!!!! Adorei o seu blog!!!!!!!

24 de Setembro de 2009 08:45

Helaine Giraldele Balla disse...

Bem, resumindo as opiniões, vejam se é isto que eu entendi: erros ortográficos são uma constante. A confusão não foi tanto pelo erro, mas por tratar-se de uma celebridade. Cena com "s" foi um erro "chamativo". Agora a minha opinião: Os erros ortográficos que a gente comete, em grande parte, podem ser evitados se a pessoa tiver a preocupação de usar a grafia convencional das palavras, se a pessoa achar isso importante. A correta grafia não é uma mágica e nem algo tão espontâneo, deve haver revisão do que já foi escrito e pesquisa no caso de dúvidas. Dá trabalho, mas esta atitude é fundamental. Durante as postagens destes comentários apenas uns três alunos perguntaram sobre a forma correta de escrever as palavras que queriam usar.

Figura 16: Recorte do blog "Português é legal" disponível em: <http://profhelaineballa.blogspot.com/>

A figura 16 representa o *blog* educativo interativo, em que a professora coloca um *post* a respeito de uma matéria publicada em um jornal e acrescenta comentários de alunos. A seguir ela pede que façam uma análise (ao lado da figura estão alguns dos comentários feitos pelos alunos e ao final o *feedback* dado pela professora com um novo desafio). A troca de comentários entre alunos e professora faz do *blog* uma ferramenta interativa e mostra ser possível uma extensão da sala de aula para o ambiente virtual.

Em todos os casos, a intenção do professor é ampliar o espaço da sala de aula, trazendo os alunos para o ambiente virtual. A escolha do gênero *blog*, em relação à utilização de todas as suas possibilidades, no entanto, ainda não se mostra totalmente adequada.

De acordo com Belisário (2003:145), em um ambiente de aprendizagem *on-line*,

o material didático precisa garantir ao aluno o desenvolvimento de uma ação interativa, através da proposição de exercícios, provocações etc., mas que efetivamente possam conduzir à alteração ou transformação do material. Ou seja, interatividade aqui se trata de não apenas garantir o diálogo, para além da forma, mas de modo que haja uma troca de influências, ideias e permanente atualização do material a partir das contribuições dos alunos.

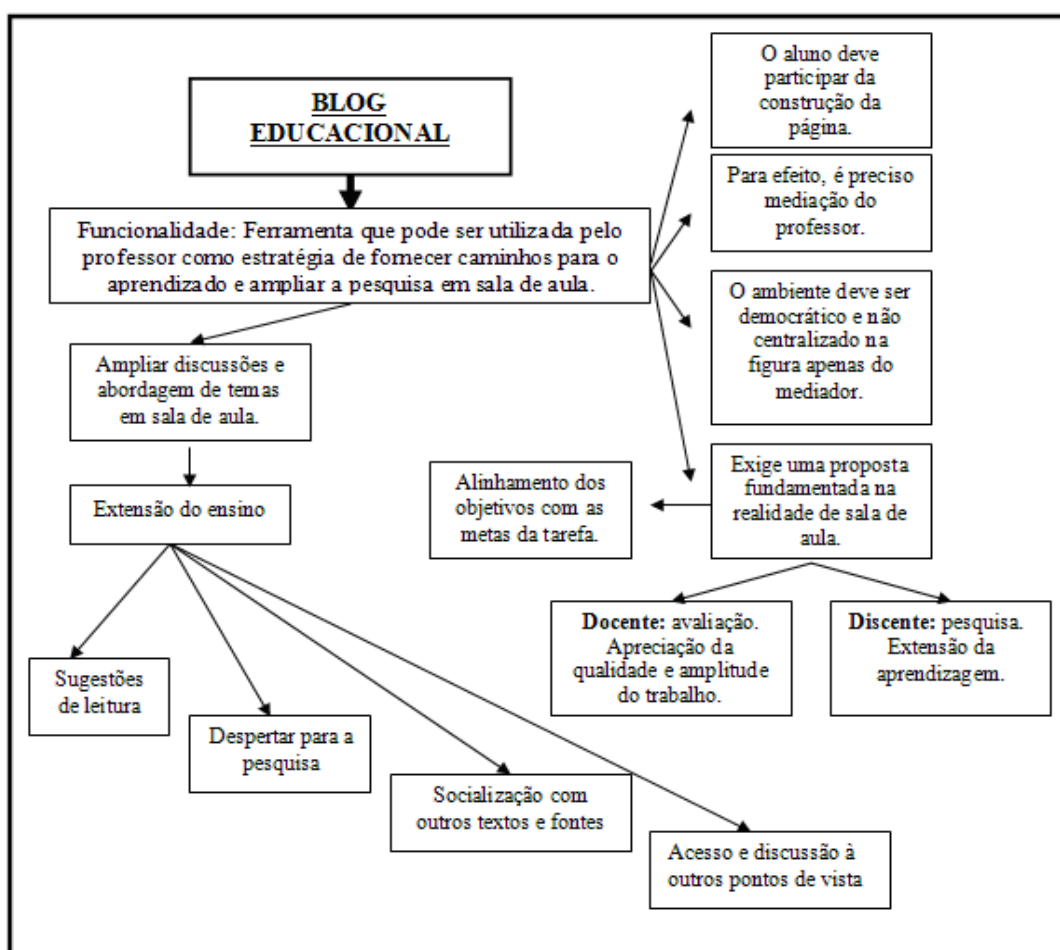
O diálogo estabelecido entre professor e alunos, alunos e alunos e ainda alunos, professores e computadores é o diferencial no uso do ambiente virtual. A apropriação dos recursos multimídia e do mecanismo de comentários deveria ser mais aproveitada pelos professores em suas aulas com *blogs* para que haja o enriquecimento do material didático disponibilizado e a não-subutilização da tecnologia digital.

Em educação *on-line*, o ambiente virtual de comunicação precisa necessariamente romper com a lógica unidirecional das aulas tradicionais para que haja mudança qualitativa no processo de aprendizagem. Nesse sentido, o uso de *blogs* ganha destaque, pois eles conseguem assimilar diferentes recursos e conquistar a participação dos alunos. Além disso, por ser um meio que utiliza basicamente a língua escrita como forma de comunicação, torna-se uma ferramenta interessante para complementar o ensino da língua materna. Ao estimular a comunicação entre

alunos e professores, o *blog* ajuda também a desenvolver e aprimorar a língua, por meio da leitura e da escrita.

Outra forma de utilização dos *blogs* em sala de aula é sua criação pelos próprios alunos. Existem *blogs* individuais de alunos ou professores e *blogs* de autoria coletiva tanto de alunos como de professores. Eles podem ser de uma única disciplina ou transdisciplinares; podem registrar atividades desenvolvidas por aluno ou por grupos de alunos. Como recurso pedagógico, entende-se o *blog* como espaço de acesso e de disponibilização de informação, com interação e debate.

O *blog* educacional precisa atender a critérios de produção que estimulem os participantes a contribuir com *posts* e comentários, para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça satisfatoriamente. Para Rodrigues (2008), um *blog* bem estruturado obedece às características descritas no quadro 12:



Quadro 12: Esquema de *blog* educacional (Rodrigues, 2008:106)

No entanto, a interferência do professor é significativa. O suporte e a orientação não podem ser desprezados na situação de aprendizagem, seja ela presencial ou pela Internet. A criação de um *blog* promove a leitura e a escrita, além da pesquisa e da argumentação, quando encaminhada pelo professor e inserida no contexto de sala de aula.

O trabalho com gêneros digitais, no ambiente escolar, tem apresentado resultados positivos em diversas áreas do conhecimento, pois tornam as aulas mais dinâmicas e interativas. Isso ocorre porque os recursos oferecidos pelo suporte virtual proporcionam maior liberdade de expressão.

Para Marcuschi (2000), a presença do computador nas escolas já é uma realidade, o problema é a ausência de políticas reflexivas que facilitem o acesso do aluno ao instrumento, de maneira a privilegiar a aprendizagem, estabelecendo diferentes formas de leitura e escrita, aprofundando questões cognitivas ainda não totalmente conhecidas pelos educadores. Não basta, portanto, informatizar a escola, é necessário atualizar práticas de ensino, explorando o computador como meio de produção.

Pode-se, então, usar o computador de variadas maneiras no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. No caso de desenvolvimento e aperfeiçoamento da língua escrita, utiliza-se o computador para fazer tarefas de escrita, de criação de textos ou de comunicação entre pessoas. Em quaisquer dos casos, pratica-se e desenvolve-se o refinamento de habilidades linguísticas.

A tarefa dos educadores, portanto, é pensar sobre a utilização do computador como ferramenta de ensino e aprimoramento da língua materna, aproveitando as variadas formas de uso da escrita para o aperfeiçoamento dos alunos. O computador torna-se aliado e não concorrente.

CONCLUSÕES

A boa prosa tem três estágios: o musical, em que é composta; o arquitetônico, em que é construída; e o têxtil, em que é tramada.

Walter Benjamin

No desenvolvimento da tese, buscou-se discutir a prática de escrita de *blogs* pessoais, considerando o gênero e suas características, a linguagem eletrônica utilizada por adolescentes e a possibilidade de uso de tal tipo textual como ferramenta auxiliar na Educação. Observou-se a evolução dos diários íntimos e sua passagem para o universo *on-line*, deixando de lado a característica de texto privado para tornar-se público e interativo.

A prática diarística, antes considerada como intimista e hermética, afastando o olhar do outro, faz-se agora expositiva. A necessidade da participação e da contribuição do outro apresenta-se como elemento indissociável da composição de um *blog*. Além disso, o momento em que se vive, bombardeado de recursos visuais, apela

para o incremento do texto, valorizando a incorporação de outros elementos junto ao relato escrito.

Os *blogs* demonstram ser ótimos exemplos de hipertexto, pois permitem o processo criativo colaborativo, com uso de recursos midiáticos, informações complementares, *links* e interatividade, garantindo dinamicidade, característica essencial ao espaço virtual. Despertam o interesse pela escrita, desde um comentário, algumas vezes sem sentido, até textos mais organizados e fundamentados, sempre com o desejo de compartilhar pontos de vista entre os interlocutores, incitando-os a responder, gerando uma discussão em torno do tema central.

A facilidade para criar e publicar *blogs* na Internet conduziu a um crescimento de usuários com o intuito de divulgar seus diários na rede, alterando o perfil tanto dos produtores de texto quanto dos leitores. Atualmente, escreve-se muito e lê-se muito também. A questão está no tipo de escrita e de leitura que o ambiente virtual proporciona.

Existe hoje um imediatismo da linguagem decorrente da rapidez que o meio virtual imprime à comunicação. A escrita é econômica e representa uma conversa, facilitando a leitura que também precisa ser rápida e imediata. Milhões de pessoas utilizam a Internet para falarem sobre si, para trocarem informações, para se relacionarem, num processo instantâneo e efêmero, preocupadas com o presente que se quer partilhar.

O produtor de um texto de *blog* escreve de maneira a atingir um público que busca leitura rápida e cotidiana, objetiva e clara. Da mesma forma, o leitor do *blog* torna-se um coautor, pois lê e comenta, contribuindo para o desenrolar de sua construção. É a era dos produtores e dos consumidores de informação com possibilidade de interatividade entre interlocutores de maneira ligeira e dinâmica.

É nesse processo que se percebe a leitura e a escrita como base da Internet e que se pode afirmar que os jovens escrevem e leem mais, apesar de os textos não seguirem o padrão formal da língua escrita. Se a língua é viva e fruto de quem a

utiliza, justificam-se as alterações e adaptações para o meio em que está sendo utilizada.

Como o uso da tecnologia digital ocupa cada vez mais espaço nas práticas cotidianas, o domínio da leitura e da produção textual ganha novos valores, além de gerar novas formas de exclusão social. É fato que a tecnologia afeta o modo como escrevemos e lemos, refletindo na escrita dos jovens em idade escolar. O computador, assim, torna-se meio de acesso a diversos tipos de letramento, adequando a escrita aos recursos disponibilizados pela ferramenta.

Levando-se em consideração que a conjunção suporte mais gênero determina a modalidade da língua a ser utilizada, pode-se considerar, no texto produzido em *blogs* pessoais, a possível existência de uma terceira modalidade da língua, situada entre a oralidade e a escrita. Tal modalidade representa um hibridismo por apresentar características tanto da linguagem oral quanto da escrita.

Uma nova variante surge, com isso; e, a partir do momento em que se traz a discussão a respeito de seu uso para dentro da sala de aula, o ensino da língua em sua forma padrão passa a ter outra dimensão. O confronto entre as duas variantes – padrão e “internetês” – torna-se inevitável, propiciando discussão e sentido ao estudo aprofundado das estruturas morfossintáticas e semânticas da língua. Assim, as reclamações de pais e educadores contra a escrita eletrônica com influência negativa no ambiente escolar não se justifica, se a escola tirar proveito para o aprimoramento do ensino da língua materna.

A escola adquire a tarefa de pensar sobre a utilização do computador como ferramenta de ensino, tendo-o como aliado e não como concorrente. Precisa aproveitar as formas de uso da escrita para o aperfeiçoamento dos alunos, e não condenar o dialeto recente. Não se trata de supervalorizar o suporte, mas sim de perceber sua influência nas interações contemporâneas, e cabe ao professor de língua portuguesa repensar seus conteúdos e estratégias para que de fato ocorra aprendizagem significativa tanto de leitura como de escrita. Afinal, o computador junto com a Internet, diferentemente de um material impresso, é a ferramenta que

congrega oralidade e escrita, individualidade e coletividade, privacidade e publicidade ao mesmo tempo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam para o ensino da língua por meio da interatividade. O gênero digital favorece isso. A escrita na Internet, em tarefas escolares, pode ampliar as possibilidades de discussão sobre temas da sala de aula, pois permite o registro escrito de diferentes pontos de vista. O *blog* favorece a participação coletiva, formando autores, coautores, leitores assíduos e alunos mais envolvidos com a leitura e a escrita com maior liberdade de expressão, favorecendo o desenvolvimento da capacidade argumentativa e da autonomia.

Nesse contexto e na análise dos *blogs*, nota-se que a tendência dos jovens é retomar a escrita padrão à medida que amadurecem. Seus textos tornam-se mais estruturados e o dialeto dá lugar à forma cuidada da língua. A escrita com abreviações e recursos paralinguísticos perde espaço nos textos principais do *blog* e manifesta-se mais nos comentários em que a rapidez e a economia ainda são necessárias.

Dessa forma, acreditar que os jovens vão abandonar a língua padrão a favor da escrita eletrônica não demonstra ter fundamento. Tal escrita manifesta-se como tendência nos espaços em que a agilidade da comunicação é mais necessária, como os comentários em *blogs*, os *chats*, os *sites* de relacionamento, o *Twitter*. Os suportes que exigem um texto mais elaborado voltam-se para a língua padrão.

Em conversa informal com professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e Médio e nas bancas de correção de redação do ENEM de que participei, percebi que a transferência da escrita digital para a redação escolar não se realiza de fato. A presença bastante reduzida de abreviações (do tipo *vc*, *tb*, *pq*) em textos de alunos não justifica a preocupação de pais e professores no que tange ao dialeto da Internet.

A língua evolui, se modifica, ganha nova roupagem de acordo com a época. Hoje em dia não se escreve nem se fala mais o Português de Camões. É natural que haja essa transformação que presenciamos com o advento da Internet. Cabe aos

educadores garantir que a língua padrão continuará prevalecendo no espaço acadêmico.

Blogs pessoais são uma realidade na evolução da comunicação. Pessoas de todas as idades e profissões escrevem *blogs* com variadas finalidades e, para garantirem credibilidade, utilizam a escrita padrão. Isso faz com que os jovens percebam a necessidade de se expressarem de forma clara e uniforme, abandonando o dialeto eletrônico tão logo amadurecem.

Na verdade, os *blogs* de pré-adolescentes deixam de ser atualizados ou simplesmente saem do ar. Muitas vezes, ao voltar a um *blog* de um jovem de 10 ou 12 anos, encontra-se uma mensagem de mudança de endereço, mostrando a decisão de continuar a escrever sobre si ou sobre determinado assunto, mas com características mais elaboradas, seja na escrita ou na temática. Um novo *blog* marca essa transformação.

O exercício diário de escrever um *blog* também requer maturidade. Apresentar conteúdo novo e motivador a cada *post* não é tarefa fácil. Somente aqueles que realmente gostam de escrever e de ler se aventuram na continuidade exigida pelo suporte. Diferentemente da escrita de diários de papel em que só o próprio autor lê, a escrita de *blogs* demanda mais energia, pois envolve o outro, envolve aprovação e aceitação.

Os jovens leem e escrevem mais. Provavelmente não leem tantos livros quanto os jovens das gerações passadas. Preferem os textos curtos e rápidos da Internet e sentem prazer ao produzir seus próprios textos. Não seria o caso de os educadores repensarmos a metodologia de ensino e buscarmos alternativas que atraiam os jovens para as leituras literárias, mais longas e aprofundadas, aliando-as às tecnologias que aí estão e que por aí virão?

Diante da situação da escola que tradicionalmente vive dificuldades na área da leitura e da escrita, tais reflexões, aliadas ao meu compromisso como professora e pesquisadora me levam a algumas proposições. O conhecimento sempre trilha

novos caminhos, principalmente na área das tecnologias. Se a escola é o espaço de leitura e escrita, o uso dos *blogs* é uma alternativa entre tantas outras.

Não espero com essa tese dar a última palavra sobre as novas tendências na Educação, mas percebo que o uso das tecnologias motiva os jovens. O surgimento de mais uma ferramenta – o Twitter – vem atraindo muitos adeptos e, assim como no *blog*, a escrita é a maior forma de manifestação. Sendo a concisão o recurso fundamental desse suporte, uma análise da produção “mini-textual” seria interessante do ponto de vista da informatividade e da aceitação de sua textualidade. A Revista Língua Portuguesa do mês de março/2010 (p.11) publicou o resultado de um estudo realizado pela British Academy que afirma que a prática de escrita de mensagens por SMS (editor de mensagens do celular) estimula a leitura e a escrita entre crianças. Tanto o SMS como o Twitter funcionam com o tamanho reduzido do texto, incorporando habilidades e competências relacionadas à leitura e à escrita que merecem ser pesquisadas.

Além disso, uma questão a ser abordada diz respeito à escrita eletrônica em outras línguas. O fenômeno pode ser estudado comparativamente entre as línguas de origem latina, focando aspectos linguísticos, morfossintáticos, semânticos. O que acontece em Língua Portuguesa também acontece em tantas outras línguas. Há no Apêndice B da tese uns poucos exemplos em língua inglesa, francesa e portuguesa de Portugal, chamando a atenção para a ocorrência das mesmas características em fenômeno mundial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Jorge Antonio de Moraes. Interação no meio virtual: a constituição de múltiplos gêneros no ambiente blog. *Revista do Instituto de Estudos da Linguagem. Língua, Literatura e Ensino*. IEL/UNICAMP. v. 2. maio, 2007. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/seer/sepeg/ojs>>. Acesso em: 24 set. 2008.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2004.

ALVES, Francisco Cordeiro. *O Encontro com a Realidade Docente: estudo exploratório (auto)biográfico*. jun. 1997. Resumo de Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millenium/Millenium29/30.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2008.

ANTUNES, Irandé. A língua e a identidade cultural de um povo. In: VALENTE, André (Org.). *Língua Portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.

ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernardete (Orgs.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Questões de Literatura e Estética*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

_____. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. 12 ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BARCELLOS, Maria Emilia. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In: AZEREDO, José Carlos de. *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 142-146.

BARCELOS, Sérgio. Aproximações: teorias contemporâneas de literatura, identidade e diários: terra roxa e outras terras. *Revista de Estudos Literários*, v. 9, 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/cch/pos/letras/terraroja>>. Acesso em: 17 set. 2008.

BARROS, Lígia Alves. As redes de computadores e o aperfeiçoamento da qualidade de ensino e da aprendizagem nos cursos de graduação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL LOGO, 7., E CONGRESSO DE INFORMÁTICA EDUCATIVA DO MERCOSUL, 1., 1995, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, LEC, 1995.

BEAUGRANDE, R. de; DRESSLER, W. U. *Introducción a la lingüística del texto*. Barcelona: Ariel, 1997.

BECHARA, Evanildo. A língua como fator de identidade. In: VALENTE, André (Org.). *Língua Portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007. p. 68-72.

BELISÁRIO, Aluizio. O material didático na educação a distância e a construção de propostas interativas. In: SILVA, Marco (Org.). *Educação On-Line*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 135-146.

BORGES, M. R. S.; CAVALCANTI, M. C. R.; CAMPOS, M. L. M. Suporte por computador ao trabalho cooperativo. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO, 15., E JORNADA DE ATUALIZAÇÃO EM INFORMÁTICA, 14., 1995, Canela, RS. *Anais...* Canela, RS: SBC, 1995.

BOSSUET, G. *O Computador na Escola: O Sistema Logo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

CAIADO, Roberta Varginha Ramos. A ortografia no gênero weblog: entre a escrita digital e a escrita escolar. In: ARAÚJO, Júlio César. *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 35-47.

CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. *Princípios de linguística geral*. 6 ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1980.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. In: MORAES, Denis. *Por uma Outra Comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 280-298.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.

COSTA VAL, Maria da Graça. Repensando a textualidade. In: AZEREDO, José Carlos de (Org.). *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 34-51.

DIDIER, Béatrice. *Le journal intime*. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

FAGUNDES, Léa da Cruz. *A psicogênese das condutas cognitivas da criança em interação com o computador*. 1986. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

_____; AXT, Margarete. Comunicação via rede telemática: a construção de um saber partilhado com vistas à mudança na prática educativa. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 27, n. 4, p. 155-159, 1992.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1986.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.

FREIRE, Paulo. A Educação do Futuro. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro: 24 maio 1997. Caderno Prosa e Verso, p. 6.

GALLI, Fernanda Correia Silveira. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. S. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 120-134.

GANNETT, Cinthia. *Gender and the journal: diaries and academic discourse*. NY: State University of New York Press, 1992.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALLIDAY, M. A. K.; HASSAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Logman, 1976.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JACOBSON, M. J.; MISHRA, C.; KOLAR, C. Learning with hypertext learning environments: theory, design and research. *Journal of Educational Multimedia and Hypermedia*, Chesapeake, v. 5, n. 3/4, p. 239-281, 1996.

JONSSON, Ewa. Electronic discourse: on speech and writing on the internet, 1997. Disponível em: <<http://www.ludd.luth.se/users/~jonsson/D-essay/ElectronicDiscourse.html>>. Acesso em: 13 out. 2008.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUEZ, Maria Helena. *Escola, leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KOCH, Ingedore G. Villaça; FÁVERO, Leonor Lopes. Contribuição a uma tipologia textual. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 3-10, 1987.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOMESU, Fabiana. Blogs e a prática de escrita sobre si na internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 110-119.

LABOV, William. *Building on Empirical Foundations*. Pensilvania: University of Pensilvania, 1982.

LEITE, Yonne e CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LEJEUNE, Philippe. *L'autobiographie en France*. Paris: A.Colin, 1971.

_____. *Le pacte autobiographique*. Paris: Poétique, 1973.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 1993.

_____. *O que é o virtual?* 3 ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

MACIEL, Sheila D. A literatura e os gêneros confessionais. In: BELON, Antonio Rodrigues; MACIEL, Sheila Dias (Orgs.). *Em diálogo: estudos literários e lingüísticos*. Campo Grande: Editora UFMS, 2004. p. 75-91.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. In: AZEREDO, José Carlos de. *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 87-111.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade In: DIONISIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros Textuais & Ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003a, p. 19-36.

_____. A questão do suporte dos gêneros textuais. UFPE/CNPq – 2003b. Disponível em: <<http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GEsuporte.doc>>. Acesso em: 12 mar. 2008.

_____; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B., BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006. p. 23-36

MARQUES, C., MATTOS, M. I.; DE LA TAILLE, Y. *Computador e Ensino: uma aplicação à Língua Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1986.

MOURÃO, José Augusto. *A criação assistida por computador - a ciberliteratura*. Colóquio Internacional “A Criação”, Lisboa, 2001. Disponível em: <<http://www.triplov.com/creatio/mourao.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2005.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. Os gêneros da redação escolar e o compromisso com a variedade padrão da língua. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar; SIMÕES, Darcília (orgs.). *Língua e cidadania: novas perspectivas para o ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2004.

_____. Gêneros textuais e conceitos afins: teoria. In: VALENTE, André (Org.). *Língua Portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007. p. 79-92.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. *De onda em onda: a evolução dos ciberdiários e a simplificação das interfaces*. In: Biblioteca on-line de ciências da comunicação. 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosameire-De-onda-onda.pdf>>. Acesso em: out. 2008.

_____. *Diários Íntimos na Era Digital: diários públicos, mundos privados*. In: Ciberpesquisa. 2002. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/>>. Acesso em: out. 2008.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 68-90.

PAPERT, S. *A Máquina das Crianças: Repensando a Escola na Era da Informática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. *Logo: Computadores e Educação*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PIAGET, Jean. *Psicologia e Pedagogia*. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

PIMENTEL, Carmen. A Literatura na Era da Informática. *Revista da Escola Parque*. Rio de Janeiro. v. 5, n. 5, p. 11-13, out. 1995.

_____. *O Exercício do Raciocínio Sistemático na Prática Escolar: um exemplo em Língua Portuguesa*. 2000. 117 f. Dissertação (Mestrado em Informática) - Núcleo de Computação Eletrônica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Austin, intertextualidade e a questão ética. In: ALBANO, Heleonora et al (Orgs.). *Saudades da Língua*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. A preservação da vida na escrita: o diário de Getúlio Vargas. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 17, 1996. p. 205-214.

_____. (Org.). *Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

RHEINGOLD, Howard. *The virtual community. Homesteading on the electronic frontier*. Cambridge, Massachusets. The MIT Press, 2000. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/index.html>>. Acesso em: 28 jul. 2005.

RODRIGUES, Cláudia. *O uso de blogs como estratégia motivadora para o ensino de escrita na escola*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

SANTAELLA, Lucia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SENNA, Luiz Antonio Gomes. *A Linguística e a Língua Materna na Sociedade Informatizada*. Encontro Brasil-França: Informática na Educação, 1993.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SHERMAN, Cris. *Pass me the blog*. 2001. Disponível em: <<http://searchenginewatch.com/showPage.html?page=2158631>>. Acesso em: 20 out. 2008.

SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quarter, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 9 ed. rev. São Paulo: Cortez, 2003.

VALENTE, André. Coesão e coerência em textos jornalísticos. *Revista Comum*, Rio de Janeiro, v. 6, no. 16, p.5-23, jan./jul. 2001.

_____. Produtividade lexical: criações neológicas. In: PAULIKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (Orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 129-143.

VALENTE, José A. *Computadores e conhecimento: repensando a educação*. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1993.

VILLANUEVA, Darío. *El polen de las ideas. Teoría, crítica, historia y literatura comparada*. Barcelona: PPU, 1991. (Literatura y Pensamiento en España).

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1984.

_____. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1987.

XAVIER, Antonio Carlos. *Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da Internet*. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/artigos/>>. Acesso em: 1 jul. 2006.

_____. *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2002.

_____. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 170-180.

_____; SANTOS, Carmi Ferraz. E-forum na Internet: um gênero digital. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete (Orgs.). *Interação na Internet*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 30-38.

LISTA DOS BLOGS

Alguns *blogs* não estão mais disponíveis; foram retirados da Internet por seus autores. Outros deixaram de ser atualizados porque os autores, muitas vezes, criaram novos *blogs* ou simplesmente desistiram de escrever.

aborrescente_adolescente.weblogger.terra.com.br

anny-sonhodemenina.blogspot.com

aquinha.pt.vu

berinjelavoadora.blig.ig.com.br

blogdafer-nanda.blogspot.com

blogosferamarly.blogspot.com

carolsauer.zip.net

cebolaroxa.blogspot.com

coisas-de-princesa.blogspot.com

condomínio_sweet_girls.zip.net

cronicasdavani.zip.net

desabaffos.zip.net

filhadosol.buzznet.com

foimiaquemdisse.blogspot.com

fotolog.terra.com.br/headonline

galoparasempre.blogspot.com

hbdia.com

iamcrazyandveryhappy.weblogger.terra.com.br

indiferentee.blogspot.com

italodoido.zip.net

joanacalmon.blogspot.com

jurandycesarrudianas.zip.net

labirintto.wordpress.com

landinho.zip.net

legallyjuju.weblogger.terra.com.br

mary_prettygirl.weblogger.terra.com.br

meninasdepantufa.blogspot.com

mundinhocookie.blogspot.com
narizgelado.apostos.com
nathy_cda.bigblogger.com
neptunices.blogspot.com
olhardomiguel.blogspot.com
pazexterior.blogspot.com
pipocandoporai.blogspot.com
ração-tem-sempre-cliente.blogspot.com
sahusha.blogspot.com
sararj.zip.net
stregirl.zip.net
supertete.bigblogger.com.br
surteei.blogspot.com
tagarelandoporai.zip.net
taticariokka.blogspot.com
techbits.com.br
teias.flog.oi.com.br
tepegoas7.blogspot.com
terradebarbies.blogspot.com
totallybarbara.zip.net
tottalytabatafashion.bigblogger.com.br
umamanhacompanquecas.blogspot.com
vindadomar.blogspot.com
wilianetaquerendo.blogspot.com
www._pfx_.blogger.com.br
www.anjadeasainsana.blogspot.com
www.arekisu.blogger.com.br
www.blogdohummel.com
www.eeepa.blogger.com.br
www.friends_forever_and_ever.blogger.com.br
www.garotasquedizemni.com
www.geninhacobain.weblogger.terra.com.br
www.interney.net/blogs/aomirante

www.juntandooscacos.blogspot.com.br
www.lozinha123.weblogger.terra.com.br
www.morroida.com.br
www.niam.blogspot.com.br
www.night_girl.blogspot.com.br
www.perfect-lays.blogspot.com.br
www.simpleplan_perfect.weblogger.terra.com.br
www.soltanomundo.blogspot.com.br
www.vendenafarmacia.com

Blogs Educacionais

avidaeafisica.blogspot.com
oglobo.globo.com/blogs/blogdeaula/
nteitaperuna.blogspot.com
www.conexaoaluno.rj.gov.br
profhelaineballa.blogspot.com
arteemacao.blogspot.com
joaobj.blogspot.com
escoladinorah1.blogspot.com
palavraaberta.blogspot.com
blogauladeinformatica.blogspot.com
edublogosfera.blogspot.com
matupecar.blogspot.com
diariodasarinha.blog.terra.com.br
leisdemurphy.blogspot.com.br
fisica2cec.blogspot.com
umprofessordehistoria.blogspot.com

GLOSSÁRIO

*Certas palavras não podem ser ditas
em qualquer lugar e hora qualquer.
Carlos Drummond de Andrade*

Com o advento do *blog*, várias palavras surgiram, criando um campo semântico que se adaptou às regras ortográficas e morfológicas da Língua Portuguesa. De origem inglesa (ou americana), essas palavras vêm para o Brasil e passam a fazer parte do léxico dos usuários de *blogs* e de outros ambientes virtuais.

A palavra **blog** é uma corruptela de *weblog* que significa diário de bordo na *web* (**web** = rede de computadores ou Internet e *log* = diário de bordo). Algumas pessoas utilizam a variante abrigada blogue.

A partir da palavra *blog* ou *blogue*, muitas outras já se formaram:

blogar – verbo com suas variações (ex.: Você já blogou hoje?); escrever, navegar, comentar em um blog; qualquer atitude relacionada a *blogs*. O verbo é conjugado de acordo com as variações regulares de 1ª conjugação.

blogagem – ato de blogar.

blogosfera – conjunto de *blogs* e blogueiros; ecossistema de comunidades de blogueiros e leitores interconectadas.

blogueiro(a) – a pessoa que faz um *blog*. Também pode ser bloguista ou blogador ou *blogger*.

bloguerreia – do inglês *blogorrhea*: escrita compulsiva que resulta numa quantidade anormal de *posts*, normalmente irrelevantes e desnecessários. Escrever por escrever.

flog – abreviação de *fotolog*. Variação do *blog*, construído com fotos, prioritariamente, e poucos textos.

flogando – aquele que faz um *flog*.

- Outras palavras que se referem ao universo semântico do *blog* e da Internet:

ambiente virtual – espaços de comunicação mais restritos que o ciberespaço. Pode-se dizer, genericamente, que o ciberespaço é formado por ambientes virtuais.

cd-rom – disco ou mídia eletrônica que contém informações digitalizados para serem lidas pelo computador. Disco de armazenagem.

chat – conversa em tempo real pela Internet; bate-papo virtual.

cibercultura – cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais; forma sociocultural que advém de uma relação de trocas entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias.

ciberespaço – termo inventado pelo romancista Willian Gibson na década de 80, o ciberespaço é definido como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999:92). Trata-se de um meio de comunicação estruturado, como a Internet, por exemplo – um espaço eletrônico virtual que utiliza tecnologia de comunicação mediada por computador.

Facebook – rede de relacionamentos na Internet (semelhante ao Orkut).

flame – comentário ou resposta insultuosa, normalmente caracterizada pelo ataque pessoal. O significado da palavra em inglês, além de chama, é insulto, mais usado para uma situação de discussão.

fórum – quadros de mensagens que aparecem diretamente nas páginas da *web*; mensagens de uma discussão encadeada organizadas por assuntos.

link – ligação em uma rede de hipertextos, criado pelo autor para sugerir um caminho de leitura de seus textos. Os *links* geralmente criam uma rede semântica entre os hipertextos.

linkar – criar um *link*, uma ligação, com outro *site*, *blog* ou página. Verbo conjugado de acordo com as variações regulares de 1ª conjugação.

deslinkar – cancelar um *link*.

relinkar – refazer o *link*.

autolinkagem – linkar para o seu próprio *site* ou *blog*.

MySpace – rede de relacionamentos na Internet (semelhante ao Orkut).

navegar – consultar ou pesquisar páginas da Internet, utilizando programas de computadores, disponíveis em um computador ou em uma rede de computadores, em busca de informações. Verbo conjugado de acordo com as variações regulares de 1ª conjugação.

nó – objeto (palavra, imagem, termo, etc.) em destaque no texto que contém o *link*. Clica-se nele para seguir um *link*.

Orkut – rede de relacionamentos na Internet em que se usa o modelo de fórum.

parasita – leitor que se 'aloja' no sistema de comentários de um *blog*, utilizando este mecanismo quase como se fosse o seu próprio *blog*, normalmente transmitindo opiniões contrárias às do autor do *blog*.

post – o texto que foi colocado no *blog*; artigo.

postar – escrever e publicar em um *blog*. Verbo conjugado de acordo com as variações regulares de 1ª conjugação.

PowerPoint – programa de computador que produz slides para apresentações. Permite a utilização de textos, imagens, vídeos, tabelas, som etc.

site – local na Internet identificado por um nome de domínio, constituído por uma ou mais páginas de hipertexto, que podem conter textos, gráficos e informações em multimídia. Também chamado de home page e, às vezes, de sítio.

trackback – trilha ou caminho para se chegar a um *blog* ou voltar para outro. O mesmo que *link*, mas que pode ser feito pelo leitor do *blog*.

tutorial – programa de computador com instruções práticas sobre assunto específico. Autoinstrutivo, utilizado para aprendizagem.

Twitter – miniblog; rede social e servidor para *microblogging* que permite aos usuários enviar e ler comentários pessoais ou gerais em textos de até 140 [caracteres](#), conhecidos como "tweets". Criado em 2006, por Jack Dorsey.

wiki – ferramenta colaborativa da Internet que permite aos usuários contribuir e acrescentar informações livremente. O uso mais conhecido é a Wikipédia, enciclopédia virtual disponível na Internet em que qualquer pessoa pode acrescentar verbetes.

- Alguns exemplos:

“PEQUENO AVISO...

O **post** de hoje está no meu outro [BLOG](#).

Nos próximos dias, voltamos à programação normal do EEPA!!!”

(<http://www.eepa.blogger.com.br/>)

“Gente, a Mirian do **flog** "Beijos" está com uma campanha para a criação de um **Fórum**, pelo provedor OI, para os **flogandos** (palavrinha feia essa) que utilizam esse provedor.

Apoio plenamente essa campanha.

Quem quiser mais detalhes acesse o **Flog** "Beijos".

Boa Sorte pra nós Miriam.”

(<http://retina.flog.oi.com.br/>)

“Eiiiiii...

Eu nem ia **postar** hj naum, mas acabei de entrar no **site** da UVV e vi que eu passei...

=)

Totalmente Cleu”

(<http://tiakeu.flog.oi.com.br/>)

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

O objetivo deste questionário não foi fazer um levantamento quantitativo, mas qualitativo. A intenção foi perceber o motivo da escrita digital com as características elencadas no capítulo 3 da pesquisa, o recurso mais utilizado e a faixa etária que prioriza tal escrita.

A partir de quatro perguntas objetivas, feitas por e-mail para um público aleatório, foram obtidas as seguintes respostas:

Pergunta 1: Você utiliza símbolos e abreviações na escrita digital?

Sim –

Nunca –

Às vezes –

Se respondeu sim ou às vezes, continue na pergunta 2. Se respondeu nunca, vá para a pergunta 4.

Pergunta 2: Por que você usa esse tipo de escrita?

Todo mundo usa –

Por economia/rapidez na digitação –

Meu teclado é americano e não possui acentos nem cedilha –

Já usava antes dos programas mais modernos –

Os programas transformam em símbolos os acentos e cedilhas –

Pergunta 3: Em que meio digital você usa com mais frequência essa forma de escrita?

e-mail –

chat (MSN ou outros do gênero) –

blog –

Orkut (ou outros do gênero) –

Pergunta 4: Sua idade: menos de 25 anos ou mais de 25 anos?

O resultado apontou que a escrita digital é mais utilizada pelo grupo de idade inferior a 25 anos e, eventualmente, os mais velhos escrevem abreviadamente somente em *chats*, quando precisam de rapidez na escrita.

APÊNDICE B

PELO MUNDO

O fenômeno da escrita digital não acontece apenas na Língua Portuguesa. O mesmo tipo de procedimento verificou-se em outras línguas, com a presença de abreviações, símbolos, *emoticons*, supressões. A título de curiosidade, recolheram-se exemplos em *blogs* de língua:

a) Francesa¹

c un truc de fou (c'est un truc de fou)

heurzment ta pas renkontré booba ou al pac' j'aurais péter un cable lol bon bah sinon la cote c'est toujours aussi 'piston' sinon tu passes pas. (*heureusement tu n'a pas recontré Booba ... parce que j'aurais péter un cable [símbolo de alegria lol] sinon la côte c'est toujours aussi ... sinon tu ne passes pas*)

ta de la chance (tu as de la chance)

bjr dsl mes tu voudrer pas metre un lien de mon blog sur tn blog et je fait de meeme ? stp dsl pr la kestion mercie de me repondre kan meme (*Bonjour. Désolé, mais tu ne voudrais pas mettre un lien de mon blog sur ton blog et je fait de même ? S'il te plaît, désolé pour la question. Merci de me répondre quand même.*)

A + sur mon blog enfin si tu veux... ;) (*il y a plus sur mon blog enfin si tu veux*)

b) Portuguesa (de Portugal)²

bgd por te juntares ao meu grupo.... =)=) (*obrigado por te juntares ao meu grupo*)

tbm adoro o teu blog e aquilo que escreves....se quiseses trocar ideias ja sabes... (*também....*)

pa ti tambm lindinhaaaa^^ bjkasss (*para ti também lindinha beijocas*)

¹ <http://fred456.skyrock.com/> blog de Fred recolhido em set 2004

² <http://miniiedanii.skyrock.com/2.html> blog de Daniella recolhido em nov 2009

c) Inglesa³

yeah that's me in pictur on my blog thank's for your com's (Yes, *That's me in the picture on my blog thank's for your comments*)

Dat is revolting!!! So cruel! (*That is revolting*)

I LOVE UR BLOG ! (*I love your blog*)

Hi ! How are-u ? :D (*Hi, how are you?*)

Em Língua Inglesa, nos Estados Unidos, o fenômeno ganhou as ruas e aparece em placas de restaurantes e de trânsito, como pode ser visto nas figuras abaixo:



B-FST 2GO significa "Breakfast to go"

³ <http://mimanchi.skyrock.com/> blog de MiManchi recolhido em dez 2009



PED XING significa "Pedestrian Crossing"